



Pontos de Memória

**Metodologia e Práticas
em Museologia Social**

Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM
Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI



Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social



Brasília
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

O68p

Organização dos Estados Ibero-americanos.

Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social /
Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos
para a Educação, a Ciência e a Cultura. – Brasília (DF): Phábrica, 2016.

98 p. : 20 x 20 cm

ISBN 978-85-69369-06-6.

1. Museologia. I. Instituto Brasileiro de Museus. II. Título.

CDD-069

Governo Federal

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura - MinC

Juca Ferreira

Instituto Brasileiro de Museus- Ibram

Presidente

Carlos Roberto F. Brandão

Núcleo de Assessoria de Relações Institucionais –NRI

Marlon Duarte Barbosa

Procuradoria Federal – Profer

Eliana Alves de Almeida Ssartori

Auditoria Interna – Audin

Werner Neibert Bezerra

Diretoria do Departamento de Processos Museais - Dpmus

Manuelina Maria Duarte Cândido

Diretoria do Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus –DDFEM

Eneida Braga Rocha de Lemos

Diretoria do Departamento de Planejamento e Gestão Interna – DPGI

Valeria Grilanda Rodrigues Paiva

Coordenação Geral de Sistemas de Informação Museal – CGSIM

Rose Moreira de Miranda

Coordenação de Museologia Social e Educação – Comuse

Cinthia Maria Rodrigues Oliveira

Servidores da Comuse

Dalva de Paula

Joana Regattiere

Juliana Vilar

Mônica Padilha

Raquel Fuscaldi

Renata Almendra

Terceirizados da Comuse

Fabiana Andrade

Maria Gonçalves

Consultores do Programa Pontos de Memória

Ana Maltez

Cristina Holanda

Cyntia Silva Oliveira

Eliete Silva

João Paulo Vieira

Maristela Simão

Mônica Costa

Natália Spim

Rodolfo Fonseca

Sara Schuabb

Silvana Bastos

Vera Demoliner

Wellington Pedro Silva

Estagários da Comuse

Beatriz Dias

Organização dos Estados Íbero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI

Escritório no Brasil

Diretora Regional

Adriana Rigon Weska

Assessoria Técnica

Roberto A. Algarte

Assessoria Jurídica

Alexandre Amaral

Secretaria

Suelen Kelly Barbosa

Valéria Ventura Barreiros

Coordenação de Desenvolvimento de Cooperação Técnica

Cláudia Paes de Carvalho Baena Soares

Coordenação de Administração, Finanças e Contabilidade

Amira Lizarazo

Gerentes de Execução e Monitoramento de Projetos

Carla Souto

Telma Teixeira da Silva

Gerente de Compras

Luiz José da Silva

Assistentes de Administração

Aline Rodrigues Gontijo

Andréa Lorena Oliveira França

Fabiana Paulina Lopes

José Wilson Sandes Dourado Júnior

Consultores

Ângelo Moraes

Fábio Mendes

Fernanda Curti

Juliana Santini de Oliveira

Lauro Umeno

Lícia Moura

Mara Costa

Rodrigo Dias

Revisão técnica da publicação - Ibram

Cristina Rodrigues Holanda

Cinthia Maria Rodrigues Oliveira

Sara Schuabb

Phábrica de Produções

Projeto Gráfico, Diagramação e Editoração

Direção de Arte

Alecsander Coelho

Paulo Ciola

Diagramação

Cícero Moura Lago

Icaro Bockmann

Marcel Casagrande

Marcelo Macedo

Rodrigo Alves

Sumário



Prefácio	6
Nota Editorial	7
Apresentação	8
Conselhos Gestores dos 12 Pontos	11
Técnicas da OEI	13
Presidentes do Ibram	14
Servidores do Ibram	14
Consultores Contratados pelo PRODOC	15
1. Sensibilização comunitária e formação da instância deliberativa ..	17
Ponto de Memória Museu Comunitário da Grande São Pedro	18
Ponto de Memória Museu do Taquaril	20
Museu Social da Brasilândia	23
2. Ações Museais	29
Museu Cultura Periférica	30
Ponto de Memória do Beiru	33
Museu Mangue do Coque	35



3. Inventário Participativo	39
Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro	39
Ponto de Memória de Terra Firme	44
Ponto de Memória do Grande Bom Jardim	49
4. Produtos de Difusão	61
Ponto de Memória da Estrutural	61
Museu de Favela (MUF)	68
Museu de Periferia (MUPE)	71
5. Teias da Memória	77
6. Avaliação de uma Metodologia em Museologia Social	79
Posfácio	97
Créditos das Imagens	98

Prefácio



Carlos Roberto F. Brandão

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

É com grande satisfação que o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/Ministério da Cultura) lança esta publicação que marca uma etapa importante no desenvolvimento do Programa Pontos de Memória e no campo da Museologia Social.

Apresentamos aqui o processo da implementação dos primeiros 12 Pontos de Memória, quando, em 2009, o programa ainda contava com o aporte do Ministério da Justiça, e do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania — PRONASCI, por meio de um Projeto de Cooperação Técnica Internacional com a Organização dos Estados Ibero-Americanos — OEI. A publicação também traz o registro da avaliação realizada por representantes de cada um desses pontos originais sobre o desenvolvimento do projeto.

O Programa Pontos de Memória nasceu articulado com a Política Nacional de Museus e com o Plano Nacional Setorial de Museus, os quais apresentam diretrizes e propostas construídas a partir de diversas instâncias de consulta pública e com ampla participação de profissionais envolvidos com a área museológica no Brasil.

Nos últimos anos, experimentamos um desenvolvimento excepcional das atividades museológicas, sobretudo o crescimento da Museologia Comunitária, que traz como foco sua função social, ressignificando os museus como espaços não apenas educativos e de convivência, pesquisa, exposição de acervos e coleções, mas também de formação política dos indivíduos e de comunidades engajadas no processo de forjar suas próprias narrativas museais. Trata-se de um

movimento amplo e diverso, composto por uma grande diversidade de atores e instituições em um diálogo rico e estimulante, aos quais temos orgulho de somar nossos esforços.

Os primeiros doze Pontos de Memória constituíram a etapa inicial do Programa, já trazendo projetos criativos e inovadores. Após esse primeiro momento, trabalhamos hoje por uma expansão significativa do programa, investindo no fortalecimento de redes autônomas de iniciativas de memória comunitária, dotadas de seus próprios canais de comunicação.

Há muito trabalho pela frente, mas passos importantes foram dados. Que os textos aqui publicados sirvam de referência para a compreensão dessa política, as etapas de sua construção e os desafios futuros. Estamos seguros de que o trabalho desse conjunto de atores, dentre eles o Ibram, constitui desde já um marco na história da Museologia brasileira. Assim, deixamos registrada a felicidade em divulgar e difundir essas experiências que tanto acrescentam à inovação no campo museal, confirmando nosso desejo de estimular novas ideias e ações, promovendo a troca de experiências e a fertilização recíproca e disseminando inovações metodológicas, temáticas e expográficas. Temos convicção de que a história do Brasil merece um número de versões que faça jus a sua dimensão e diversidade interna — e estamos contribuindo nesse sentido.





Sara Schuabb

Consultora do Programa Pontos de Memória

7

O Programa Pontos de Memória possui, como um de seus eixos principais, a construção comunitária e coletiva. Esses mesmos critérios norteiam esta publicação, a qual segue um projeto editorial acordado desde o 5º Fórum Nacional de Museus, em 2012. Trata-se de uma narrativa contada por meio de muitas vozes, cujos locais de fala especificamos desde já.

O Ibram convidou os doze primeiros Pontos de Memória do programa para relatar sua experiência, escrevendo coletivamente textos a serem assinados pelos respectivos conselhos gestores. Assim como as narrativas compostas pelos Pontos são pensadas sempre na primeira pessoa do plural, parecemos que o ideal seria que os textos aqui publicados seguissem a mesma lógica. Evidentemente, em meio aos múltiplos compromissos que assumimos, nem sempre é fácil reunir quatro ou seis mãos para produzir um texto em tempo hábil. Cada Ponto teve liberdade para decidir como produzir seu próprio texto, encontrando a solução que lhe parecesse mais adequada para chegar a resultados representativos do trabalho coletivo, caso a caso. As etapas do desenvolvimento do projeto servem de fio condutor para os diferentes textos. Elas foram divididas entre os Pontos, cabendo a cada qual narrá-las.

A etapa inicial, chamada de “sensibilização comunitária e formação da instância deliberativa”, ficou a cargo dos Pontos de Memória do Taquaril (Belo Horizonte/MG), da Grande São Pedro (Vitória/ES) e da Brasilândia (São Paulo/SP).

As “ações museais”, etapa seguinte, foram descritas pelo Ponto de Memória - Museu Cultura Pe-

riférica - Jacintinho (Maceió/AL), Ponto de Memória do Beiru (Salvador/BA) e Museu Mangue do Coque (Recife/PE).

O Ponto de Memória do Grande Bom Jardim (Fortaleza/CE), o de Terra Firme (Belém/PA) e o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro (Porto Alegre/RS) escreveram sobre seus processos de “inventário participativo”.

O Ponto de Memória da Estrutural (Brasília/DF), o Museu de Periferia — MUPE (Curitiba/PR) e o Museu de Favela — MUF (Rio de Janeiro/RJ) apresentam o processo de construção de seus “produtos de difusão”.

A essas doze vozes coletivas, somamos ainda a voz da equipe do Ibram, em boxes coloridos, que contém explicações pontuais sobre as etapas da metodologia do projeto, como também apresentem brevemente cada iniciativa de memória, contextualizando-a em seu bairro.

As imagens utilizadas pertencem ao banco de imagens do Ibram ou foram autorizadas por representantes dos Pontos de Memória.

Nossa intenção com essa composição polifônica — onde são importantes ainda as imagens produzidas por diversas fontes — foi propiciar a cada iniciativa a oportunidade de se expressar em seus próprios termos. Esperamos que a consequente variação de estilos possa dar testemunho da diversidade interna do programa, fazendo justiça a seu caráter coletivo, multifacetado e autonomista.



Apresentação



Cynthia Maria Rodrigues Oliveira

*Coordenadora de Museologia Social e
Educação Comuse/Dpmus/Ibram*

O principal objetivo desta publicação é apresentar a construção da metodologia do Programa Pontos de Memória e sua avaliação sob a perspectiva dos 12 primeiros Pontos de Memória que surgiram ou foram potencializados, com suporte do Governo Federal, a partir de 2009. A elaboração das narrativas da experiência de uma das etapas da metodologia foi produzida separadamente, por cada um dos Conselhos Gestores dos Pontos, mas a avaliação do processo foi feita em um encontro em Brasília, em dezembro de 2013, com a presença de um de seus representantes.

Os textos foram escritos em 2012 e, três anos depois, eles não requerem atualização. Sobre a autoria dos Pontos, eles são o registro — de um ponto de vista não institucional — das ações de consolidação de uma experiência inédita de construção compartilhada — entre o Estado e a sociedade civil — de uma metodologia que utiliza as ferramentas da Museologia para tratar a memória social.

De um lado, as 12 comunidades que participaram da construção dessa metodologia já trabalhavam ou desejavam realizar um trabalho sistemático de identificação, registro, compartilhamento e preservação de suas memórias. Do outro, na esteira dos pontos de cultura e inspirados por realizações como a do Museu da Maré/RJ, os idealizadores do projeto e os técnicos que compuseram sua equipe se propuseram a fazer que esses grupos se apropriassem de conceitos e de ferramentas da Museologia Social para melhor exercerem seu direito à memória.

As interações entre esses dois grupos foram

possibilitadas por uma sequência de fatos: a inclusão de ações de memória no Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci); a assinatura de um projeto de cooperação com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI); e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em 2009.

Para a realização das ações foram sensibilizadas comunidades da periferia em 12 capitais brasileiras. Assim, entre 2009 e 2011, consultores contratados pela OEI e técnicos do Ibram realizaram visitas técnicas e oficinas de modo a fundamentar conceitualmente e dar apoio técnico às atividades desenvolvidas em cada uma das etapas definidas como necessárias à constituição de um Ponto de Memória.

Desde o início, o respeito aos princípios da autonomia e do protagonismo foi fundamental: não coube ao Ibram — por meio de consultores e técnicos — realizar as ações. Elas foram resultado do trabalho de cada um dos Pontos, de acordo com suas peculiaridades locais, estruturais e de momento. Mas o reconhecimento das diferenças não se confundia com o distanciar uns dos outros, sendo uma etapa constitutiva da metodologia a realização de Teias da Memória — as quais buscavam articular os Pontos em rede¹.

Em ritmos diferentes, 11 dos 12 Pontos iniciais completaram as cinco etapas da metodologia:

¹ Entre 2009 e 2014 aconteceram quatro Teias da Memória



1. Identificação.
2. Qualificação (participação em seminários e oficinas).
3. Realização de inventário participativo.
4. Realização de ações museais para compartilhamento e difusão das memórias.
5. Reforço da rede de Pontos de Memória nas Teias Nacionais da Memória.

Para avaliar a metodologia como um todo e passando por cada uma dessas etapas, em dezembro de 2013, os representantes dos 12 Pontos e a equipe do Ibram discutiram os resultados da metodologia utilizada. Em três dias de imersão e com a aplicação de técnicas qualitativas e participativas de interação e participação, a avaliação dos resultados obtidos pelos Pontos confirmou o que, no início do projeto, era apenas expectativa.

Ficou claro que o trabalho com a memória social, realizado de 2009 a 2013, nesse modelo de parceria, permitiu aos Pontos de Memória promover:

- Conhecimento e valorização da memória local;
- Fortalecimento das tradições locais, da identidade e dos laços de pertencimento;
- Valorização do potencial local, impulso ao turismo e à economia local;
- Desenvolvimento sustentável das localidades;
- Melhoria da qualidade de vida, com redução da pobreza e da violência.

Porém, para a equipe técnica do Programa Pontos de Memória, antes mesmo de realizar essa avaliação formal da metodologia, já era possível perceber os benefícios do trabalho realizado em cada Ponto. Por isso, em 2011, reconhecendo os resultados já alcançados pelo projeto e buscando apoiar mais iniciativas que já trabalhassem com suas memórias, o Ibram lançou o primeiro edital de premiação de Pontos de Memória, destinando

45 prêmios para ações realizadas no Brasil e três para as realizadas no exterior. O número de Pontos aumentou de forma exponencial, passando de 12 para 60.

A expansão radical do número de Pontos de Memória necessitava de um redimensionamento não apenas quantitativo, mas, sobretudo, qualitativo do projeto. Enquanto lidava com 12 iniciativas, o enfoque da equipe técnica devia ser, necessariamente, operacional. A assimilação das quase 50 outras iniciativas representou um desafio para todos os atores do projeto. A equipe do Ibram precisaria adotar uma perspectiva mais estratégica, porque os 12 Pontos estavam desenvolvendo ações em diferentes etapas da metodologia. Por seu lado, os Pontos também se viram levados a se reposicionarem em relação ao Ibram.

A solução, compartilhada por muitos, parecia ser, portanto, aproximar, especialmente pela formação e pelo fortalecimento de redes territoriais e temáticas, aqueles primeiros Pontos — muitas vezes chamados de “Pontos Pioneiros” — e os que se integraram ao projeto por terem sido premiados pelo edital: os “Pontos Premiados”.

Mas essas redes deveriam ser ainda mais abrangentes, incluindo outras iniciativas — chamadas parceiras² — que, desde o início, compartilharam suas experiências com os 12 Pontos. Da mesma forma, deveriam ser incluídas instituições — especialmente universidades e museus — que ofereceram seu apoio, concorrendo para a realização de ações e seu constante aperfeiçoamento.³

Até novembro de 2014, quando realizou a IV

Teia de Memória, o Ibram havia identificado quase 300 iniciativas de memória e Museologia Social,



² Museu da Maré e Ecomuseu da Amazônia exemplificam esses “Pontos Parceiros”.

³ Museu da República, Museu Goeldi e Universidade Federal de Pernambuco são exemplos de instituições que acompanham as ações do programa desde o início.

muitas delas articuladas em redes territoriais e temáticas⁴. As 10 redes identificadas pelo Ibram foram apresentadas na exposição “Memórias Plurais”, integrada ao 6º Fórum Nacional de Museus, em cujo âmbito aconteceu a IV Teia⁵.

Essa última Teia celebrou a integração de Pontos Pioneiros, Premiados e iniciativas de memória e Museologia Social, não apenas articulados em redes, mas também representados na proposta de composição de um Conselho de Gestão Compartilhada e Participativa do Programa Pontos de Memória, que está em processo de formalização.

Em continuidade, os novos passos do programa devem responder aos desdobramentos da regulamentação da Lei Cultura Viva, promulgada em 2014 e que, mais uma vez, redimensionou o Programa, especialmente por possibilitar a multiplicação das fontes de fomento para o trabalho com a memória social. Essa nova configuração conduz à redefinição de papéis, sobretudo do Ibram, acentuando, portanto, o interesse do Instituto na criação de instrumentos de difusão da metodologia do programa.

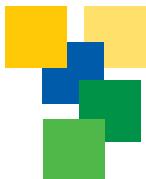
Para tanto, o Ibram trabalha na constituição de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem, a plataforma do Programa Saber Museu, a qual tornará possível — também virtualmente — o intercâmbio de experiências, assim como o acesso e o compartilhamento dos conteúdos de seminários e de oficinas que estruturam o Programa Pontos de Memória.

Olhar para o futuro é enfatizar que ainda há muito a fazer. Mas sistematizar o vivido revela que algo já foi construído, como resultado das ações concretas, da reflexão, do enfrentamento das difi-

culdades e da construção conjunta de soluções viáveis. Esse algo é uma metodologia para a prática da Museologia Social.

Com este livro, espera-se difundir o registro dessa primeira etapa do Programa Pontos de Memória, passados 7 (sete) anos da assinatura Prodoc OEI/BRA 08/007 e 2 (duas) revisões substantivas do citado projeto. Aguardado por muito tempo, deve ser recebido como uma sistematização da metodologia e de sua avaliação. Mas ele é, sem dúvida, o reconhecimento das contribuições dos que, seja como representantes da sociedade, da OEI ou como técnicos e dirigentes do Ibram, contribuíram para a criação e continuidade do Programa Pontos de Memória.

10



4 Por exemplo, a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, a Rede de Memória LGBT e a Rede Cearense de Museus Comunitários.

5 Belém do Pará, novembro de 2014.

Conselhos Gestores¹ dos 12 Pontos²



11

Conselho Gestor do Ponto de Memória de Terra Firme

Camila de Fátima Simão de Moura
Deivision Laurentino da Rocha
Edivânia Santos Alves
Eliete Santana de Carvalho
Francisca Rosa Silva dos Santos
Helena do Socorro Alves Quadros
Jéssica Luíza dos Santos Gusmão
João Batista Costa dos Anjos
José Maria Vale de Souza
Leonel das Chagas Oliveira
Maria Francisca de Araújo Santos
Maria Madalena da Gama Pantoja
Sâmia Maria Silva

Conselho Gestor do Museu de Periferia - MUPE

Adenival Alves Gomes
Arlinda Messias dos Santos
Frederico Alves Pinheiro

Geraldo Batista de Souza
Luci Otazia Ribeiro Valente
Joel Alves da Silva
José Alves Afonso Filho
José Aparecido da Silva
José Aparecido Oliveira Paiva
Manoel Pereira da Cruz
Marcelo Souza Rocha
Palmira de Oliveira
Pedro Divino
Rosane Aparecida Morais de Oliveira

Conselho Gestor do Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro

Cláudia Feijó da Silva
Eduino de Mattos
Izolina Elísia de Anhaia
Lucas Antonio Morates
Márcia Isabel Teixeira de Vargas
Teresa Regina Moreira Dutra
Teresinha Beatriz Medeiros

Conselho Gestor do Ponto de Memória da Estrutural

Adoaldo D. Alencar (Duda)
Alessandra Ferreira de Araujo
Caroline Soares Santos
Coracy Coelho Chavante
Denilson Douglas de Lima Cardoso
Deuzani Candido Noleto
Fernanda Ferreira Araujo

1 As informações sobre os conselheiros de cada Ponto de Memória, que contribuíram com os textos do livro, foram retiradas dos Planos de Ação sistematizados pelos consultores locais indicados pelos Pontos entre os anos de 2011-2012. Foram eles: Adriano Almeida (Grande Bom Jardim/CE), Adriano Freitas (Beiru/BA), Camila Moura (Terra Firme/PA), Deuzani Noleto (Estrutural/DF), Gustavo Gervásio (Grande São Pedro/ES), Isabella Santos (Coque/PE), Lucas Morates (Lomba do Pinheiro/RS), Marcelo Rocha (Sítio Cercado/PR), Rita Pinto (Museu de Favela/RJ), Viviane Rodrigues (Jacintinho/AL) e Wellington Pedro Silva (Taquari/MG). Com relação à Brasília, que não teve a figura do consultor local, as informações sobre os integrantes do Ponto de Memória foram tiradas do produto nº 1 da consultora Christiana Storino (2010) e do nº 4 de Inês Gouveia (2010). Os nomes foram organizados em ordem alfabética.

2 Em diferentes momentos de suas respectivas trajetórias, algumas das 12 iniciativas de memória e museologia social selecionadas passaram a se autodenominar "Museu" e essas escolhas foram respeitadas pelo Ibram, considerando o princípio da autonomia dos participantes do Programa.



Jacira de Jesus Vieira
Maria Abadia Teixeira de Jesus
Terezinha Santana
Vicente de Paula Sousa

Conselho Gestor do Museu de Favela - MUF

Antônia Ferreira Soares
Carlos Esquivel Gomes da Silva
Deusdete Silva Nascimento
Katia Afonso Silva Loureiro
Marli de Oliveira Melo
Rita de Cássia Santos Pinto
Sidney Silva

Conselho Gestor do Ponto de Memória do Grande Bom Jardim

Francisco Edmar Barbosa de Castro
Francisco Macedo Lopes
Francisco Otaviano Alves de Oliveira
Marileide da Silva Luz
Miguel Ferreira Neto
Regina Márcia Ferreira Diolino
Regina Maria da Silva Severino

Conselho Gestor do Ponto de Memória Museu do Taquaril

Cloves Furtado Aparecido
Edilson Pinheiro
Edinéia Aparecida de Souza
Fernanda Jardim de Melo
Fernanda Lourenço Miranda
Geraldo Moreira da Silva
Hortência Rocha dos Santos
Ires Iene dos Reis Oliveira
José Vieira
Junior Marques da Silva
Leila Regina da Silva
Maria da Paz de Souza

Mauricio Barbosa Brandão
Oriel Ilario de Jesus
Osvaldo Lopes Pedroso
Pedro Henrique Silva Santos
Ubirajara José Couto
Vera Lúcia de Oliveira
Walter Gomes de Souza
Wellington Pedro da Silva
Wilson Wagner Brandão Ribas (W2)

Conselho Gestor do Museu Cultura Periférica

Edilma Marques de Lima
Jailson Carnaúba de Oliveira
João Carlos Elias de Albuquerque
João Luiz Soares
Lucival Salgueiro da Silva
Maria Enaura Alves do Nascimento
Nilda Maria Lima dos Santos
Paulo Zacaria da Silva
Sirlene Gomes da Silva
Viviane Conceição Rodrigues

Conselho Gestor do Museu Mangue do Coque

Aldemar Severino Carneiro
Cássia Lindinalva Pinheiro
Josivânia Barbosa da Silva
Vanessa Francisca da Silva
Wilton Francisco da Silva

Conselho Gestor do Ponto de Memória Museu Comunitário da Grande São Pedro

Claudete Soares Oliveira Bispo
Gustavo de Oliveira Gervásio
Jeovânia Barcelos Gomes Teixeira
João Francisco Bispo de Castro Júnior
Livaldo Aparecido Degásperi
Mariana Cerqueira Cesar



Conselho Gestor do Ponto de Memória do Beiru

Ailza Maria Brito Araújo
Cariane dos Santos Freitas
Carlos Ricardo Ferreira dos Santos
Francisco Jorge Fernandes de Souza
Gilvan Pereira dos Santos
Hilário Santana de Araújo
Jairo Augusto Jesus de Oliveira
Jussara Santiago S. Nascimento
Luciandrêa Gonçalves de Melo
Maria de Fátima Magalhães
Roberto dos Santos

Conselho Gestor do Museu Social da Brasília

Élcio Aparecido de Souza (*in memoriam*)
Elenice Aureliano
Fábio Ivo Aureliano
Jonatas Rodrigues
Kleber Silva Júnior
Leandro Batista
Marilisa Bertolin
Paula Dias
Sueli Ferreira



13

Técnicas da OEI (2014-2016)¹



Cláudia Paes de Carvalho Baena Soares

Coordenadora de Desenvolvimento de Cooperação Técnica, 2009-2015.

Fernanda Curti

Gerente de Projetos, 2014-2016.

Telma Teixeira da Silva

Gerente de Projetos, 2009-2015.

¹ Em ordem alfabética, aquelas que realizaram a interlocução mais direta com o Programa Pontos de Memória



Presidentes do Ibram

2009-2013 — José do Nascimento Júnior

2014 — Ângelo Oswaldo de A. Santos

2015 — Atual, Carlos Roberto. F. Brandão

Servidores do Ibram (2009-2016)¹

Cícero Almeida (Diretor do Dpmus, 2013)

Cinthia Maria R. Oliveira (Coordenadora da Co-muse, 2012-Atual)

Cláudia Rose Ribeiro

Dalva de Paula

Ena Colnago (Coordenadora e Diretora do DDFEM, 2009-2015)

Eneida Braga (Diretora do DDFEM, 2009-Atual)

Felipe Evangelista Silva

Joana Regattieri

João Barbosa (Diretor do Dpmus, 2014-2015)

Juliana Vilar

Luciana Palmeira (Diretora do Dpmus, 2013-2014)

Manuelina Duarte (Diretora do Dpmus, 2015-Atual)

Marcelle Pereira (Coordenadora da Comuse, 2009-2012)

Mário Chagas (Diretor do Dpmus, 2009-2013)

Mônica Padilha

Nicole Reis

Patrícia Albernaz (Coordenadora do DDFEM, Atual)

Rafaela Mendes

Raquel Fuscaldi

Renata Almendra

Valdemar de Assis

Vinicius Barcelos (*in memoriam*)

Vivian Coburcci

¹ Em ordem alfabética. Foram considerados os servidores concursados e comissionados que estiveram envolvidos diretamente com a criação e a manutenção do Programa Pontos de Memória no período, com destaque para os diretores do Departamento de Processos Museais (Dpmus) e os coordenadores de Museologia Social e Educação, onde está formalmente situado o Programa Pontos de Memória, conforme organograma do Ibram.

Consultores Contratados pelo PRODOC (2009-2016)¹



15



Adriano Almeida
Adriano Silva
Ana Maltez
Ana Paula Varanda
Beatriz Lanna Lyra
Camila Moura
Christiana Storino
Cláudia Castro
Cristina Holanda
Cynthia Silva Oliveira
Daniel Fernandes
Deuzani Noletto
Eliete Pereira
Elmer Oliveira
Gustavo Gervásio
Inês Gouveia
Isabela Santos
João Paulo Vieira Neto
Lavínia Cavalcanti
Lucas Morates
Marcelo Rocha

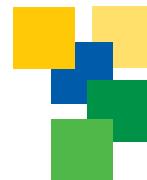
Maristela Simão
Mônica Costa
Natália Spim
Rita Pinto
Rodolfo Fonseca
Sara Schuabb
Silvana Bastos
Vera Demoliner
Viviane Rodrigues
Welcio Toledo
Wellington Silva

¹ Em ordem alfabética.



Etapa

1



Etapa 1

Sensibilização comunitária e formação da instância deliberativa

A etapa de sensibilização comunitária tem como objetivo mobilizar e envolver as comunidades em torno de questões que perpassam os temas museu, memória, cidadania, direito à memória, políticas culturais, bem como as ações e os objetivos do Programa Pontos de Memória. É considerada de alta relevância para o início do trabalho na comunidade, pois é o momento em que os diferentes grupos e representações locais são convocados a discutir e manifestar o desejo em desenvolver ações e projetos de Museologia Social na comunidade. A sensibilização comunitária também se abre como ocasião para a realização de Rodas de Memória, nas quais os moradores relatam momentos marcantes da história local, colocam em conflito versões e identificam moradores pioneiros, personagens e histórias marcantes. Além disso, também é uma oportunidade de abordar questões socioculturais e políticas da região e de reunir manifestações artístico-culturais da localidade. Essa etapa costuma acontecer em formato de seminários ampliados, organizados, divulgados e convocados pelas próprias lideranças comunitárias, com as quais a equipe técnica do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) fez os primeiros contatos a respeito do Programa Pontos de Memória.

A formação da instância deliberativa é o momento no qual os articuladores locais escolhem um grupo legítimo e representativo da comunidade para ser o representante do Ponto de Memória, responsabilizando-se, assim, pela execução do projeto e pela interlocução com os demais grupos e movimentos e meios de comunicação locais, parceiros externos, dentre outras entidades e grupos afins. Cada Ponto de Memória cria, então, a partir de seus articuladores locais, uma instância representativa, que passa a ser canal direito de comunicação com o Ibram, para o desenvolvimento da metodologia participativa do projeto. A partir de então, esse grupo passa a participar de debates, seminários, encontros nacionais de Pontos de Memória e, sobretudo, a articular, coordenar e executar as ações do plano de ação para o desenvolvimento e fortalecimento da iniciativa de Museologia Social na comunidade. Fica a cargo de cada uma das localidades a realização dos seminários e reuniões para a escolha dos membros da instância deliberativa, bem como sua metodologia de formação, formato, modelo de organização, funções e número de integrantes. Cada grupo representativo elege ou indica seus representantes em seminários e reuniões com a presença de lideranças

comunitárias. Para sua formalização são realizados relatórios e atas com registro e informações sobre os membros de cada instância.

Ponto de Memória do Museu Comunitário da Grande São Pedro

(Grande São Pedro — Vitória/ES)

O Ponto de Memória da Grande São Pedro reúne lideranças comunitárias, representantes de escolas de samba, músicos, dançarinos, jovens e idosos engajados na reflexão sobre a importância da (re) construção da memória local para o fortalecimento das identidades que perpassam as lutas e conquistas da região, conhecida pela forte atuação de movimentos sociais.

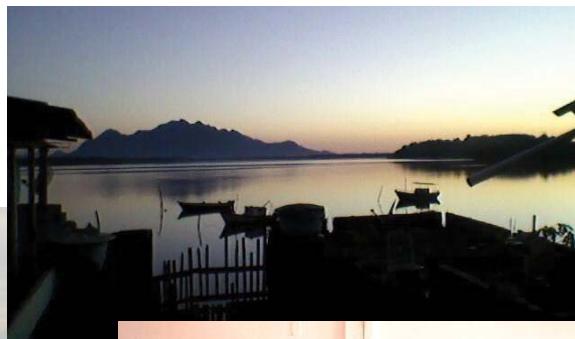
Situada nas redondezas do mangue, tem como ponto turístico a Ilha das Caieiras, conhecida pelas desfiadeiras de siri e como polo gastronômico, reunindo cerca de 20 restaurantes.

A Grande São Pedro abrange os bairros de São Pedro I, II, III, IV, Nova Palestina e Resistência, os quais são formados por ruas cujos nomes fazem alusão à história de luta local, como, por exemplo, Rua da Conquista, Rua da Revolução, Rua do Grito e Rua da Resistência. A localidade já foi um canteiro de obras, com ruas de chão batido e sede de um aterro sanitário. Atualmente reúne cerca 40 mil habitantes.

Metodologia usada para a implantação do Ponto de Memória da Grande São Pedro

A metodologia inicialmente usada foi a de sensibilização tanto das lideranças dos movimentos sociais da região da Grande São Pedro quanto

Grande São Pedro, Vitória (ES).

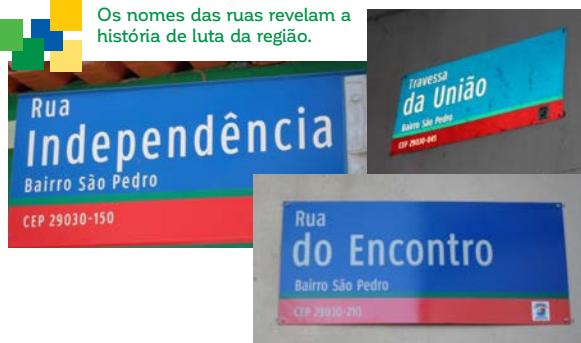


Primeira reunião do conselho gestor do Ponto de Memória da Grande São Pedro.

dos moradores. Ela foi feita por meio de contatos diretos com as respectivas lideranças representativas de cada movimento social.

Após fazermos essa sensibilização, iniciamos com uma apresentação para a comunidade sobre o Programa Pontos de Memória. Nesse momento realizamos uma pequena exposição de fotos e documentos para fortalecermos a sensibilização da comunidade em geral. Essa exposição contou com a presença de autoridades municipais, de representações religiosas, dos movimentos sociais e dos projetos sociais

Os nomes das ruas revelam a história de luta da região.



desenvolvidos na região. O material exposto foi selecionado pelos contatos feitos na comunidade e por documentos dos movimentos sociais.

No segundo momento, a aproximação com as comunidades foi se estreitando; todas as reuniões foram realizadas em cada bairro, com um representante das entidades e nas respectivas sedes.

Em seguida, divulgamos, pelos jornais de grande circulação, exposições, festas das comunidades e outras atividades para comunicá-las às entidades. Paralelamente foram criados o regimento interno e o plano de ação.

Após a criação desses dois documentos, realizamos a primeira tarefa do plano, que foi a for-

mação dos Agentes de Memória — nome dado aos jovens que foram indicados pelas lideranças comunitárias e que realizariam o plano de ação.

Em outubro de 2012, foi realizada uma grande exposição em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado e a Secretaria Municipal de Cultura. A exposição falou sobre o desenvolvimento da região da Grande São Pedro em seus 37 anos. Ela foi feita por meio de fotos selecionadas pelos Agentes de Memória e por doações dos moradores — contamos também com a doação do antropólogo holandês Geert Arent Banck, que havia desenvolvido um trabalho na região nas décadas de 1970 e 1980.

Todas as etapas foram acompanhadas pelos técnicos do Ibram, os quais, por vários momentos, estiveram na região da Grande São Pedro.

Essa foi a metodologia utilizada para a implantação do Ponto de Memória, o qual levou três anos para ser realizado.

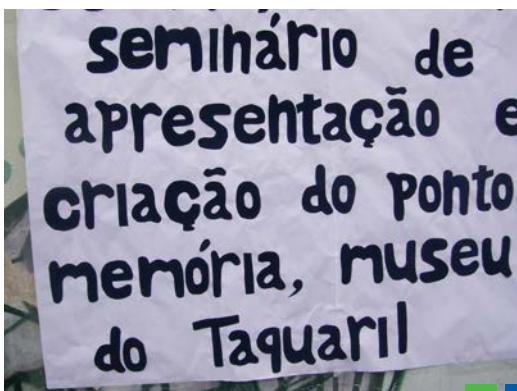


Moradora da Grande São Pedro

Ponto de Memória do Museu do Taquaril

(Taquaril, Belo Horizonte/MG)

O Ponto de Memória do Museu do Taquaril tece histórias e vivências dos moradores e do território como uma trama dinâmica de constituição de identidades, penetrando em trajetórias históricas e fazendo uma imersão nas vidas dos moradores, lembranças e memórias coletivas. O museu reúne lideranças comunitárias e representantes de movimentos e grupos culturais conhecidos por promoverem uma efervescência cultural na localidade.



Cartaz do seminário de sensibilização para a criação do Ponto de Memória Museu do Taquaril.

O bairro Taquaril localiza-se na Regional Leste do município de Belo Horizonte, mais especificamente entre os bairros Alto Vera Cruz, Granja de Freitas e Castanheiras, que faz divisa com o município de Sabará. Sua formação teve início em 1981, em uma área que pertenceu à Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de Minas Gerais (Codeurb), sendo marcada pela luta por moradia e pelo engajamento da população em movimentos sociais. O bairro reúne cerca de 30 mil habitantes.

Sensibilização comunitária e formação de instância deliberativa

Há quem diga que o Taquaril é o 'buraco do Brasil'. Desconhece a história de um povo que o construiu. Abraçado pela Serra do Curral, cartão-postal de BH. É tão lindo ver o Sol nascer em cada novo amanhecer! (Meu Brasil Taquaril — Wanderson Santos)

A história do Ponto de Memória do Museu do Taquaril vem sendo narrada pela trajetória de vida de muitas pessoas e entidades — seus afetos, saberes, conflitos e sonhos imbuídos pela conquista e efetivação do direito à memória.

Em 2009, lideranças da comunidade do Taquaril reuniram-se com representantes da equipe do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) para apresentação do Projeto Pontos de Memória no intuito de fortalecer ações e parcerias na construção de uma sólida e confiante relação na realização do projeto e seu desenvolvimento na comunidade do Taquaril, na cidade de Belo Horizonte/MG. Uma semente foi plantada e nos vimos imbricados nas várias veredas da memória de nossas histórias, no fecundo compromisso de tomá-las instrumentos de cidadania. O bairro Taquaril e o Conjunto Taquaril integraram-se ao Programa Pontos de Memória, dando início a um trabalho de ressignificação, valorização e preservação da memória local nas comunidades referidas.

Desde o início, o grupo envolvido não mediu esforços para consolidar um processo de mobilização e motivação que envolvesse nossa comunidade no protagonismo do projeto. Após o primeiro contato com a equipe do Ibram, as lideranças envolvidas convocaram, por meio de carta, a comunidade, representada por entidades e grupos locais, para outro encontro com um número maior de participantes. Nesse encontro, que contou com a participação da equipe do Ibram, foram escolhidos três representantes para participarem da Teia de Memória, em Salvador/BA.

O grupo, composto nesse momento por 12 pessoas, pensou na realização de um seminário de “Apresentação e Criação do Ponto de Memória do Museu do Taquaril”, voltado para uma parcela mais ampla da comunidade. Uma primeira motivação que tivemos foi o repasse do processo vivido em Salvador/BA na Teia de Memória; em seguida, nosso próprio encantamento com a ideia do Ponto de Memória já permeado por ideias e sonhos.

Já em sua metodologia de organização, estabelecemos um democrático processo de trabalho, reconhecendo-nos até mesmo como um grupo de fomento da proposta e assumindo para nós o compromisso de envolver a comunidade.

Cartaz de divulgação do Seminário de Memória do Museu do Taquaril, com logo elaborada por moradores.



O seminário

O grupo se reunia sistematicamente para pensar na criação do seminário de apresentação; com isso, surgiram também conflitos e embates que sabemos serem inerentes a todo processo de construção que envolva um grande número de atores sociais. No entanto, caminhávamos com um propósito maior: a luta pelo direito à memória.

Em nossos debates, entramos em consenso de que uma boa estratégia de envolvimento da comunidade seria a criação de um conselho co-

munitário de forma ampla que pudesse assumir as responsabilidades na implementação do projeto, inspirados na dinâmica de nos sentarmos juntos e buscarmos os horizontes de nossa comunidade. Uma oportunidade para a formação desse conselho seria na plenária final do seminário, onde os envolvidos já teriam sido colocados a par das propostas e da metodologia do Programa Pontos de Memória.

O evento aconteceu em meio a expectativas e ansiedades, superadas em sua realização. Realizado no dia 20 de fevereiro de 2010, na Escola

Municipal Professora Alcida Torres, reuniu cerca de 60 pessoas, dentre representantes de associações, ONGs, grupos culturais, idosos, estudantes, profissionais das áreas da Saúde e Educação, da equipe que estava à frente do desenvolvimento do Projeto Pontos de Memória na comunidade e integrantes da equipe do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

O seminário começou com falas de moradores e equipe de fomento envolvidos no processo. Após as falas, os participantes, conforme inscrições, foram encaminhados para participarem de oficinas temáticas.



Grupo de trabalho realizado durante o seminário.



Seminário de sensibilização para a criação do ponto de memória.

Identidade, território e pertencimento, memória e histórias de luta foram os assuntos abordados.

As oficinas foram desenvolvidas pelos próprios moradores da comunidade e equipe de fomento, respeitando a formação e a vivência de cada indivíduo, sendo de fundamental importância para o entendimento conceitual da proposta do programa. Após o desenvolvimento delas, as pessoas foram encaminhadas para plenária final de apresentação das discussões abordadas e composição do Conselho Gestor do Ponto de Memória do Museu do Taquaril, para o qual foram indicados 30 pessoas.

O Conselho

No dia 26 de fevereiro de 2010, ocorreu a reunião de avaliação do seminário “Apresentação e Criação do Ponto de Memória do Museu do Taquaril”. Ele se tornou um marco para nossa comunidade e pudemos firmar nossa alegria de construirmos uma atividade que congregasse tantas forças de nossa comunidade. Nesse evento também firmamos o compromisso da realização de uma reunião no dia 6 de março de 2010, para posse do Conselho Gestor criado no final do seminário e início do debate do regimento de seu funcionamento.

A proposta era a criação de um Conselho autônomo, sem vínculo com qualquer grupo ou instituição existente na comunidade para garantir a amplitude do seu envolvimento. O Conselho pode e deve ser composto pelas diferentes forças e agentes que possuímos, sendo a instância máxima de decisão e encaminhamentos e figurando como entidade responsável pelo desenvolvimento do projeto.

O Conselho Gestor do Ponto de Memória do Museu do Taquaril é formado por duas instâncias. A primeira com uma diretoria executiva composta por cinco membros com a seguinte distribuição de cargos: diretora administrativa, diretor financeiro, diretor secretário, diretora de mobilização social e diretor de comunicação — todos com a função de coordenar e encaminhar trabalhos e levar Pontos a serem abordados ao Conselho Gestor. A outra instância é uma diretoria plena formada por 30 pessoas em sua configuração inicial, incorporando os membros da Diretoria Executiva.

As reuniões que se seguiram resultaram na elaboração de um estatuto interno, assim como na assembleia eletiva para votação e posse da Diretoria Executiva. Desde então, a comunidade do Bairro Taquaril e Conjunto Taquaril agregam uma das 12 localidades iniciais que se integram ao Programa Pontos de Memória. Constitui objetivo do Ponto de Memória do Museu do Taquaril o enfoque ao direito à memória que todos os grupos humanos possuem, enfatizando a importância da preservação dos patrimônios histórico, artístico e cultural, sendo este o testemunho da herança de gerações passadas, que exerce papel fundamental no momento presente e se projeta para o futuro, transmitindo às gerações futuras as referências de um tempo e espaço singulares que jamais serão revividos, mas revisitados — criando a consciência da intercomunicabilidade da história.

Compreendendo nossas memórias social, artística e cultural, podemos perceber o processo de evolução a que está inevitavelmente exposto o saber e o saber fazer de um povo.

Com o objetivo de inventariar os locais de referência, fatos e acontecimentos importantes, pessoas que de alguma maneira participaram ativamente na formação da comunidade, bem como traçar um perfil dos grupos, contar a história da comunidade por meio da história de vida de seus moradores e também com o intuito de propor ações de intervenção como encontros, debates, Rodas de Memória, oficinas que possam contribuir para o reconhecimento enquanto indivíduo inserido em um espaço e na resignificação da memória local, assim como propor e desenvolver produtos difusores das ações de memória, o Conselho Gestor do Ponto de Memória do Museu do Taquaril realizou uma série de atividades nas comunidades do Taquaril e Conjunto Taquaril para o cumprimento da proposta de seu plano de ação.

Museu Social da Brasilândia

(Brasilândia, São Paulo/SP)

A Brasilândia é um distrito situado na zona noroeste da cidade de São Paulo, com cerca de 300 mil habitantes, próximo à serra da Cantareira e rodeado pelos bairros da Vila Penteado, Jardim Guarani, entre outros.

A região é resultado do desmembramento de inúmeros sítios e chácaras existentes nas primeiras décadas do século XX. Em um desses sítios viveu o Sr. Brasília Simões, cultivador de cana-de-açúcar e fabricante da “Caninha do Ó”, conhecida aguardente da época. Com o desenvolvimento do país e de São Paulo, a região também sofreu modificações. Os sítios foram desmembrados em pequenas vilas e grande parte foi adquirida por diversas companhias loteadoras.



Com as reformas urbanas no centro da cidade, ocorreu o êxodo dos proletários em direção à periferia. Fugindo dos altos aluguéis, esses moradores passaram a adquirir lotes residenciais na iniciante Brasilândia. Somavam-se ainda à região famílias vindas do interior, em busca de melhores condições de vida. O Ponto de Memória paulistano reuniu, por cerca de um ano e meio, representantes de diversos grupos, movimentos e meios de comunicação comunitária locais para desenvolver o Museu Social da Brasilândia. Nesse período foram realizados seminários ampliados na comunidade sobre questões relacionadas ao direito à memória e à Museologia Social, oficinas sobre acervo e inventário participativo e um conjunto de ações museais que envolveu a comunidade em suas memórias e histórias coletivas. Dentre as atividades destaca-se uma exposição fotográfica com foco na luta dos moradores pela moradia, tema que acompanha a região desde seu surgimento.

Brasilândia — Suas Vilas e Jardins

O distrito de Brasilândia, zona norte da capital paulista, possui uma rica memória que se inicia a partir do alargamento das vias da região central da cidade. Em 1946, as primeiras famílias começaram a chegar ao território, a maioria delas formada por trabalhadores expulsos do centro em decorrência desse projeto. Existem várias versões de como essa mudança ocorreu: alguns afirmam que a Prefeitura incentivou a ida para a grande chácara, onde funcionava uma olaria, de propriedade da família Bonilha. A Prefeitura comprava o terreno e a olaria cedia as telhas, “favorecendo” os primeiros moradores daquela parte de São Paulo que mais tarde seria conhecida como Brasilândia, homenagem prestada a Brasília Simões, comerciante que ajudou na construção da Paróquia Santo Antônio, em lugar da capela de mesmo nome.

A partir das diversas memórias, registros, contação de história acerca da origem do bairro, consequentemente do distrito, os moradores de Brasilândia, nas mais distintas organizações, resgataram a origem do bairro e distrito para compreender sua dinâmica e vocação. As rodas de conversas efervescentes as lembranças de fatos que marcaram e fortaleceram a história dos brasilandianos, narrados das mais diferentes formas, mas com a mesma emoção.



Visita técnica de equipe do Ibram para conhecer parceiros do Ponto de Memória.

Articulação com a comunidade em 2010.



Desde sua origem, a Brasilândia se destacou por conta da sua força e organização política, pois a realidade dos primeiros desbravadores não era fácil: falta de água, energia elétrica, condução, asfalto... por outro lado, morar naquela terra “Brasilis” era como morar numa cidadezinha do interior. O lazer era total nos campinhos e rios da região. Foi em virtude dessa organização que, em 2009, alguns moradores tomaram conhecimento do Programa Pontos de Memória e resolveram unir todas as iniciativas num mesmo espaço, uma nuvem de memória social e coletiva. Sueli Ferreira, Leandro Silva Batista, Fabio e Elenice Aureliano iniciaram as articulações que resultariam em mais de 20 pessoas envolvidas, além de uma diversidade de entidades sociais e eclesiais. Já em 2010, o grupo, antes mesmo de decidir um eventual perfil do Ponto de Memória, iniciou o trabalho por meio da partilha.

Apaixonar-se pela ideia de expor as vísceras de uma história repleta de lutas, conquistas e enfrentamento, machucada pelo esquecimento do poder público e pelas marcas do tráfico, não seria fácil de narrar. O que lembrar? O que ocultar, já que nunca é possível esquecer? E o principal: como contar?

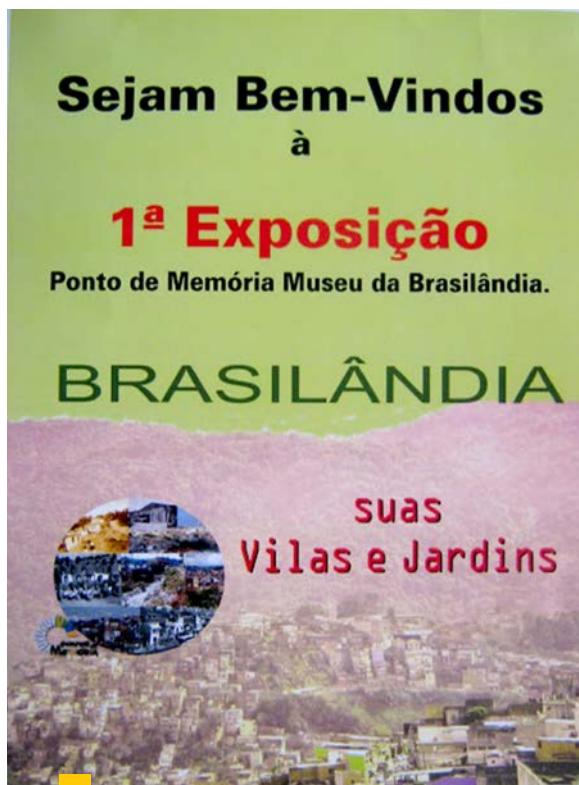
Foram diversos encontros, não sendo possível mensurar quantos, pois o exercício de memória não ocorria somente quando estávamos em grupo, e, sobretudo, por não termos controle sobre a memória. A partilha era constante e intensa. O agora Museu Social da Brasilândia estava consolidado e era conhecido pelas mais diferentes correntes ideológicas, sociais e políticas do distrito. O museu ganhou forma, não física, pois não há estrutura onde seja possível depositar algo que é abstrato, talvez. Como expor em imagens e objetos uma força em constante e imprevisível transformação? O desafio, portanto, foi lançado.

Com o Conselho Gestor constituído, era preciso se capacitar para melhor organizar o trabalho de efetivação do Museu Social. Para concretizar uma primeira exposição, Mirela Araújo, museóloga do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), oferece a oficina “Museologia Social e Tipologia de Museus” aos membros do Ponto de Memória da Brasilândia. O objetivo dessa oficina foi capacitar as lideranças e instrumentalizá-las para a I Amostra da Memória da região. Não adiantava reunir uma série de fotos, documentos e outros materiais sem saber o que fazer com eles; por isso, foi importante essa capacitação.

Em três dias de atividades, as lideranças comunitárias receberam orientação para saber como organizar documentos, disposição da amostra, planejamento, acervo e exposição. Embora o Ponto de Memória da Brasilândia esteja em seu segundo ano de trabalho, o Museu da Brasilândia ainda não tem sede fixa e acervo, passando pela construção do plano museológico que dará as diretrizes do trabalho e o perfil do museu. “Sem isso não há museu, não há como realizar qualquer atividade organizada de resgate de memória”, destacou Mirela.

Com a lição de casa feita, e após um ano e meio de trabalho, estudo, organização e mobilização, o Ponto de Memória da Brasilândia realizou sua primeira exposição com o tema: “Brasilândia — Suas Vilas e Jardins”. Composto por mais de 40 bairros, divididos entre vilas e jardins, a região que conta com mais de 300 mil habitantes apresenta os primeiros resultados de resgate da memória local. Em evento realizado em maio de 2011, na Escola Estadual Luiza Salete, com a presença de Mario Chagas, do Ministério da Cultura, Pedro Galliker, do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, representantes da Prefeitura e lideranças locais representadas pelo articulador Fabio Ivo, a exposição reuniu jovens, adultos e idosos para saborear os prazeres da memória.





Cartaz da Exposição 2010.

A mostra começava com uma homenagem a Elcio de Souza (morto em fevereiro), grande articulador e apaixonado pela Brasilândia, seguida com a inspiradora fala de Mario Chagas reforçando o direito à memória de todos os povos, culturas e classes sociais. Em sua fala, Chagas diz que não há modelo de resgate e preservação de histórias. Isso depende da dinâmica local e suas experiências; portanto, cada iniciativa museológica é livre e deve ser respeitada. Partindo desse pressuposto, a exposição apresentava um grupo de crianças flautistas atendidas por um projeto social da região que rememorou suces-

sos do Gonzaguinha, seguidos de roda de ca-poeira, rodas de memória adulta e jovem, sarau, chorinho, entre outras atividades culturais durante todo o sábado.

A mostra teve nove painéis de fotos da Brasilândia, focando principalmente a resistência por moradia que acompanha a região desde seu surgimento, em 1947, quando a Prefeitura de São Paulo iniciou a construção de grandes avenidas no centro da capital e desapropriou moradores dos cortiços, financiando a favelização de regiões mais distantes, como abordamos no início deste texto. Famílias que vivenciaram essa época compartilharam com a juventude sua chegada a um local que mais parecia uma cidadezinha do interior. “Era maravilhoso tomar banho nas cachoeiras que tínhamos espalhadas por toda a Brasilândia. Conhecíamos os vizinhos e tínhamos relação com a Serra da Cantareira que hoje está em risco”, recorda Dona Norma, que chegou à Brasilândia aos 12 anos, tendo mais de 70 anos de memórias para partilhar. Outros participantes destacaram o preconceito: “Se quisesse trabalhar, tinha de dizer que morava na Freguesia do Ó, senão perdia o emprego, não pegava táxi, não tinha prestação”, recorda João Carlos, que contribuiu no Conselho Gestor do Ponto.

Além dos painéis, a exposição contava com quadros do antes e depois de alguns bairros. Havia também um quadro que dava movimento à mostra, pois ao fundo era possível ver a Serra da Cantareira intocada e a sua frente as casas que paulatinamente foram derrubando o verde da Serra para dar lugar a outras vidas.

A equipe de articulação fez questão de registrar que ali não havia a verdade do registro histórico, apenas uma versão daqueles que participaram desse processo e que a mostra estava aberta às novas narrativas do distrito, por isso a roda de

memória e as diversas representações culturais dos bairros. O que impressionou de fato a equipe foi a presença da juventude, que sem dúvida foi o maior público da exposição. Os jovens não só visitaram, mas compuseram uma roda de memória específica e aprenderam que ser jovem não é sinônimo de amnésia museal. A juventude narrou a experiência de viver num dos distritos que mais mata jovens na cidade de São Paulo e disseram que isso não os assusta. O principal temor dos jovens é a indiferença de muitos diante dessa realidade causada por falta de espaços de esporte, cultura e lazer, já que a Brasilândia é a única subprefeitura, das 31 existentes, na qual não existe um parque sequer.

As atividades encerraram no fim da tarde com a apresentação do grupo “Coletivo de Mulheres Esperança Garcia”, que abordou o preconceito e a violência contra a mulher negra. A presença marcante da juventude e as atividades culturais que expressam os diversos fazeres do distrito foram, sem dúvida, os principais ingredientes desse caldeirão de memória e cidadania.



Exposição na E.E. Luiza Salete, na Vila Penteado, Brasilândia.

A exposição foi bem-sucedida, rendeu mais uma exposição na Escola Estadual João Solimeo e tinha tudo para alavancar os trabalhos do Museu Social da Brasilândia. Era essa avaliação do Conselho Gestor, que recebeu com alegria a notícia do consultor local, que viria acompanhado de um financiamento para fortalecer as ações museais. O consultor seria um facilitador entre o Ibram e o Conselho Gestor para realizar o planejamento previsto no plano museológico. Mas o que poderia servir para reforçar os trabalhos auxiliou no processo de desarticulação, em virtude das exigências do edital, bem como do pouco entendimento entre os remanescentes do já desarticulado Ponto de Memória. Restaram-nos as nove placas da exposição, a memória de uma iniciativa que suscitou uma esperança de transformação por meio de uma ferramenta abstrata, mas firme e presente: a memória!



O consultor João Paulo Vieira visita o Igreja da Freguesia do Ó, em restauração, e conversa com Pe. Carlos.



Etapa

2



Etapa 2

Ações Museais

As ações museais compreendem todas as formas e processos criativos de atividades comunitárias de registro, reconhecimento e valorização da memória local, realizadas e promovidas pelos Pontos de Memória.

São as rodas e chás de memória, museus-correio, exposições itinerantes, grafites, festivais musicais, saraus, feiras de Gastronomia, campeonatos infantis de pesquisa e história, dentre outras ações diretas e indiretas que envolvem a comunidade na valorização de suas referências culturais, identidades, memórias e tradições locais.

A realização de ações museais está sempre em pauta nos Pontos de Memória, pois elas conectam as iniciativas às comunidades, convocando seus moradores a se apropriarem, a refletirem e a se empoderarem, de diversas formas, de sua memória.

Museu Cultura Periférica

(Jacintinho, Maceió/AL)

O Ponto de Memória do Museu Cultura Periférica atua a partir da diversidade de expressões culturais das diferentes comunidades

que formam o tecido social do bairro Jacintinho. Dedicar-se a difundir as histórias das pessoas e grupos que vivificam a memória em movimento da cultura periférica da cidade de Maceió.

Voltado à valorização e ao reconhecimento da memória da cultura periférica, atua junto ao projeto Mirante Cultural, do Centro de Estudos e Pesquisas Afro-Alagoano — Quilombo, que congrega grupos culturais de maracatu, capoeira, coco de roda, hip-hop, danças afros e contemporâneas, escola de samba, teatro popular, dentre outros movimentos ligados à história, cultura e identidade local.

O nome Jacintinho remete ao primeiro proprietário da região, Jacinto Athayde, descendente de portugueses que construiu, nos idos de 1940, sua casa no Poço e a ladeira de pedra que dava acesso ao sítio onde hoje é o bairro. A partir da década de 1950, a região foi crescendo com a população que chegava do interior do Estado atraída pelas possibilidades de emprego na capital. Atualmente o bairro, que integra quatro núcleos de comunidades — Jacintinho, Vergel, Vila Emater e Vila de Pescadores de Jaraguá —, reúne cerca de 200 mil habitantes.

O Ponto de Memória em Jacintinho

O local escolhido para a implantação do Ponto de Memória foi o Jacintinho, que é o bairro mais populoso de Maceió, tido como periférico, não por sua localização geográfica, mas por sua condição social. Foi sendo formado por famílias oriundas do interior do Estado de Alagoas, filhos do êxodo rural, a maioria afrodescendente. Elas foram desbravando os sítios e povoando o bairro de baixo para cima, ou seja, pelas grotas. O bairro se desenvolveu, em especial, no sentido comercial, mas os problemas sociais também se intensificaram. O ritmo de crescimento da população não ocorreu simultaneamente aos do desenvolvimento socioeconômico. É um bairro visto pela mídia e pela sociedade alagoana como sinônimo de violência.



O Museu Cultura Periférica vem diariamente buscando conhecer e compreender esse novo povo que vive em coletividade, dividindo gostos, costumes e problemas. Ao descer as grotas, o indivíduo se depara com um cenário similar: a linha de diferenciação é tênue, mas as pessoas que a formam não. O povo que a formou são guerreiros que, como no Quilombo dos Palma-

res, fugiram de seu feitor: a miséria. Consequência da desigualdade social que assola Alagoas. Refugiaram-se no quilombo, ou seja, na periferia, em busca de casa, comida, trabalho... Dignidade! Há uma semelhança na luta de resistência dos quilombos e suas lutas atuais, pois eles não se acomodam diante da marginalização socioeconômica que sofrem. O museu estará revelando dramas humanos que a história jamais poderia esconder ou esquecer.

Para divulgar, fomentar e fortalecer o vínculo com as comunidades foram desenvolvidas ações museais. A primeira foi a participação na Semana da Primavera dos Museus com uma roda de memória denominada “Mulheres por Mulheres”, em 2011. Reuniu lideranças femininas em várias vertentes: religiosa, social, política, comunitária, educacional e cultural. Elas compartilharam suas experiências com a comunidade, interligando-as com as questões de gênero. Houve três atividades: duas rodas de memória no Jacintinho e Zona Sul e uma roda feminina de Break, no Conjunto Dubeax Leão.

Em fevereiro de 2012, organizamos nosso primeiro “Chá de Memória”, que aconteceu em cada núcleo do Museu Cultura Periférica: Jacintinho (comunidade e *hip-hop*), Vila Emater II e Vila de Pescadores de Jaraguá. Por motivos operacionais não foi possível organizar o da zona sul na ocasião. Os “Chás de Memória” ocorreram porque sentimos a necessidade de reunir as pessoas que tinham sido entrevistadas — e outras que também serão — para compartilharem suas histórias, bem como recolher acervo (fotografias, documentos, objetos) e explicar melhor a proposta do Ponto de Memória do Jacintinho — Museu Cultura Periférica para as comunidades. O material gráfico, a arte e a impressão foram realizados por nós. Organizamos a alimentação com muitos chás, biscoitos e bolachas, mas nos



adequamos aos espaços; um exemplo é a Vila Emater que, além do lanche tradicional, levamos muita pipoca e refrigerante porque tínhamos um grande público infantil.

Para o “Chá de Memória” do Jacintinho foram feitas visitas no dia anterior convidando de casa em casa cada entrevistado. Como eram idosos, organizamos um sistema de táxi para ir buscá-los e levá-los de volta para casa. A articulação com o pessoal do hip-hop foi feita via telefone. Foi uma integração entre a juventude e o pessoal da terceira idade, compartilhando e escutando as histórias.

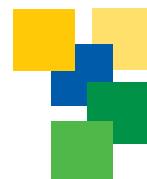
Nos “Chás de Memória” da Vila Emater e da Vila de Pescadores de Jaraguá toda a divulgação foi realizada pelos pesquisadores Michelly da Conceição, Jailson Carnaúba (Pelé) e Enaura. Eles foram os responsáveis pela articulação das comunidades que compareceram respectivamente na manhã de domingo e na noite de segunda-feira. Melhor dia para eles. Adequamos-nos ao espaço e ao tempo de cada comunidade. A cada chá um universo diferente para desvendar.



A noite caiu em uma avenida de um dos bairros mais populosos de Maceió e as pessoas foram chegando, abraçando-se, rindo, revendo amigos e conhecendo outros. Vieram senhoras, senhores, mulheres, homens, adolescentes e crianças. As gerações se encontraram numa roda para ouvirem e compartilharem suas memórias, trazendo à tona velhas histórias e suscitando novas emoções. Recebemos a visita de Lavínia Santos, consultora do Ibram; de Paulo Sérgio, representante do Pronasci local; de Elenilton, representante da Secretaria de Articulação e Ação Social; e de Jorge Schutze, coreógrafo e professor.

A primeira pessoa convidada para iniciar a roda de memória foi D. Angelita, de 86 anos, que há 67 anos reside no Jacintinho. Após sua fala, convidou uma amiga para dar continuidade. Uma a uma foi se sentando na “cadeira da memória” e contando a história da formação do bairro do Jacintinho; porém, mais importante que isso foi conhecer a trajetória de vida de cada indivíduo e como ocorreu a superação dos problemas e a luta que travou para realizar seus sonhos.

Na mesma noite tivemos a presença dos meninos e meninas do hip-hop, velhos parceiros que também fazem parte do museu. Compartilharam conosco suas histórias no Movimento de Hip-Hop Alagoano: Arnaldo e Fabrícia (bgirl FBA).



Relataram a luta de divulgar o movimento em um Estado que ainda não o valoriza como deveria. Tivemos uma roda de *break* feminina — as meninas deram um show! Essa linguagem representa o modo de viver na periferia. Todos sentiram falta de Paulo, coordenador da Posse Atitude Periférica, o qual, desde abril de 2010, abraçou a proposta do Museu Cultura Periférica; apesar de ter ido morar em São Paulo, deixou suas representantes aqui: Maria e Isabelly. Ele, mesmo longe, continua contribuindo com a luta — um exemplo é a logomarca do museu que é uma de suas obras.

Numa manhã de céu límpido e sol forte, aconteceu o segundo “Chá de Memória” do Ponto de Memória do Jacintinho — Museu Cultura Periférica na Vila Emater II. No Espaço Cultural Vila foram chegando os moradores mais antigos e muitas crianças para contar e ouvir histórias. Narraram sobre suas origens e o nascimento da Vila Emater II, a qual se desenvolveu em torno do aterro sanitário da cidade de Macaíó (há um ano o aterro saiu de lá). Compartilharam suas trajetórias e explicaram o dia a dia de um aterro sanitário, os tipos de materiais e a divisão do processo econômico que rege o trabalho naquela comunidade.

Conhecemos Dema, um morador que há anos vem registrando o cotidiano da vila e já fez três filmes ficcionais. Um artista anônimo que se integrou ao museu. Ficamos emocionados com D. Maria Preta, a qual relatou que, ao ficar doente, foi agraciada com a solidariedade dos vizinhos, demonstrando como a vida em comunidade é humanitária. Cada pessoa que se sentou na “cadeira da memória” ensinou algo e despertou uma emoção em quem a ouvia.

O Museu Cultura Periférica realizou o terceiro “Chá de Memória” na Vila de Pescadores de Jaraguá em uma noite de luar. A roda de memó-

ria aconteceu dentro da sede da Associação de Moradores e Amigos de Jaraguá. Foi uma noite em que ouvimos velhas histórias de pesca, do quanto o mar pode ser generoso e traiçoeiro. Nós nos sentimos dentro de um livro de Jorge Amado ao ouvir histórias de quem fica e de quem vai para o mar. Muita coisa para aprender sobre esse universo. Seu José se dispõe a confeccionar velhos instrumentos que não fazem mais parte do dia a dia do pescador, mas que fazem parte da história.

Em novembro de 2012, foram realizadas três ações: a inauguração da exposição itinerante “Memórias que o vento não levou...”, a palestra “Museu: a construção do conhecimento na interface do tempo e do espaço” e o clássico projeto “Mirante Cultural: um quilombo chamado Jacintinho”.

O lugar escolhido para a montagem da exposição foi a Feirinha do Jacintinho; com isso, houve uma democratização do espaço cultural e uma maior participação da população. Chegamos pela manhã com barraca, memória, espelhos, gente, arupemba, sonhos, tecidos, vidas, caixas, dona Margarida, varais, fotos, malas... Fomos montando aos poucos cada detalhe, cada símbolo...

Houve um estranhamento inicial, mas as pessoas foram aos poucos se aproximando, olhando, comentando, contando. Tornamo-nos feirantes da memória, tendo Elizabeth Salgado como professora, que falava para os passantes: “Venham, venham conhecer o Museu Cultura Periférica”. A memória do povo do Jacintinho sendo compartilhada no meio da feira, tudo aquilo que o marcou, às vezes o mesmo fato contado, mas com um olhar singular.

A palestra “Museu: a construção do conhecimento na interface do tempo e do espaço” foi ministrada pela professora Elizabeth Salgado,

na Escola Estadual Manoel Simplício. Foi uma conversa com alunos e professores, numa troca de experiências e visões sobre o bairro e a memória. À noite aconteceu a trigésima edição do projeto “Mirante Cultural: um quilombo chamado Jacintinho”, com uma massiva participação da comunidade. Comemoramos o mês da consciência negra e a valorização da memória social numa grande festa.



Nós, do Museu Cultura Periférica, acreditamos que a memória está em movimento e que vai além da recuperação do passado, pois é um instrumento de luta do povo. Ela está integrada ao dia a dia da comunidade. A Museologia Social dá ao povo seu lugar de direito, ou seja, o centro da narrativa.



Exposição “Memória que o vento não levou”, no Mercado Municipal.

Ponto de Memória do Beiru

(Beiru, Salvador/BA)

O Ponto de Memória do Beiru traz no nome a memória do líder negro Gbeiru (Beiru, em Yorubá), nigeriano da cidade de Oió, que chegou ao Brasil em 1820 e se destacou na organização do quilombo na região que atualmente é o bairro do Beiru.

Esse espaço de identidade e memória começou a ser pensado por representantes da comunidade desde o processo de construção do *Livro do Beiru*, obra que conta a história do herói negro e do bairro, o qual foi lançado em 2007 pela Fundação Pedro Calmon (Salvador/BA), pela Secretaria de Cultura e pela Secretaria de Promoção da Igualdade.



A luta e a mobilização política do Ponto de Memória do Beiru começam na questão da identidade, na militância em favor da afirmação do nome Beiru que, à revelia da comunidade, fora alterado pelos poderes governamentais para Tancredo Neves.

Com a força e a beleza da expressão cultural da matriz africana, o Ponto de Memória promove junto à comunidade local um espaço cultural onde todos podem ver e ser vistos por meio de suas memórias, histórias de vida e luta comunitária.

Ações do Ponto de Memória do Beiru

O Ponto de Memória do Beiru traz à tona a valorização da memória do herói negro que deu origem ao nome do bairro, por ser considerado símbolo de luta e resistência entre os moradores da região.

A iniciativa trabalha na perspectiva de transmitir e divulgar a história de Beiru a partir da história coletiva contada pelos próprios moradores, por entender que a memória de Beiru também permeia a história dos cultos afros, terreiros, quilombos, da cultura e história afro-brasileiras e de todos os moradores que constroem o cotidiano do bairro.

Desde 2009, o Ponto atua junto às escolas locais, universidades e entidades comunitárias realizando trabalhos sobre a cultura afro-brasileira na disciplina de História, levantando e problematizando questões raciais, de identidade, da memória e da história do negro. Também realiza dinâmicas de apresentações de capoeira e formação de “galerias vivas”, nas quais os estudantes apresentam a imagem de mestres da capoeira relatando suas histórias de vida, valores e ensinamentos transmitidos; promove o *Cine Beiru*, com exposição de filmes e documentários

Busto do Beiru, escravo do século XIX



Cine Beiru



Divulgação da história de Beiru nas escolas

em vários formatos, com programação focada na diversidade cultural. Além disso, a iniciativa também promove, durante a Semana da Consciência Negra, junto à Associação Mundo Negro e demais entidades locais, a Marcha do Beiru.

Como ação permanente de difusão e comunicação, divulga ainda nas escolas, nas universidades e na comunidade uma cartilha ilustrada que conta a história da liderança negra na primeira pessoa e apresenta um conjunto de acervos e patrimônios inventariados no bairro. Dentre esses, destacam-se fotos da Fonte da Bica, rio que abastecia Salvador e onde o pessoal da casa de farinha tomava banho; o Terreirão São Roque, localizado no Largo do Anjo Mau, considerado terreiro de resistência da cultura afro-brasileira que, inclusive, dispõe em seus arquivos de uma fotografia de Beiru. Antigos moradores são considerados “tesouros vivos”, como dona Clarice,

conhecida como Minha Gal, valorixá do terreiro Ilê Axé Gezebum. Dona Roxinha, parteira mais antiga do bairro, que ia sempre de jegue para Itapoã. Dona Dominga, organizadora da ala de baianas da entidade Mundo Negro. Manuel Rufino, famoso curandeiro da época da perseguição aos terreiros de Candomblé, quando as polícias furavam os atabaques. Seu filho, Antônio Rufino, conhecido como Lelê, zelador dos santos que seu pai deixou no Ilê Axé Bocum, onde ocorriam reuniões políticas na época da ditadura. Dona Edina, moradora do bairro há 26 anos, que tira o sustento da família vendendo folhas sagradas.

O Ponto de Memória também luta para que o nome do bairro permaneça Beiru, em homenagem a um ícone da identidade e história local, em vez de Tancredo Neves, como há um tempo passou a ser conhecido.

A memória de Beiru é tão forte na localidade que alguns moradores dizem que, quando ouvem seu nome, o sangue corre quente pelas veias, porque Beiru é sinônimo de luta e solidariedade.



Mundo Negro

Museu Mangue do Coque

(Coque, Recife/PE)

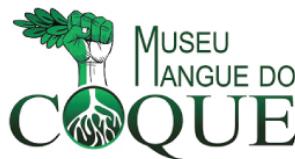
O Museu Mangue do Coque trabalha com a valorização do saber e da história local por meio de ações de pesquisa, preservação e difusão dos patrimônios material e imaterial,

reconhecidos pelos moradores que construíram e constroem cotidianamente a história do bairro.

Situado a cerca de 2km do centro de Recife, reúne cerca de 50 mil habitantes e está localizado na Ilha de Joana Bezerra, próximo do bairro de Boa Viagem e do polo médico da Ilha do Leite. O Coque é costurado pelo mangue e é conhecido pela resistência e luta por moradia.

Ações museais: principais atividades, sua importância e os desafios

O Coque é uma comunidade que trabalha a memória em seus inúmeros aspectos, por meio de ações de valorização do saber e da história local, ações de pesquisa, preservação e difusão dos patrimônios cultural, material e imaterial dos moradores que fizeram e fazem cotidianamente a história de luta e resistência, envolvendo a comunidade local em suas atividades, estimulando o pensamento crítico e a ação cidadã no debate sobre os principais problemas locais como: memória do futebol, memória de luta e de resistência, memória da religião, memória do preconceito e da discriminação, memória da violência e memória da habitação.



Conselho Museu Mangue do Coque



Rodas de memória

Com o objetivo de resgatar a memória cultural da comunidade do Coque, o Ponto de Memória do Museu Mangue do Coque vem realizando em seus espaços “rodas de memória” com indivíduos de diversos interesses e linguagens. Essa ação é resultado da conquista da comunidade em seu espaço cultural. Durante as rodas os participantes compartilham suas memórias de forma dinâmica pelo relato das experiências pessoais e coletivas vivenciadas no processo, levando positivamente o nome da comunidade para todos os demais Estados e países.

Oficina de férias

As oficinas de memória têm sido o caminho tomado por esse Conselho Gestor para articular e interagir com a comunidade, apoiando o aprendizado. Os alunos assistem a aulas sobre diversos temas propostos pela comunidade e aprendem recursos para melhorar essas atividades.

O Blog do Museu

Uso das informações midiáticas numa linguagem compreendida pela maioria, no que diz respeito aos aspectos desenvolvidos dentro e fora da comunidade, com a expectativa de alcance de maior número de indivíduos. Objetiva-se a comunicação de forma positiva, em prol da luta do todo e suas principais memórias.

Considerando que o Ponto de Memória do Museu Mangue do Coque tem um importante papel social a cumprir, entende-se que suas ações pedagógicas devam incluir as estratégias e recursos da comunicação social para fundamento de gestão do conhecimento. Nesse contexto, o domínio das linguagens midiáticas pode proporcionar a ampliação do acesso à informação e um melhor tratamento dela na construção dos referidos conhecimentos.

Enquanto estratégia didático-pedagógica, a produção colaborativa de mídias visa a desenvolver as competências comunicativas e a autonomia, com relação à criatividade no sentido de estimular a construção de conhecimento significativo na comunidade. A oficina de “produção de blog” tem por objetivo trabalhar as possibilidades pedagógicas de uso do *blog* no museu, com a implementação e a incorporação de linguagens audiovisuais e midiáticas, a interação entre os integrantes da comunidade e a construção de uma rede de conhecimento.

Fanzine para distribuição local

Produção de *fanzine* próprio do museu dentro da comunidade e distribuição numa linguagem comum a ela. Contém informações com referência à memória e ações que contribuem para o desenvolvimento da comunidade dentro de seu contexto social. Propõe à comunidade a produção de textos em uma situação em que a



Café de Memória na 6ª Primavera de Museus



Café de Memória na 6ª Primavera de Museus, com participação do consultor do Ponto de Memória do Grande Bom Jardim, Adriano Almeida



escrita cumpra sua função social. É importante tornar público o texto da comunidade, no qual o resultado final do processo de trabalho seja comunicar, convencer, explicar, ou seja, fazer que o texto seja lido, tornando-se realidade e levando-se em conta que o *fanzine* é um veículo simples de ser feito, e com uma força de comunicação considerável.

É uma forma de expressão livre, feita em função dos direcionamentos dados pelo grupo de editores. O *fanzine* vive e sobrevive da camaradagem. Por isso, normalmente é artesanal, com desenhos à mão, colagens, montagens, gravuras, xerox, grampeados em casa etc. Há também aqueles que são editados em computador e reproduzidos em gráfica. Uma terceira maneira, simples e econômica, de se produzir um *fanzine* é pela internet, conhecido também como *fanzine virtual* ou *e-zine*.

Exposição do Museu Mangue do Coque

O objetivo de produzir a exposição do Ponto de Memória do Museu Mangue do Coque é apresentar o resultado das ações de pesquisa sobre a comunidade por meio de exposições de longa duração e temporárias. A exposição principal apresenta o ensaio “A Museologia Social sobre o universo da comunidade do Coque”, e as temporárias apresentam exposições itinerantes e propostas expositivas suscitadas pelas pesquisas sobre temas da cultura da comunidade do Coque, com a sugestão de pesquisa das temáticas escolhidas, com o caráter didático por meio da exposição lúdica, da aprendizagem, da reflexão e do debate, sendo criados com o objetivo do diálogo cultural, no qual é estimulada a discussão de temas diversos relacionados às questões da cultura e suas relações com o espaço do museu. Trata-se de uma exposição descontraída e dinâmica, aberta para o público

em geral, em que convidados e parceiros da comunidade e a própria comunidade conversam sobre um tema específico.

Objetivo geral

Elaborar um instrumento para registrar atividades de modo positivo na execução das atividades propostas dentro do organograma do Ponto de Memória do Museu Mangue do Coque.

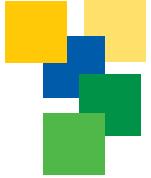
Principais desafios

- Necessidades de capacitação do grupo envolvido nas atividades.
- Potencialidades da iniciativa de memória e de Museologia Social do Ponto de Memória do Museu Mangue do Coque.
- Divulgação das atividades dentro da comunidade.
- Alcançar os grupos de dentro da comunidade que têm uma força política baseada em ações anteriores.
- Financiamento para pequenas e grandes atividades.
- Buscar voluntários que supram as necessidades do projeto.
- Linguagem a ser usada nas rodas, para que a população tenha interesse em participar das questões relacionadas a ela.



Etapa

3



Etapa 3

Inventário Participativo

Dentre as etapas da metodologia proposta para o desenvolvimento dos Pontos de Memória destaca-se a realização do inventário participativo, processo no qual as comunidades assumem, em primeira pessoa, a identificação, a seleção e o registro das *referências culturais* mais significativas para suas memórias e histórias sociais.

No processo de inventariar, a comunidade também decide os métodos mais eficientes de divulgação e preservação de suas memórias e patrimônios, haja vista que as pessoas cuidam melhor daquilo que reconhecem como delas e/ou que possuem algum significado para si ou grupo social ao qual pertence.

Nesse sentido, a ideia de participação passa pela decisão coletiva e compartilhada de escolher quais memórias e patrimônios são relevantes para a comunidade, contribuindo, assim, para um processo contínuo de apropriação cultural.

Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro

(Lomba do Pinheiro, Porto Alegre/RS)

Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro
Parada Seis, Sentido Bairro/Centro
[e vice-versa]

Sofia pensava no seu bairro
Como mais uma periferia:
longe de tudo,
local onde apenas dormia.

Museus, no seu pensamento,
locais que contam histórias,
de uma grande minoria
com farsantes trajetórias.

Porém, contudo, todavia,
“entre-um-tanto”
entrou no ônibus Pinheiro,
parada vinte e quatro,
para a lida de mais um dia,
e, pela janela, parada seis,
parou o olhar:
avistou um Museu Comunitário.
Passou a frequentar.

Apreendeu que distante
pode ser relativo.

Periférico:
depende do ponto de referência.

Que a História é feita no presente e,
alguns museus, na sua essência,
escutam diferentes histórias,
contadas pela pequena maioria.

Autora: Camila Albani Petró

Essa composição literária foi selecionada no Concurso Fragmentos Urbanos, para compor os 170 mil postais literários que destacam diferentes pontos da cidade de Porto Alegre, organizado pela Companhia Carris Porto-Alegrense, 2012.

Os tambores de leite que abasteciam o bairro e as regiões mais próximas, as memórias das famílias de origem portuguesa, os primeiros moradores vindos do interior e de outros bairros da cidade são alguns dos referenciais identitários presentes nas narrativas das comunidades da Lomba do Pinheiro, as quais (re) constroem sua história a partir das reflexões sobre as transformações socioculturais do bairro.

O Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro desenvolve um trabalho de fortalecimento da memória e patrimônio junto às escolas, famílias e entidades associativas, servindo de ponto de partida para novos inventários, produção de músicas, imagens, pesquisas e transformações locais.

A partir da iniciativa foram identificados 60 pontos culturais estratégicos que unem as 26 vilas que formam a região. Dentre eles, destacam-se o Sítio Arqueológico Boqueirão, as co-

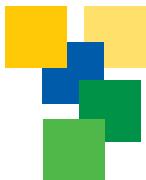
munidades indígenas Charrua, Kaingang e M'byá Guarani, a Vinícola Bordignon, a Represa Lomba do Sabão, a Associação dos Amigos da Vila São Francisco, o Centro Hípico Recanto do Pinheiro e o próprio museu comunitário.

A Lomba do Pinheiro reúne cerca de 70 mil habitantes e está situada na região leste da capital gaúcha, Porto Alegre.

Desenvolvimento metodológico do inventário participativo

O processo de inventário participativo desenvolvido pelo Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro foi executado a partir das seguintes etapas: planejamento, elaboração de estratégias, formação/qualificação do Conselho Gestor e pesquisadores, pesquisa, registro da pesquisa e tratamento das fontes (acondicionamento, oficina de produção textual).

A primeira etapa do processo do inventário participativo ocorreu a partir do planejamento durante reuniões do Conselho Gestor do Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro, na intenção de discutir a metodologia a ser adotada e executada pelo grupo, assim como o cronograma de execução para o inventário. Além das reuniões que visaram ao aprofundamento de discussões sobre a metodologia, também procedemos com visitas técnicas em instituições museológicas do Estado do Rio Grande do Sul. Cabe destacar para a participação de integrantes do Conselho Gestor na II Jornada Formação em Museologia Comunitária, na cidade de Santa Maria/RS. As participações em eventos fizeram parte da qualificação proposta para o Conselho Gestor, assim como para os pesquisadores que participaram do processo de inventário participativo.





O planejamento para a execução do inventário participativo ocorreu por meio de encontros, visando discutir formas diferenciadas de aproximação do Conselho Gestor e pesquisadores com as pessoas da comunidade, organizadas nas associações comunitárias, e outros grupos sociais constantes no bairro Lomba do Pinheiro. Na intenção de facilitar o desenvolvimento do trabalho, foram atribuídas responsabilidades de forma setorizada.

A distribuição de tarefas se dividiu da seguinte maneira:

1. Coordenação geral;
2. Consultoria local (OEI);
3. Conselho Consultivo;
4. Pesquisadores;
5. Mediadores do inventário participativo;
6. Comissão de textos; e
7. Comissão de fotografia.

Como parte da metodologia de trabalho estabelecida em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e com a Organização do Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), em 2011 foi promovida a oficina de capacitação em conservação de acervos, ministrada pela professora Silmara Küster da Universidade de Brasília (UNB). Essa oficina visou preparar o Conselho Gestor do Ponto de Memória, assim como os pesquisadores, para a manipulação, a guarda e a conservação preventiva das coleções que fazem parte do acervo do museu, bem como de documentos e objetos a serem colhidos durante o inventário participativo — por exemplo, o grande número de jornais e fotografias que compõem o *corpus* documental da pesquisa. Nesse caso, foi importante planejar as diversas etapas sobre o contato com os acervos, fontes de parte da pesquisa. Primeiramente houve a necessidade da ava-

liação do estado em que se encontrava o acervo, assim como a seleção e a elaboração de relatórios sistematizados com registro da documentação disponível. Depois, passamos à fase de higienização e tratamento. Seguimos com a manipulação de forma apropriada, na intenção de acondicionar adequadamente todo o acervo existente. Percebemos a necessidade de pensar e de planejar as condições de salvaguarda do acervo, sendo este um novo desafio para o Ponto de Memória.

O inventariamento

Para essa etapa previu-se a criação de instrumentos de sondagem e pesquisa, na intenção de sistematizar os dados que compuseram o inventário participativo. Primeiramente houve a necessidade de debater no grupo de trabalho o conceito de inventário participativo, já que este não estava completamente esclarecido, principalmente no que tange à diferenciação entre pesquisa histórica com usos de fontes orais, escritas, imagéticas etc. e o inventário propriamente dito. Nesse caso, convém esclarecer que a pesquisa histórica, produzida por registros orais individuais ou coletivos¹, é considerada como um documento que compõe o inventário participativo e não o próprio inventário.

Portanto, cabe aqui apresentar a definição de inventário participativo adotada pela equipe do: consiste no procedimento de relacionar, registrar e catalogar bens patrimoniais de caráter material e imaterial de forma participativa, ou seja, promovendo mecanismos capazes de considerar a opinião e a participação constante de um número significativo de pessoas e/ou grupos pertencentes à comunidade inventariada.

¹ Como exemplo de registro coletivo de história oral citamos as rodas de memória comumente confundidas com o próprio inventário participativo.



Pensando na extensão do bairro Lomba do Pinheiro e partindo da ideia de que o inventariamento não deve se esgotar, resolvemos delimitar a pesquisa da seguinte forma:

- a. O bairro foi dividido em quatro microrregiões (faces);
- b. Formou-se uma equipe de mediadores do inventário participativo;
- c. As associações de moradores das vilas do bairro foram sensibilizadas na intenção de se responsabilizarem pela pesquisa em cada local e após remeterem os instrumentos de sondagem e pesquisa para os mediadores;
- d. Os bens patrimoniais móveis poderiam ser doados, emprestados ou mesmo permanecer em seus locais de origem;
- e. Os bens patrimoniais imóveis foram mapeados, listados, registrados e fotografados;
- f. As manifestações culturais, consideradas patrimônio imaterial, foram listadas, necessitando de registro posterior;
- g. O registro do inventariamento está disponível em material cartográfico.

Estabeleceu-se como metodologia o contato com lideranças comunitárias responsáveis por associações de moradores e/ou responsáveis por outras formas de organizações sociais, na intenção de mobilizar um número significativo de moradores em torno da proposta de realização do inventário de forma ampla e participativa²

As lideranças contatadas foram responsáveis por promover reuniões com os moradores nas associações, na construção por meio de debate acerca do reconhecimento do patrimônio cultural local, como também tiveram a respon-

sabilidade de registrar nos instrumentos de sondagem os bens materiais e imateriais. A equipe de mediadoras do inventário participativo responsabilizou-se pelo contato com as lideranças comunitárias, convidando-as a fazer parte da pesquisa, pela participação em reuniões promovidas pelas associações ou grupos diversos, pela coleta dos instrumentos de sondagem e pela coleta de acervos esporadicamente doados ao Ponto de Memória. Entre os principais acervos inventariados estão:

1. O Bugio Ruivo;
2. Parada de ônibus;
3. Figueiras;
4. Pinheiros (pinus e araucária);
5. Nascentes;
6. Sítios arqueológicos;
7. Ponto de Memória;
8. Saberes das benzedeadas;
9. Comunidade indígena M'byá Guarani;
10. Comunidade indígena Kaingang;
11. Artesanato local; e
12. Equipamentos públicos.



Percurso Cultural Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro

Produtos decorrentes do inventário participativo

Na intenção de divulgar e estimular a apropriação do inventário participativo, decidimos pela criação de três produtos de difusão: exposição, catálogo em formato de mapa e multimídia.

² Quarenta e oito lideranças comunitárias tiveram participação ativa durante o inventário participativo, e mais de 350 moradores do bairro responderam instrumentos de sondagens e questionários.

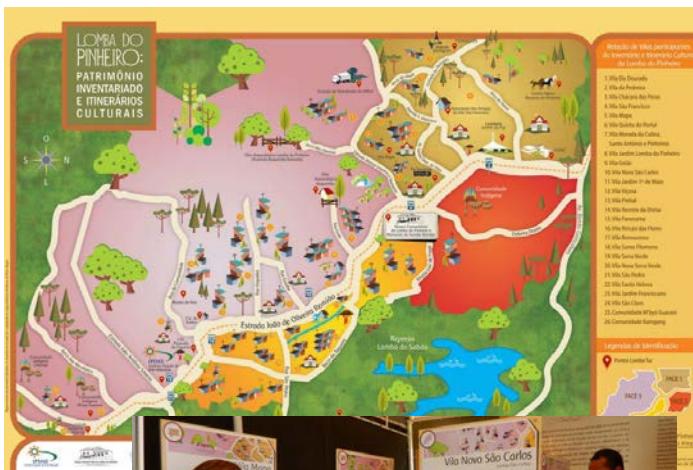
A exposição apresenta os elementos patrimoniais inventariados, assim como os históricos de 24 vilas do bairro e duas comunidades indígenas. Nela estão reproduzidos acervos imagéticos, cartografias produzidas pelos moradores, depoimentos orais, acervos impressos como jornais, boletins, atas etc. O catálogo contou com a curadoria da professora Elizabeth R. Torresini. Para a construção das narrativas textuais, a curadora da exposição ministrou oficina de produção textual. O material multimídia está sendo desenvolvido com um grupo de professores das escolas estaduais e municipais do bairro, a fim de que as necessidades pedagógicas das escolas da região sejam atendidas.

O inventário participativo teve papel fundamental para a produção da exposição “Lomba do Pinheiro: patrimônio inventariado e itinerários culturais”, assim como para o catálogo em formato de mapa.

O inventário participativo possibilitou um autorreconhecimento dos grupos sociais do bairro enquanto partícipes da construção histórica do lugar, assim como vem possibilitando o reconhecimento do trabalho de valorização das memórias e histórias locais a partir de diferentes lentes do cotidiano. Também possibilitou novas relações entre as comunidades, provocando diálogos com os diferentes grupos que compõem as matrizes culturais do bairro. Como exemplo de mudanças é possível observar as novas formas que as pessoas encontraram para apresentar, representar e, do mesmo modo, (re)apresentar o bairro. É possível perceber, entre os grupos que participaram do inventário, o desejo de continuidade do projeto, assim como a apropriação dos produtos de difusão.



Catálogo da exposição “Lomba do Pinheiro: patrimônio inventariado e itinerários culturais”.



Exposição Ponto de Memória Lomba do Pinheiro

Desafios a partir dos resultados iniciais relativos ao inventário participativo

Entre os desafios propostos está o produto multimídia. Com o advento da exposição e da ação educativa propulsora do contato entre os professores da rede de ensino público local e o Ponto de Memória, decidimos disponibilizar as informações coletadas no inventário participativo na forma digital, e todo o resultado acerca do patrimônio cultural local pesquisado e que consta no mapa impresso desdobra-se de forma mais detalhada no multimídia, contemplando o acesso amplo aos educadores e educandos.



Elaboramos um roteiro amplamente discutido entre o Conselho Gestor e os pesquisadores que trabalharam no inventário participativo e na efetivação da exposição, com os professores na construção desse produto visando tornar a pesquisa mais atrativa aos alunos.

Outro desafio está em tornar o Ponto de Memória independente e autônomo na sua totalidade em termos jurídicos e de vínculo profissional. Percebemos a necessidade da efetivação de uma Associação de Amigos do Ponto de Memória, para manter e gerir todas as demandas da instituição que, como o inventário participativo, compartilha e amplia as ações dela, contando com um número maior de participantes. Inclui com maior interesse das instituições acadêmicas em razão da diversidade de oportunidades de pesquisa nas suas mais variadas áreas de atuação.

Pretendemos investir na formação continuada dos conselheiros, bem como dos voluntários, estagiários e pesquisadores nas rotinas da instituição, e também nas deliberações relacionadas aos preceitos museais em detrimento da própria pesquisa, na participação comunitária, no registro da memória social, dos fazeres e saberes locais e na salvaguarda e no reconhecimento dos acervos disponíveis tanto no museu, quanto naqueles objetos e documentos que encontram-se sob a guarda dos moradores da comunidade.

Por fim, entendemos que existe a necessidade de, pela ação educativa e cultural, desenvolver outras demandas que possam envolver a comunidade em seus aspectos político, econômico e social, reconhecendo o patrimônio cultural como fonte da identidade local, da valorização individual e coletiva, estimulando o trabalho em grupo e a inclusão social.

Ponto de Memória de Terra Firme

(Terra Firme, Belém/PA)

Com a participação dos movimentos socio-culturais do bairro, o Ponto de Memória paraense trabalha na identificação das memórias, histórias e características peculiares de Terra Firme, bem como no levantamento de fotografias, entrevistas, contos, lendas e objetos que contam a história da comunidade. Para mobilizar os moradores e os movimentos culturais da região, realiza cortejos culturais, reúne quadrilhas juninas, grupos de dança de rua, hip-hop, grupos de capoeira, de carimbó, poetas, artistas plásticos e cantores populares.

Como parte desse processo, já realizou oficina de vídeo para jovens do bairro, que resultou na produção de dois documentários que retratam a vida cotidiana no local; reeditaram o extinto jornal comunitário “O Tucunduba”³ e, por meio do inventário participativo das práticas de cultura popular e saberes locais, deu apoio e visibilidade a diversos grupos culturais atuantes em Terra Firme e representa o começo da composição do acervo do futuro Museu Comunitário, cuja construção está no horizonte do Ponto de Memória de Terra Firme.



3 Ver a edição virtual em <<http://jornalotucunduba.blogspot.com.br/>>

A iniciativa tem como parceria o Museu Paraense Emílio Goeldi, que tem sido fundamental no processo de capacitação de jovens em entrevista, história oral, histórias de vida e inventário participativo, tendo como norte a metodologia e os instrumentos desenvolvidos pelo Museu da Pessoa. Terra Firme é um dos bairros mais populosos de Belém. Em 2011, segundo levantamento do IBGE, possuía cerca de 61.439 habitantes, o que representa 4,5% da área urbana do município.⁴

Metodologia aplicada na realização do inventário participativo

O Ponto de Memória de Terra Firme é um projeto comunitário participativo de caráter sociocultural-educacional que adota a Museologia Comunitária como principal ação transformadora dentro do bairro de Terra Firme, Belém/PA. É um bairro periférico que tem como forte característica o fato de ter sido construído pelos moradores em áreas pertencentes à Universidade Federal do Pará (UFPA), por volta da década de 1950. O lugar recebeu o nome de Terra Firme como forma de ironia ao fato de que no momento de ocupação era uma área de poucas porções de terra firme — na verdade, trata-se de áreas alagáveis. Em depoimento para o inventário participativo, a moradora Zuleide Fernandes da Silva, de 56 anos, descreveu o lugar dessa forma:

Quando eu cheguei aqui nesse lugar, aqui os terrenos eram tudo alagado, as ruas eram tudo só um matagal, tinha uns... Umas estivas acima porque tava no início da ocupação, então as ruas eram uns pedaços de pau, umas tábuas, uns açazeiros. Era estiva, só estiva e tinha que andar se equilibrando — tinha que ser equilibrista.

4 SILVA, Maria do Socorro Rocha e; SÁ, Maria Elvira Rocha de. Medo da cidade: estudo de caso do bairro Terra Firme de Belém (PA). In: Argumentum. Vitória (ES), v.4, n.2, p.174-188, jul/dez 2012. Endereço eletrônico: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4835014.pdf

Em outubro de 2009, por iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) por intermédio do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e por meio do projeto “O Museu Goeldi leva educação em ciência à comunidade”, um grupo de moradores de Terra Firme e técnicas do MPEG iniciaram as ações de Museologia Comunitária no bairro. Em maio de 2010, foi formado o primeiro Conselho Gestor do Ponto de Memória de Terra Firme legitimado pela comunidade do bairro e reconhecido pelo Ibram, constituído por 15 integrantes. Atualmente o Conselho Gestor do projeto é formado por 12 membros: Camila Moura, Deivison Laurentino, Eliete Santana, Francisca Rosa, Helena Quadros, Jéssica Gusmão, João Batista dos Anjos, José Maria Souza, Leonel Oliveira, Maria Francisca Santos, Maria Madalena Pantoja e Sâmia Queiroz — esse grupo está desde a formação do primeiro Conselho.

Assim, o Ponto de Memória de Terra Firme tem por missão agregar valor à comunidade, por meio da preservação do patrimônio local, resgate da memória dos moradores e reconstrução da história. Tem como objetivo principal construir um Museu Comunitário que narre a história, a memória e o patrimônio do bairro. Dessa maneira, vem realizando ações que incentivem a comunidade a refinar sua identidade perante a sociedade.



Bairro da Terra Firme

Em novembro de 2011, foi enviado ao Instituto Brasileiro de Museus o plano de ação do PMTF, a fim de ser executado no ano de 2012. O plano



consiste no desenvolvimento da primeira etapa do inventário participativo no bairro de Terra Firme para buscar informações a fim de serem usadas na elaboração de uma exposição sobre o bairro e uma cartilha informativa sobre o projeto, como produtos de difusão.

Paralelo às ações do plano de ação, o Conselho Gestor, aprovou três microprojetos dentro do edital Território de Paz do Pronasci/Ministério da Justiça e Programa Mais Cultura/Ministério da Cultura, a serem executados nos anos de 2011 e 2012. Os microprojetos foram: “Juventude e Imagens de Terra Firme: reafirmando identidades e garantindo cidadania”; “Reescrevendo a nossa história outra vez: jornal O Tucunduba” e “As diversas linguagens da Cultura no Bairro de Terra Firme”. Estes possibilitaram, ao Ponto de Memória, a produção de dois produtos de difusão⁵ e a elaboração do inventário participativo.

O microprojeto “As diversas linguagens da Cultura no Bairro de Terra Firme” possibilitou ao PMTF a realização do inventário participativo em Terra Firme, com a finalidade de buscar suporte e visibilidade aos diversos grupos socioculturais no bairro, contribuindo para a valorização dos saberes e práticas locais. O objetivo do inventário foi pesquisar, catalogar e sistematizar as linguagens culturais, a história e a memória presente no bairro de Terra Firme, por meio de entrevistas de histórias de vida.

O inventário participativo, que ocorreu de dezembro de 2011 a abril de 2012, surgiu da seguinte maneira:

Primeira etapa — definição da metodologia: o Conselho Gestor, em reuniões, definiu que seriam realizadas entrevistas de histórias de vida, justifi-

cadas pelo interesse do grupo gestor em conhecer a história e as memórias existentes em Terra Firme por meio de relatos dos moradores. Com a aprovação do microprojeto “As diversas linguagens da Cultura no Bairro de Terra Firme” (o qual consistia em trabalhar com jovens na faixa etária de 15 a 29 anos), o Conselho determinou que fossem selecionados 10 jovens na faixa etária de 18 a 29 anos para realizarem as entrevistas no bairro, sob a orientação de uma equipe coordenadora formada por membros do Conselho Gestor do Ponto de Memória de Terra Firme.

Segunda etapa — seleção dos jovens: buscou-se dez jovens⁶ para participar do inventário. A seleção foi feita de acordo com os seguintes critérios:

- 1) morador do bairro de Terra Firme;
- 2) conhecimento regular de sistema operacional Windows e suas ferramentas de edição texto/ figuras e internet;
- 3) domínio de escrita na língua portuguesa;
- 4) responsabilidade com prazos;
- 5) capacidade de trabalhar em equipe;
- 6) fácil comunicação.

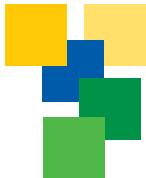
Utilizou-se uma ficha de inscrição para que os jovens interessados pudessem responder às seguintes perguntas:

- a) identificação;
- b) escolaridade;
- c) como soube do projeto?;
- d) disponibilidade;
- e) o que é o bairro de Terra Firme?

Terceira etapa — oficina de inventário participativo: serviu de capacitação para que os jovens participantes estivessem habilitados a inventariar

5 Os produtos de difusão foram: o lançamento de dois vídeo-documentários sobre o bairro da Terra Firme, por meio do microprojeto “Juventude e Imagens da Terra Firme: reafirmando identidades e garantindo cidadania”; e, um jornal comunitário, por meio do microprojeto “Reescrevendo a nossa história outra vez: jornal O Tucunduba”.

6 Jovens participantes: André Aviz, Brenna Figueiredo, Carmem Santos, Deivison da Rocha, Ernanydos Remédios, Jéssica Gusmão, Maiara Souza, Maridene dos Santos, Ruãma do Nascimento, Tacimiller de Matos, Tatian Amaral e Thayse de Matos.



as manifestações socioculturais no bairro de Terra Firme. O tema “Museu e Memória” foi o norteador da oficina, que aconteceu em seis dias e se utilizou de metodologias específicas com o intuito de que os participantes aplicassem em campo os conhecimentos construídos quando fossem realizar as entrevistas, bem como:

- 1) linha do tempo;
- 2) rodas de memória;
- 3) técnicas de entrevistas;
- 4) definição de inventário participativo.

Quarta etapa – construção dos instrumentos de pesquisa: após o término da oficina de inventário participativo, os jovens, com os membros do Conselho Gestor do Ponto de Memória de Terra Firme, responsáveis pela execução do inventário participativo, elaboraram os instrumentos de pesquisa. O grupo decidiu que o inventário teria cinco temas norteadores, e os jovens se dividiriam em duplas para ir a campo realizar as entrevistas. Os temas foram:

- 1) cotidiano;
- 2) história do bairro de Terra Firme;
- 3) lutas sociais nas quais os moradores do bairro participaram ou vêm participando;
- 4) cultura popular;
- 5) instituições de pesquisa presentes no bairro.

O conselho do PMTF se responsabilizou em passar aos jovens um roteiro de pesquisa tratando do que seria pesquisado de acordo com o tema, sendo baseado no plano de ação do Ponto de Memória. Após essa decisão, foram construídos os instrumentos de pesquisa que passaram a ser utilizados no inventário participativo, contendo:

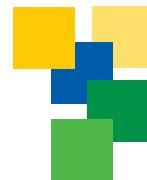
- a) claquete de identificação;
- b) ficha de identificação;
- c) ficha de foto;

- d) ficha de objetos;
- e) autorização de depoimento e imagem;
- f) roteiro de entrevista.

Quinta etapa – entrevistas de história de vida e realização de rodas de memória: após o período de construção de metodologias dado pelas etapas anteriores, que teve a duração de um mês, os jovens foram a campo inventariar as manifestações socioculturais do bairro de Terra Firme. Essa etapa teve a duração de três meses. Os jovens participantes saíram a campo com o objetivo de realizar oito entrevistas ao mês, de acordo com sua temática, e em períodos quinzenais tinham a orientação da Coordenação do projeto. Foi definido durante o processo da quarta etapa que a cada mês seriam realizadas rodas de memória temáticas com moradores do bairro, nas quais os jovens seriam os responsáveis por organizar o evento. Assim, deveriam ocorrer as seguintes rodas:

- 1) história do bairro de Terra Firme;
- 2) cultura do bairro;
- 3) cotidiano do bairro.

Sexta etapa – sistematização e catalogação das entrevistas: após a realização da etapa de campo (descrita na quinta etapa) ocorreu a sistematização e catalogação das entrevistas. Os jovens conseguiram realizar 59 entrevistas de história de vida com moradores e/ou pessoas atuantes no bairro de Terra Firme; portanto, não se atingiu a meta inicial do inventário participativo. A cultura e o dia a dia do bairro estiveram presentes na maioria das entrevistas cedidas ao microprojeto, além, é claro, da importância concedida à história de luta e conquista pela moradia. Foram cedidos pelos entrevistados vários arquivos fotográficos que retratam sua relação com o bairro e a construção dele.



Sétima etapa — cortejo cultural: o cortejo cultural do Ponto de Memória de Terra Firme — “As diversas linguagens da Cultura” — aconteceu no dia 28 de abril de 2012 no bairro. Teve como objetivo reunir todos os movimentos socioculturais de Terra Firme inventariados na etapa do inventário participativo. Portanto, foram convocados a participar os movimentos: Coletivo Casa Preta, Instituto Cultural Polo São Pedro, Quadrilha Junina Infantil Crianças que Brilham, Grupo Cultural Boi da Terra, Grupo Cultural Boi Marronzinho, Instituto Amazônia Cultural, Cia. de Dança Exíbel e Associação Cultural Eu Sou Angoleiro. E, ainda, aglutinou personagens característicos de Terra Firme, como: vendedor de tacacá, vendedora de bombom, vendedor de sorvete, pintor, grupo da coleta seletiva de lixo, entre outros que fizeram parte do inventário participativo.

O Cortejo Cultural saiu da Passagem Bom Jesus em frente do Centro Comunitário Bom Jesus (primeiro Centro Comunitário de Terra Firme) e se destinou à Praça Olavo Bilac (em frente à Igreja São Domingos de Gusmão). O trajeto realizado foi Passagem Bom Jesus — Rua São Domingos — Passagem São Pedro — Passagem Liberdade — Rua Celso Malcher — Praça Olavo Bilac (Igreja São Domingos de Gusmão). E no destino final ficaram reunidos os grupos socioculturais e os personagens característicos de Terra Firme que não puderam sair em cortejo.

O inventário participativo possibilitou ao Ponto de Memória de Terra Firme o levantamento de um acervo de histórias de vida de moradores e/ou pessoas atuantes no bairro de Terra Firme que ajudam na construção diária do bairro. Com certeza esse primeiro inventário terá uma importância significativa para o objetivo principal do PMTF, que é a transformação deste em um museu comunitário.

Vale ressaltar também o engajamento dos jovens participantes desse processo, pois estes obtiveram uma considerada habilidade quanto à realização de entrevistas, fato comprovado por terem conseguido entrevistar pessoas importantíssimas para o bairro e que posteriormente estiveram presentes nas outras ações do PMTF. A cada história de vida coletada, uma descoberta para esses jovens e uma confirmação/provação para o Ponto de Memória de Terra Firme. Em depoimentos, os jovens participantes demonstravam satisfação em estar realizando o trabalho e ainda se sentiam orgulhosos em fazer parte de um bairro muito expressivo para dentro do município de Belém. Em relação aos entrevistados e seus depoimentos, muitos ficaram maravilhados em serem procurados para darem sua versão, sua opinião e seu olhar sobre a história e a memória do bairro de Terra Firme.

Quando se pôde realizar o “Cortejo Cultural do Ponto de Memória de Terra Firme: As diversas linguagens da Cultura”, o PMTF conseguiu aglutinar várias vertentes culturais do bairro, agregando valor a esses grupos. E, também, fazendo que esses grupos pudessem se sentir parte do Ponto de Memória de Terra Firme.

Conselheiros em atividades de mapeamento cultural na Terra Firme



I Gincana Terra Firme

O inventário participativo fez parte de um processo de legitimação do Ponto de Memória de Terra Firme como agente transformador dentro do bairro de Terra Firme, uma vez que foi a etapa inicial para elaboração de dois produtos de difusão do projeto que visam ao reconhecimento da importância deste para o melhoramento do bairro. Assim, o inventário resultou na produção de uma cartilha informativa do projeto — “Um Ponto de Memória no Bairro de Terra Firme” — e a elaboração de uma exposição que retrata o bairro de Terra Firme — “Terra Firme: de tudo um pouco”.

Atualmente esses produtos percorrem o bairro e fora dele para divulgar e reconhecer o valor do registro e preservação da memória para um lugar e ainda mostrar a importância de projetos, como o Ponto de Memória de Terra Firme, que procuram transformar o bairro de maneira positiva por meio de ações museais.

Ponto de Memória do Grande Bom Jardim

(Grande Bom Jardim, Fortaleza/CE)

O Ponto de Memória do Grande Bom Jardim (GBJ) é um lugar de celebração de experiências transformadoras e significativas de cidadania e valorização das variadas formas de expressão e modos de fazer da região. É um instrumento político que tem como objetivo celebrar lutas, valorizar expressões, saberes, locais e recordar positivamente o lugar, suas marcas simbólicas e afetivas, com um projeto de afirmação de identidade territorial e promoção do desenvolvimento local.

O território GBJ está localizado a sudoeste da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, e é composto por cinco bairros (Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira) e dezenas de comunidades de per-

tença. Está situado na Secretaria Executiva Regional V, com 17 bairros, reunindo uma população de 452.875 habitantes.

Estigmatizada como região pobre, também arrasta consigo o estigma de “zona violenta”, já que violência e pobreza são sempre postas pela mídia no mesmo patamar, como se uma decorresse da outra. Por outro lado, na contracorrente, o GBJ se coloca como um território vivo de um povo que impõe suas vozes, identidades e visões de mundo.

O Ponto de Memória desenvolve um conjunto de ações museais e atua no processo de inventário participativo do território, por meio do qual já registrou histórias sobre a formação da região, os espaços das culturas religiosas de matrizes africanas e ameríndias, celebrações, ofícios, modos de fazer, edificações, lugares de memória, dentre outras diversas expressões culturais da localidade.

Além disso, funciona como ferramenta e arena estratégica para pautar e discutir questões locais, promover debates, negociar diferenças e produzir narrativas coletivas enquanto reescrituras ou releituras de fatos, de acontecimentos e de sujeitos sociais, na perspectiva e vivência dos próprios moradores.



Grande Bom Jardim



49

Desde o princípio da colocação da proposta do Programa Pontos de Memória pelo Ibram, entre outubro e novembro de 2009, por meio de visita *in loco* de técnicos articuladores comunitários e, sobretudo, na I Teia da Memória, realizada em Salvador/BA, a representação institucional do território Grande Bom Jardim no referido programa esteve em nome da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável (Rede DLIS do GBJ), coletivo mediado e animado pela ONG Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS). A instância existe desde dezembro de 2002 e, atualmente (2013), é composta por 38 organizações locais, dentre associações de moradores, organizações não governamentais e equipamentos sociais locais.

Imediatamente após o retorno dos participantes às bases políticas do Grande Bom Jardim, do evento I Teia da Memória de Salvador, as ações de mobilização social local começaram a ser desenvolvidas. O intuito central era a composição de uma instância política, com representação de todos os cinco bairros oficiais integrantes do território Grande Bom Jardim (Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Canindezinho e Siqueira), que tivesse a responsabilidade de assumir o desenvolvimento das ações de base do programa Pontos de Memória no território, com legitimidade de celebração de parceria com o Ibram. No entanto, no campo da mobilização social não apenas uma boa ideia é necessária para gerar os sentidos e o compartilhamento dos objetivos, dos desejos e das metas. Além de uma boa proposição, são necessários mediadores locais com respaldo, confiança e credibilidade junto aos agentes locais a serem convocados, a coletivização da proposta de trabalho de forma a gerar um senso comum acerca da importância estratégica da intervenção para o fortalecimento do desenvolvimento local, pela articulação em rede social, e um trabalho de

apropriação conceitual, numa perspectiva da prática, acerca da memória social e da nova perspectiva de linguagem sugerida, a Museografia comunitária, também denominada simplesmente por nova Museologia ou Museologia Social.

A convocação de vontade coletiva não é tarefa rápida, ela requer tempo de maturação. Mesmo que as ações de difusão e coletivização da proposta tivessem começado em janeiro de 2010, em março daquele ano ainda não havia uma consistência política com espírito de corpo e com uma dinâmica de grupo suficiente para o território se fazer representado na II Teia da Memória, por ocasião do Fórum Nacional de Cultura, realizado em Fortaleza, em março de 2010, no Centro de Cultura Dragão do Mar, no Seminário da Prainha e no Centro Urbano de Cultura e Arte (CUCA). Por essa razão, o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim, em sua dimensão institucional, não participou ativamente do evento sediado em Fortaleza. No entanto, em virtude das relações interpessoais fomentadas na I Teia da Memória, foram trocadas informações acerca dos procedimentos técnicos e burocráticos para viabilizar a formalização da parceria entre comunidades organizadas e Ibram e a execução do projeto: “Desenvolvimento Institucional e Técnico-Operacional para Ampliação e Consolidação de Projetos Relacionados à Memória Social no Brasil”. Ademais, os próprios caminhos legais e metodológicos de condução e conformação do Programa Pontos de Memória foram um aprendizado que se constituiu na trajetória. E assim as ações de base para a composição do Conselho Gestor continuaram firmes e com mais intensidade que antes.

Entre os meses de abril e junho de 2010, foram realizadas reuniões periódicas junto a organizações sociais nos bairros Siqueira e





Bom Jardim. Desses encontros se gerou entendimento coletivo de que o movimento tinha adquirido as condições necessárias para a constituição da instância gestora da iniciativa de memória social e Museologia Comunitária do território. Com esse consenso, foi formalizada decisão em ata e enviada cópia ao Ibram. Em junho daquele ano programou-se a realização de uma primeira capacitação de um ciclo de dez formações do Conselho Gestor a serem realizadas pelo Ibram, sendo a primeira denominada: “Museu, Memória e Cidadania”, facilitada por Inês Gouveia com participação de Patrícia Albernaz, vinculadas, respectivamente, ao Departamento de Processos Museais (DPMUS) e ao Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus (DDFEM). No entanto, fragilidades políticas acerca da composição da instância sobressaíram-se durante a formação. Então, encaminhou-se interromper o processo formativo e realizar um novo ciclo de mobilização comunitária para o fortalecimento da instância gestora. Foi planejada, então, uma maratona de assembleias comunitárias por bairro, sendo uma em cada bairro oficial, para coletivização da proposta, sensibilização acerca da relevância das temáticas e da estratégia política, enquanto ferramenta e linguagem, para o desenvolvimento local. Foram definidos três assentos por bairro na instância. De fato, as cinco assembleias comunitárias foram realizadas no mês de julho/agosto, e a instância levou todo o segundo semestre de 2010 para se fortalecer. No final de 2010, o Conselho Gestor estava com seu regimento interno elaborado e aprovado.

Havia, portanto, as condições básicas necessárias para dar provimento ao estabelecimento da parceria e à execução do programa em âmbito

local. Além disso, o Ibram estava cercado dos arranjos jurídicos e das estratégias administrativas para formalização de parcerias comunidades-Ibram, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), com mais amadurecimento da estrutura técnica de condução do programa nos 12 territórios pioneiros ou de primeira geração de forma a respeitar a autonomia política e técnica das iniciativas comunitárias em memória ora fomentadas, e garantir o acompanhamento técnico necessário para o desenvolvimento de inventários participativos dos bens culturais nos territórios e a geração dos produtos difusores.

O processo de construção da metodologia para a realização do inventário

Haja vista o cenário político local conformado segundo os pré-requisitos estabelecidos, o outro desafio era a elaboração de uma metodologia de execução dos trabalhos para a consecução de resultados e produtos, a qual deveria prever a elaboração coletiva de uma metodologia de execução de um inventário participativo dos bens culturais locais, com a previsão de geração de produtos difusores com viabilidade técnica, ou seja, leitura da realidade local, definição da tipologia da experiência museal, dos produtos difusores, das ações e forma de execução, com cronograma de execução e orçamento.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, o Conselho Gestor reuniu-se periodicamente, pelo menos duas vezes ao mês, para a elaboração coletiva da proposta metodológica, conforme instrumental. A metodologia de trabalho não facilitou a geração de um produto. Muitas eram as ideias e grande era a vontade de realização, mas não se gerava um produto, um documento escrito. Foi então que se encaminhou a delegação da escrita do documento, segundo as

diretrizes apontadas pelo Conselho Gestor, ao técnico da ONG CDVHS, Adriano Almeida, incumbido do acompanhamento da instância pela referida instituição. As diretrizes do Conselho Gestor foram: classificação do tipo museológico em Museu de Território e Memorial, denominado Museu da Memória Territorial do GBJ; método participativo com realização de inventário, com desenvolvimento de processo formativo; composição de base de dados sobre o território; elaboração de mapas mentais e confecção de produtos difusores. Os produtos difusores definidos foram: museu comunitário, site, cartilha e vídeo institucional. Em menos de um mês de trabalho, a proposta metodológica, segundo diretrizes da instância gestora, foi apresentada pelo técnico responsável, qualificada e validada pelo Conselho Gestor, e encaminhada para análise técnica, diligências e aprovação. Esse processo de análise pelo Ibram foi transcorrido entre os meses de maio e novembro de 2011. Uma das marcas do plano de ação de execução da metodologia consiste em um diagnóstico territorial, com uma leitura de cenários rica e embasada em dados objetivos, quantitativos e qualitativos.

Composição do Conselho Gestor no ato da validação da metodologia pela instância⁷:

ENTIDADE ASSOCIATIVA	BAIRRO
Associação Espírita São Miguel	Granja Lisboa
Associação Cultural Santa Terezinha do Menino Jesus	Granja Lisboa
Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS)	Bom Jardim
Associação Comunitária e dos Comerciantes do Grande Bom Jardim (ASCCOMBOJA)	Bom Jardim
Associação Comunitária do Parque Jerusalém	Canindezinho
Associação Comunitária dos Moradores Vila Planalto (ACMVP)	Canindezinho
União dos Moradores do Bairro Canindezinho (UMBC)	Canindezinho
Associação Comunitária do Jardim Nazaré	Siqueira
Associação Comunitária do Anel Viário (ACAV)	Siqueira

FONTE: Conselho Gestor do Ponto de Memória do GBJ.

Processo de desenvolvimento do inventário participativo dos bens culturais

Então, no período de janeiro e fevereiro de 2012, por meio de dois editais, dez moradores do Grande Bom Jardim foram selecionados para a posição de pesquisadores na pesquisa intitulada: “Inventário Participativo dos Bens Culturais do Grande Bom Jardim”. Foram selecionados dois pesquisadores por bairro oficial do território. O edital previa a seleção de um(a) morador(a) jovem entre 18 e 29 anos e um(a) morador(a) de 30 anos ou mais por bairro. Vejamos como essa seleção ocorreu.

Para inscrição, o(a) candidato(a) deveria ter um perfil socioeconômico de baixa renda, cujos indicadores eram a família ter o Número de Inscrição Social (NIS) e o consumo de energia elétrica domiciliar deveria estar dentro da faixa baixa

7 A composição da instância sofreu alteração no período de análise e diligência da proposta metodológica pelo Ibram, e foi consolidada durante a execução do plano de ação da metodologia aprovada. Retirou-se do CG, sem formalização em assembleia, a Associação Comunitária e dos Comerciantes do Grande Bom Jardim (ASCCOMBOJA), e se engajou a ONG Granja Portugal Solidária (SOLIDU), do bairro Granja Portugal.

renda. Uma vez atendido esse pré-requisito, o(a) morador(a) candidato(a) submeteu-se à prova de redação, e uma vez obtendo nota superior a 7 (sete), analisou-se as razões motivadoras de participação no projeto, por meio de entrevista individual e dirigida, em seus aspectos conceituais, ideológicos e de disponibilidade de tempo para se dedicar à formação básica e ao trabalho de campo por um período de quatro meses.

Foram aplicados dois testes de redação aos candidatos, em dois grupos. Os temas foram:

- 1) Meu Bairro, Minhas Memórias;
- 2) Através de uma janela é possível ver várias histórias que podem ser recontadas pelo olhar do observador à janela.

Considerando a janela como esse espaço de possibilidades de ver o mundo, como você vê seu bairro pela janela? Foram definidos parâmetros para avaliação das redações. Os aspectos gramaticais não foram tomados com peso na análise das redações. Os aspectos mais importantes foram os conhecimentos sobre o bairro e a visão de mundo, que demonstrassem articuladamente elementos argumentativos, carga de leitura e capacidade de leitura da realidade, bem como noções básicas de coesão e coerência textual. Assim ficou esse esquema conceitual como parâmetro para correção dos textos: C.I = Coerência de Ideias (3 pontos); L.C = Linguagem e Coesão (3 pontos) e C.M = Conteúdos e Memórias (4 pontos).

Além do corpo de moradores gestores, o Conselho Gestor do Ponto de Memória do GBJ, que confere legitimidade política ao processo, foi composto por uma banca técnica de seleção, formada por um morador local, mestrando em História e professor da rede estadual de ensino, três engenheiros vernáculos ligados à Universidade Estadual do Ceará (UECE) e um técnico local vinculado à execu-

ção do projeto, contratado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), a serviço do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) no Ponto de Memória do GBJ.

Todos os dez moradores selecionados como pesquisadores sociais do “Inventário Participativo dos Bens Culturais do Grande Bom Jardim” assinaram um termo de compromisso, que buscava garantir a integração na equipe, na dedicação e participação nos cursos de formação básica e, sobretudo, na elaboração de relatórios técnicos, na geração de resultados e na consecução dos produtos esperados.

Uma vez vencida a etapa de seleção, deu-se início à etapa de formação dos moradores em pesquisadores sociais. Foram desenvolvidos três cursos básicos, sendo um de Metodologias Qualitativas de Pesquisa em História, focando na História Oral, Memória e Patrimônio Cultural, de 34 horas-aula nos meses de fevereiro e março, realizado no Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), ministrado pelo mestre em História João Paulo Vieira Neto, um dos mentores do projeto “Historiando, intervenção social, princípio da Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC)”. Um curso de Fotografia Básica, de 35 horas-aula nos meses de março, abril e maio, realizado na Escola CAIC Maria Alves Carioca, ministrado por um fotógrafo e professor de Fotografia da Casa Amarela Eusélio de Oliveira, vinculada à Universidade Federal do Ceará (UFC); e um curso de Cartografia Comunitária Temática, de 80 horas, nos meses de abril a agosto, ministrada pela estudante de Geografia, Edivânia Marques, sob supervisão de orientador acadêmico.

Vale dizer que as capacitações supracitadas tiveram como momento de intercâmbio e prática a aula de campo, realizada dia 10 de março de



2012, na comunidade indígena Jenipapo Kanindé e no Ecomuseu Comunitário de Maranguape, que ficam na Região Metropolitana de Fortaleza, respectivamente nos municípios de Aquiraz e de Maranguape. Nessa ocasião, reuniram-se os profissionais especialistas, os moradores pesquisadores e os conselheiros para observar, analisar e traçar perspectivas para a formatação de nossa iniciativa museal ao espelho e à avaliação da experiência daqueles.

No geral, quanto ao processo formativo, uma avaliação feita foi o demorado tempo dedicado à formação, gerando certa dispersão em virtude da exigência tecnicista. Esse é um dos desafios do trabalho participativo: habilitar tecnicamente os sujeitos para o desenvolvimento de um trabalho que é, por natureza, realizado sob o olhar do nativo; viabilizar uma desnaturalização do olhar sobre os próprios traços culturais, um convite a ver a realidade e os fatos por uma lente de aumento, exagerando-os para desvendar e destrinchar os sentidos e os significados constituídos socialmente, sendo os pesquisadores também sujeitos sociais, responsáveis pela significação.

Outro desafio foi o descompasso entre o tempo da bolsa, de quatro meses, e o tempo necessário para a apreensão de informações e a geração de resultados e produtos previstos. Devemos mencionar também o impacto negativo sobre os moradores pesquisadores do atraso de repasse dos recursos entre as parcelas.

O pontapé do trabalho de campo propriamente dito foi a realização das “Ações Museais”, no mês de março de 2012, com objetivo central de divulgação do projeto na comunidade, mobilização cultural e fomentar ações de educação para o nivelamento conceitual das temáticas Memória e Museologia Comunitária.

Portanto, os pesquisadores foram os responsáveis pela realização de cinco rodas de memória, sendo uma por bairro, no seguinte cronograma de março: Siqueira, dia 19; Granja Lisboa, dia 20; Canindezinho, dia 21; Granja Portugal, dia 22; e Bom Jardim, dia 23. Participaram diretamente dessas ações de memória uma média de 250 moradores. Os pesquisadores identificaram moradores com acúmulos de conhecimentos e de vivências no bairro, aqui denominados “Guardiões da Memória”. Estes foram mobilizados, entrevistados e envolvidos no processo de pesquisa como sujeitos históricos.

Os moradores pesquisadores, então, sistematizaram as informações, prepararam e conduziram a realização das cinco rodas de memória. Esta foi a primeira ação autônoma dos moradores pesquisadores no trabalho de campo da pesquisa, estabelecendo os primeiros contatos com os interlocutores estratégicos, identificando tantos outros a serem entrevistados e coletando as informações sobre a história do bairro, a partir do olhar e das narrativas de quem fez e viveu a história — os próprios moradores. Os primeiros grandes achados da pesquisa aconteceram no curso dessas ações por bairro, como, por exemplo, a primeira pia batismal da igreja católica do bairro do Canindezinho, do início do século XX, peça incluída no acervo do Ponto de Memória do GBJ. O cronograma das “Ações Museais” de março prosseguiu: dia 24 foi realizado o Seminário “Território, História e Memória” com o objetivo central de produção de conceitos comunitários sobre os temas do evento. O evento aconteceu no segundo centro cultural do governo do Estado do Ceará em Fortaleza, o Centro Cultural do Bom Jardim (CCBJ).

A atividade teve uma carga horária de oito horas-aula, e foi facilitada em parceria com a comunidade local organizada, com o Projeto Historiando, com representantes da equipe gestora do CCBJ e



com colaborações técnicas, como a do mestre em Geografia Victor Bento, professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A programação e metodologia foram elaboradas coletivamente em pelo menos três reuniões exclusivas para essa finalidade. Participaram 31 moradores. Um dos resultados foi o entendimento comum gerado acerca da funcionalidade social da memória para clarificar o entendimento acerca de um dos dilemas da comunidade, a indefinição do lugar das fronteiras intermunicipais e apontar possíveis soluções para a maior consequência dessa indefinição: a competência administrativa sobre os serviços públicos nas porções territoriais *sub judice*.

No domingo, dia 25 de março, foram comemorados os 60 anos do bairro, com uma programação cultural desenvolvida no Centro Cultural do Bom Jardim por grupos e artistas locais, entre 14h e



Grande Bom Jardim

20h. Apresentaram-se grupos locais de hip-hop, de dança contemporânea, de danças tradicionais e de teatro. Os festejos contaram com um bolo de um metro, oferecido aos moradores presentes.

Entre os dias 27 e 28 de março foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) a capacitação “Museu, Memória e Cidadania”, ministrada por Mario Chagas: poeta, museólogo, mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, na época, diretor do Departamento de Processos Museais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC). A capacitação foi em nível

estadual, reunindo em rede o Ponto de Memória do GBJ e a Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC). Essa formação foi o momento sublime para intervenção militante no processo de desenvolvimento do inventário participativo e de geração dos produtos difusores; nela se constituiu a coletivização temática na comunidade e se consolidou a apropriação conceitual, marcadas pela citação de José Saramago, lema e crença do Ponto de Memória do GBJ: “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos. Sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir”. Outro resultado da formação foi a inclusão do Ponto de Memória do GBJ na RCMC, constituindo assento na comissão de articulação da instância. O evento também recebeu as bênçãos dos ancestrais indígenas, numa dança sagrada chamada Toré.



Grande Bom Jardim



A incursão dos moradores pesquisadores aos bens culturais por bairro, no território, deu sequência pela identificação dos guardiões da memória e pela realização de sete entrevistas individuais semi-estruturadas e gravadas em áudio e vídeo. Foram entrevistados: dona Iolanda Bezerra e dona Iolanda Lima, ambas pelo bairro Canindezinho; Pai Neto, pelo bairro Granja Lisboa; Toinha Linhares, pelo bairro Bom Jardim; Dona Eulália, pelo bairro Granja Portugal; e Ana do Nazaré, pelo bairro Siqueira.

Eu comecei a ir pra igreja. Fui me confessar, o padre Fernando me deu uma penitência que até hoje é que me faz estar nessa luta. Essa penitência foi dada pelo padre Fernando. Ele me deu uma penitência de eu participar das reuniões da comunidade. Quando eu me engajei na reunião da comunidade, e aí entrei na luta, tomei gosto, e até hoje eu estou nessa luta. Quando eu me encontrava com ele, eu dizia: pense numa penitência! Porque a penitência é pra ser de pai nosso, essas coisas pro povo rezar e parar, né! A minha não parou nunca mais, até hoje, isso foi em 1989, e não consigo sair dessa penitência (risos). Pois é, o que me trouxe a essa vida foi uma penitência do padre Fernando, que era padre lá da Granja Lisboa, comboniano, que é uma pessoa maravilhosa e que eu adoro. (Moradora, liderança comunitária e conselheira gestora do Ponto de Memória GBJ)

A metodologia de desenvolvimento do inventário contou com outro instrumental de coleta de dados. Foram elaborados e aplicados cinco questionários estruturados, segundo as categorias culturais norteadoras da pesquisa, inspiradas no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). As categorias culturais norteadoras da pesquisa “Inventário Participativo dos Bens Culturais do Grande Bom Jardim” foram: Lutas e Resistências; Celebrações; Ofícios e

Modos de Fazer — Saber Fazer; Formas de Expressão; Edificações e Lugares de Memória. Contribuiu enormemente para a formatação desse arcabouço conceitual a pesquisa do mestre em História, João Paulo Vieira Neto.

A realização das rodas de memória permitiu a identificação dos moradores estratégicos a serem entrevistados e mapeados pela pesquisa. Também, simultaneamente à aplicação dos questionários por categoria da pesquisa, eram identificados artefatos e documentos interessantes e relevantes para a história de cada bairro do território, cotados para compor o acervo do Ponto de Memória do GBJ.

No meio-tempo do trabalho de campo da pesquisa também foram identificadas três temáticas importantes, que muito explicariam os sentidos e trajetos do processo de ocupação territorial e desenvolvimento urbano dos bairros, a saber:

- 1) ocupações;
- 2) terreiros e barracões: espaços de exercício das culturas religiosas de matrizes africanas e ameríndias.
- 3) territórios e territorialidades: fronteiras, manchas e pedaços.



Grande Bom Jardim



Para cada uma das temáticas foi lançada mão do recurso de coleta de dados denominado grupo focal, entrevista coletiva, segundo roteiro semiestruturado, orientada por finalidade. Os encontros foram oportunos, para além da coleta de dados, para divulgação e coletivização do projeto na comunidade, para reaproximação das lideranças antigas na militância pela efetivação dos direitos sociais, para pactuação política, envolvimento e comprometimento dos moradores participantes dos grupos focais no processo de construção de narrativas. Suas visões de mundo e suas interpretações de fatos históricos foram a tônica das informações que posteriormente seriam veiculadas.

Um dos resultados das dinâmicas foi a elaboração de mapas mentais sobre as duas temáticas principais da exposição “Jardim das Memórias”. Os moradores participantes espacializaram suas informações em bases cartográficas, mapas que expressam os conhecimentos dos moradores sobre seus bairros e denotam o nível de relação afetiva e vivencial destes com os lugares.

Muitos dos objetos e documentos mapeados pelos questionários e nos grupos focais foram adquiridos com recursos próprios ou doados ao Ponto de Memória do GBJ pelos moradores. Alguns constituíram reserva técnica, e a maioria deles foi integrada ao acervo da primeira exposição assinada pelo Ponto de Memória do GBJ, intitulada “Jardim das Memórias”, lançada dia 31 de agosto de 2012, evento que inaugurou o Ponto de Memória do GBJ. O argumento e a narrativa da referida exposição são resultados diretos da pesquisa realizada pelos próprios moradores capacitados para essa finalidade.

A exposição “Jardim das Memórias” homenageou os moradores que, ávidos por direitos, são incansáveis lutadores, lançando mão do arquétipo do guerreiro orixá Ogum. As temáticas princi-

pais foram “lutas e resistências” e “celebrações”, usando-se da linguagem da cartografia social, tendo os assuntos sido sistematizados em quadros temáticos por bairro. Os elementos centrais da narrativa são a água, a carnaúba, a terra e os guerreiros. A estética e os conteúdos sistematizados e publicados impressionaram os moradores, os representantes de equipamentos sociais e os parceiros presentes. Os resultados superaram as expectativas. Os “Guardiões da Memória”, os moradores convidados e os líderes comunitários aplaudiram a iniciativa museal comunitária por seu caráter coletivo e político, além de ratificarem a importância cultural do Ponto de Memória do Grande Bom Jardim.

O ato de inauguração do museu comunitário do Grande Bom Jardim teve considerável repercussão midiática, sendo veiculado nos principais veículos de comunicação do Estado, dentre jornal impresso, rádio e televisão.

A execução do inventário possibilitou o envolvimento da comunidade no entorno de questões caras, oportunizando condições para releituras de suas identidades culturais pelo olhar dos moradores, evidenciando fatos, pessoas e versões da história que fazem do Ponto de Memória e do museu comunitário uma espécie de espelho comunitário, ou seja, cada um tem a possibilidade de se reconhecer e de se reconstruir na narrativa do outro. Um dos indicadores dessa identificação é a doação espontânea de peças e acervos pessoais de moradores ao Ponto de Memória do GBJ. Os moradores querem ver suas peças no museu, o que convém ser lugar de destaque, lugar de contexto e de produção de textos.

Um dos principais impactos foi a ratificação ou a consolidação da importância temática e da linguagem museal pela Rede DLIS do GBJ, que resolveu tomar a memória social e a Mu-



seografia comunitária como um dos seus eixos institucionais de planejamento e intervenção da instância. Outro resultado foi a definição coletiva do argumento narrativo da segunda exposição do Ponto de Memória do GBJ intitulada “De onde viemos? Grande Bom Jardim: Terra de Todos os Santos”, a qual pretende resgatar seu princípio histórico, identificar seus agentes mobilizadores, notadamente os movimentos políticos religiosos atuantes nas periferias urbanas brasileiras nas décadas de 1970-1990, buscando entender, à luz do presente, as razões daquilo que fez ser o Grande Bom Jardim.

Os próximos desafios da experiência em memória social e Museografia Comunitária do GBJ são: a criação e manutenção de software de armazenamento e tratamento de dados; conceber e executar uma política de sustentabilidade para

o Ponto de Memória, que inclui Plano de Formação de Plateia, Plano de Captação de Recursos, editoração e publicação de suportes pedagógicos e midiáticos de multiplicação e difusão de conhecimentos e de produtos culturais da região (tais como site, vídeos e periódicos com a sistematização de resultados de processos), a metodologia aplicada e posições políticas conceituais. No campo político, fortalecer a participação nas redes políticas, constituir e executar agendas programáticas do calendário nacional da Museologia de forma a contribuir com a afirmação do campo comunitário, incidir na exigibilidade de política setorial em âmbitos local e nacional.

The infographic is divided into several sections. On the left, under the heading "NOSSO CONCEITO DE MEMÓRIA", it states: "Memória é a possibilidade de recordar histórias que narram a trajetória de um povo e marcam a sua identidade de modo que revela quem somos a partir do que relembramos e do que esquecemos, além de ser instrumento de luta para transformar a realidade." In the center, under "Localização", there is a map of Brazil with Ceará highlighted in green, and a smaller map of Fortaleza, CE, with "Grande Bom Jardim" marked. Above this is a quote by José Saramago: "Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos. Sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir." To the right, under "O QUE É PONTO DE MEMÓRIA?", it says: "Um lugar de celebração de experiências transformadoras e significativas da cidadania local e de valorização das variadas formas de expressão e dos modos de fazer da nossa gente. É também um lugar de recordação que oportuniza ressaltar o que há de bom e construído em nossa história." At the bottom, it provides the address: "Rua: Dr. Fernando Augusto, 907 - Bom Jardim - Fortaleza/CE Tel: 55 - 85 3404".

Grande Bom Jardim



Referências Bibliográficas

AUSTIN, John Langshaw. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar quer Dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CHAGAS, Mário de Souza. *A Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/Ibram, 2009. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, a Educação e o Museu*. Rio de Janeiro: MinC/Ibram, 2008. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização Social: Um Modo de Construir a Democracia e a Participação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



Etapa

4



Etapa 4

Produtos de Difusão

Os produtos de difusão são compreendidos pelas ações museais desenvolvidas pelos Pontos de Memória após a etapa de realização do inventário participativo. Com alta repercussão dentro e fora da comunidade, podem ter o formato de exposição, publicação, documentário, dentre outras atividades que colocam em evidência as representações das memórias e identidades coletivas, discutidas e trabalhadas durante todo o processo metodológico de desenvolvimento do Ponto de Memória.

Ponto de Memória da Estrutural

(Estrutural Brasília/DF)

O Ponto de Memória da Estrutural é um museu popular, autogestionário, que reúne lideranças comunitárias e representantes de diversos grupos, coletivos e movimentos da cidade, para pensar e desenvolver ações voltadas à valorização das histórias e memórias locais, como meio de transformação e melhoria de qualidade de vida no território.

A 20km de Brasília, a vila Estrutural surgiu em meados da década de 1960, a partir de um

pequeno grupo de famílias que se instalou nas proximidades de uma via homônima e de uma área em que até hoje funciona o aterro sanitário do Distrito Federal. Com o passar dos anos, a antiga vila se tornou cidade e hoje reúne cerca de 40 mil habitantes.

Desde então, os moradores travam diversas lutas, junto ao poder público, para criar mecanismos de sobrevivência, infraestrutura e saneamento básico, além de resistir às tentativas do governo de desocupar a área.

Nesse contexto, o Ponto de Memória da Estrutural trabalha as memórias de luta, resistência e conquistas da cidade, valorizando a memória política dos moradores pelo direito à moradia, a luta pelos espaços de trabalho e lazer, as brincadeiras das crianças nas ruas com seus folguedos, o dia a dia de luta das mulheres guerreiras, o burburinho da feira, os catadores de materiais recicláveis, os vendedores ambulantes, os caminhões de lixo que trafegam diariamente por suas ruas, dentre outras atividades peculiares que compõem a vida da Estrutural.

A iniciativa também funciona como um ponto agregador de movimentos que desenvolvem projetos socioculturais e de educação popular da cidade, sempre pautados em ações criativas, solidárias e voltados à melhoria de qualidade de vida da população local.

Coordenação das atividades

Coletivo da Cidade, Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (Mece), moradores que não fazem parte desses grupos, moradores de outras cidades do DF.

Produtos de Difusão:

I – Vídeo

II – Exposição do acervo no Ponto de Memória e em outros locais.

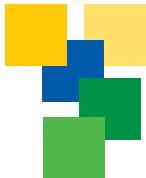
O critério para a opção de fazer um vídeo foi o resultado do registro das entrevistas orais realizadas com os moradores pelo Ponto de Memória da Estrutural. Por meio da elaboração de um vídeo, os moradores tiveram a oportunidade de narrar sua história e sua trajetória na Cidade Estrutural, contrapondo com a mídia local que, na maioria das vezes, conta a história dessa comunidade a partir de uma ótica deformada, colocando a Estrutural sempre nas colunas policiais. O vídeo também é uma ferramenta de divulgação externa do Ponto de Memória e da nossa visão de memória.

O critério para realizar as exposições foi o fato de que essa atividade permite uma divulgação em ampla escala das atividades realizadas pelo Ponto de Memória; além disso, a história da Estrutural é mostrada para os moradores em três perspectivas: local, regional e distrital. Ao mesmo tempo em que divulga as atividades do Ponto de Memória, sensibiliza e propicia visibilidade à comunidade, compondo o acervo do futuro Museu Comunitário da Estrutural.

1ª Exposição — “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas”

A exposição “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas” foi lançada no dia 21 de maio de 2011, concebida a partir de vários diálogos entre a equipe do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e os participantes do Ponto de Memória da Estrutural. Esses diálogos aconteceram em reuniões no Ibram e no Ponto de Memória. Inicialmente, os participantes do Ponto de Memória tiveram a ideia de contar a história da Estrutural por meio de exposições, dividindo-as em movimentos como: movimento da cidade, movimento das mulheres, movimento da criança, movimento do trabalho, movimento do lixo, movimento das religiões, movimento da saúde e movimento da educação. A primeira ideia era fazer uma exposição que retratasse todos esses movimentos; depois, chegou-se à conclusão de que era um universo muito extenso para ser abordado em apenas uma exposição e num espaço reduzido. Então, optou-se por apresentar cada movimento em exposições diversas.

A primeira exposição e lançamento do Ponto de Memória da Estrutural poderia ser sobre a cidade, a conquista e a luta da população para conseguir permanecer naquele espaço ao lado do lixão do Distrito Federal, que também fica ao lado do Parque Nacional com diversas fontes de água. Depois de várias reuniões, chegou-se a um consenso sobre o que seria mostrado no primeiro produto de difusão, ou seja, a primeira exposição. Continuamos com a concepção de movimentos e decidiu-se que seria retratado *o movimento de luta, resistência e conquistas de permanência no espaço, a conquista da água e da luz, ou seja, a luta pelo básico da sobrevivência e a valorização e reconhecimento da luta dos pioneiros*.

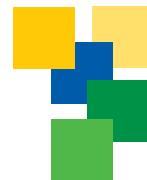


ros da Estrutural. No início a exposição aconteceria em novembro de 2010, mas já era novembro e ainda estávamos definindo o que expor e o título da exposição. Era a primeira vez que moradores e parceiros do Ponto de Memória produziram uma exposição, e isso foi aprendido na prática, colocando a mão na massa. Essa atividade foi uma verdadeira oficina prática de como montar uma exposição. Quando descobrimos que já era novembro e só tínhamos resolvido o nome da exposição, decidimos que no mesmo mês faríamos um “Café com Memória” e não uma exposição — muita coisa ainda havia para ser amadurecida e aprendida. Realizamos o “Café com Memória”, onde dois moradores antigos falaram sobre suas histórias, e o que predominou na fala deles foi a conquista pelo espaço, água e luz. Confirmamos, assim, que era isso mesmo que deveria ser retratado. Uma questão foi determinante para que adiássemos a exposição: quando decidimos como seria importante que os suportes da exposição fossem retirados do lixão, sendo reciclados e reaproveitados. O tempo gasto para conceber, desenvolver, executar e inaugurar a exposição foi de agosto de 2010 a maio de 2011. Decidido o recorte que faríamos na história, o tema, o nome da exposição e que aproveitaríamos materiais e objetos do lixão, partimos para o trabalho.

Ficou decidido que teríamos duas reuniões semanais entre o Ponto de Memória e a equipe do Ibram — uma reunião seria no Ibram e outra no Ponto de Memória. Dessa forma, ficamos conhecendo o Ibram e o Ibram ficou conhecendo o Ponto de Memória, foram descobertas afinidades e foram criadas identidades. As reuniões no Ibram eram de discussões, concepções e elaborações. No Ponto de Memória eram reuniões de trabalho, ou seja, oficinas práticas.

Com a equipe do Ibram fomos até o lixão ver a possibilidade de recolher objetos, mas perce-

bemos que no próprio lixão seria inviável. Então, fomos até o Grupo Sonho de Liberdade, o qual trabalha com egressos do sistema prisional e possui muitos materiais, objetos e móveis que foram retirados do lixão — um vasto material em seu terreno. Eles cederam objetos que foram escolhidos pela equipe do Ibram e do Ponto de Memória, os quais passaram a ser os suportes da exposição. O suporte onde ficou o texto de apresentação da exposição, um suporte onde foram expostas fotos do cotidiano da Estrutural, um suporte onde colocamos um poema improvisado sobre a Estrutural e seus sons. O tambor que simboliza a luta pela água foi comprado a dez reais de um carroceiro que passava na rua. As reuniões no Ponto de Memória foram assim: coleta de objetos no Sonho de Liberdade, limpeza, lixamento e pintura desses objetos, pintura das paredes da casa, conserto da parte elétrica da casa, pintura do piso, escolha das fotos que comporiam os painéis, busca de pneus que simbolizam o fechamento da pista Estrutural no lixão. Um dia paramos diante do poste de luz que fica dentro do galpão do Ponto de Memória e nos perguntamos: o que fazer? Aí veio a ideia do Coracy de que esse poste simboliza a conquista da luz, o poste virou um objeto museal, foi pintado e ficou ao lado de duas latas pintadas da mesma cor, vermelha, com velas em cima das latas. Aí estava representada a falta de luz, com as velas, e a conquista da luz, com o poste. A Simone Kimura, do Ibram, desenhou a exposição depois que ela foi concebida em nossas cabeças. Foi muito suor e muito trabalho até o dia 21 de maio. Depois de muitas reuniões, de conversas e de tarefas, finalmente a exposição ficou pronta. Foi um grande aprendizado de concepção e montagem de uma exposição.



Metodologia

Toda atividade está baseada no diálogo entre os participantes. Reuniões para discussão da exposição. Delimitação do tema a ser trabalhado na exposição. Conhecimento da história local. Entrevista com moradores. Participação coletiva. Apoio do Ibram. Providências de materiais necessários. Escolha e seleção de objetos que serviriam de suportes na exposição. Recursos da primeira parcela do Programa Pontos de Memória.

Abertura da exposição “Movimentos da Estrutural: Luta, resistência e conflito”.



Fachada da Casa dos Movimentos



Oficina de Grafite

2ª exposição — “Movimentos da Estrutural – A Mulher e a Cidade”

Foram realizadas reuniões para se decidir qual seria o recorte do tema da exposição. A exposição “Movimentos da Estrutural – A Mulher e a Cidade” é resultado de atividades realizadas no Pontos de Memória, como aconteceu com muito sucesso o curso “Promotoras Legais Populares”, em parceria com o Movimento de Educação e

Cultura da Estrutural, Marcha Mundial de Mulheres e Universidade Católica. O Ponto de Memória é um espaço frequentado mais por mulheres. Além disso, a questão da mulher na Estrutural é muito séria e problemática; então, resolvemos que a 2ª exposição seria sobre as mulheres.

Por meio da professora Luiza Monica de Assis da Silva da Universidade Católica, fomos colocados em contato com a professora Bernadete Braziliense, que trabalha com seus alunos no Grupo Captura, e esse grupo fotografou as mulheres. As fotos foram tiradas durante um mês, nos quatro finais de semana: passávamos as tardes de domingo com as mulheres e o grupo Captura. A professora Bernadete trouxe equipes de maquiagem e fotógrafos e o resultado foi muito bom. Nosso objetivo era retratar no mínimo cinquenta mulheres, mas em virtude de problemas técnicos foram retratadas vinte e duas mulheres, cada uma com duas fotos. As fotos selecionadas seriam de mulheres produzidas, maquiadas, seriam fotos especiais, fotos que muitas delas nunca haviam tirado. Foram convidadas mulheres que são antigas na cidade, que fazem parte das atividades do Ponto de Memória, vizinhas ao Ponto de Memória, mulheres jovens, idosas, adultas. A professora Silmara Kuster, da Universidade de Brasília, do curso de Museologia, doou as molduras e, com as alunas, a professora Débora Santos e o Ponto de Memória, montou as fotos nas molduras. As mulheres do Grupo Marias Costureiras confeccionaram uma colcha de retalhos onde foram expostas fotos do processo de preparação da exposição e dos bastidores, na sala íntima que também expõe roupas, sapatos, ferramentas de trabalho e pufes feitos de pneus por Terezinha Santana e Vicente de Paula Sousa. Essa exposição contou com a ajuda de pessoas do Ibram, mas a participação já não foi como da 1ª exposi-

ção, na qual o Ibram fez parte organicamente da equipe de concepção, desenvolvimento e montagem. Dessa vez, os técnicos ajudaram nas decisões determinantes de concepções de cores e de arranjos das fotos, mas não foi de forma sistemática. O convite ao Ibram foi informal e a ajuda foi mais voluntária do que institucional. Percebemos que estávamos mais preparados e foi muito mais fácil. Essa exposição recebeu apoio financeiro do projeto UnB 50 anos, que financiou a impressão das fotos, o material de divulgação, folder, cartazes e o lanche no dia da abertura da exposição. A abertura da exposição contou com a participação do professor Mario Chagas, que falou sobre extensão universitária e a Museologia Social.

Metodologia

Reuniões para decidir o tema. Participação das mulheres que já frequentam atividades no Ponto de Memória. Participação das instituições parceiras Universidade Católica, Universidade de Brasília e Ibram. Participação de alunos extensionistas. Montagem da exposição com a participação de todos.



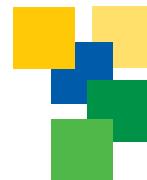
Impacto das Exposições

O impacto que a 1ª exposição, “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas” causou foi para dentro da Estrutural. Os moradores e a administração local perceberam que a proposta do Ponto de Memória era séria e que não vamos desistir. Os mais velhos se viram reconhecidos nas fotos, viram que a história começava a ser contada, os mais jovens

passaram a conhecer como a cidade foi formada, porque ela é do jeito que é hoje, qual a importância da luta dos pais e avós. Para os mais jovens houve o resgate da história e origem do lugar que habitam hoje.

Para fora da Estrutural houve o reconhecimento do secretário de Cultura do DF que foi ao lançamento e gostou muito, o que proporcionou uma parceria e uma ajuda na negociação com a administração local para a obtenção do espaço do Ponto de Memória que infelizmente até hoje não foi conseguido. Houve uma grande divulgação por parte da mídia. A assessoria de Comunicação do Ibram contribuiu para pautar junto à mídia local — todo o DF ficou sabendo que existe a luta do Ponto de Memória da Estrutural. A exposição também foi exposta na Biblioteca Central Universidade de Brasília por ocasião da semana de extensão, tendo 499 visitantes. Analisamos que a exposição valorizou a luta dos moradores e mostrou a Estrutural que não é vista pela mídia. Para a Coordenação do Ponto de Memória, foi um reforço para animar todos na luta pela continuidade do trabalho com o Ponto de Memória.

A 2ª exposição — “Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade” — cumpriu seu objetivo junto às mulheres que foram fotografadas e fizeram parte da exposição. Elas se sentiram valorizadas, muitas disseram que nunca tiveram fotos daquela forma, suas famílias foram na abertura da exposição e também se sentiram valorizadas e reconhecidas. As mulheres que foram convidadas a participar das fotografias, mas que não conseguiram participar, se arrependeram e gostaram muito do que viram. Essa exposição abre espaço para crescer a mobilização em torno das mulheres e para aumentar o debate da problemática das mulheres, pode ajudar na luta por suas reivindicações (como creche e o fim da violência) e pode



contribuir para recuperar a história das mulheres trabalhadoras e moradoras da periferia, como a Estrutural.

O Vídeo Ponto de Memória e a Estrutural

Foi contratado um grupo de profissionais que já desenvolvia um trabalho de militância no Coletivo da Cidade, que faz parte da coordenação do Ponto de Memória e que já possui um entendimento da luta. O material utilizado para compor o vídeo é tudo que já foi filmado das atividades do Ponto de Memória: o “Café com Memória”, as exposições, as rodas de memória, as histórias orais de moradores que foram produzidas a partir do inventário participativo, as filmagens dos espaços da cidade e do povo. A Coordenação do Ponto de Memória se reuniu e decidiu que tipo de mensagem queríamos apresentar com o vídeo. Pretendemos que o vídeo concorra ao Festival Internacional de Cinema e Direitos Humanos do Chile. Já assistimos a uma primeira versão, que está sendo finalizada e já passou por crítica. Esse vídeo será lançado em um evento, para o qual serão convidados todos os parceiros do Ponto de Memória e a comunidade.

Outras atividades que surgiram a partir da iniciativa do Ponto de Memória da Estrutural:

a) Editora Abadia Catadora — Editora que edita livros com capas confeccionadas a partir da reciclagem de caixas de papelão. Pretende envolver os catadores na venda das caixas de papelão. Foi criada a partir de uma oficina com a editora que funciona nos mesmos moldes, Eloisa Cartonera, que aconteceu em parceria com a Embaixada da Argentina, a OEI e o Ibram.

b) Banco Estrutural — Banco comunitário que trabalha com uma moeda social própria da Estrutural, a moeda Conquista, que está sendo estruturado. A entidade gestora do banco é o Movimento

de Educação e Cultura da Estrutural (Mece) que faz parte da Coordenação do Ponto de Memória. O Banco Comunitário é uma estratégia da economia solidária de mobilização social, trabalha com empréstimos para a população e reúne a comunidade para debater os problemas.

Desdobramentos:

Hoje, o Ponto de Memória está consolidado dentro da Estrutural, e já despertou em muitos moradores a vontade de contar e escrever sua história. Foram muitas as ações realizadas, tais como: oficinas de grafite com o artista da Estrutural Tiago de Moraes; as apresentações de teatro de bonecos e a oficina de teatro de bonecos com a artista Elizete Gomes; o curso de promotoras legais populares, que acabou de ganhar um prêmio de direitos humanos da Anamatra do Estado de São Paulo; o Sarau e os bazares do Mece que contribuem para sustentar o espaço onde funciona o Ponto de Memória; a oficina de ilustração com o jornalista Fernando Lopes, que contribuiu muito com o trabalho da Editora Abadia Catadora; a oficina de escrita criativa com a professora e jornalista Madalena Rodrigues; o projeto de extensão do curso de Museologia da UnB com as professoras Silmara Kuster e Débora Santos; o Projeto Teia do Conhecimento da Universidade Católica, com os professores Luis, Lunde, Basso, Luiza e Roberto e com os alunos de Filosofia, Comunicação e Medicina, fazendo debates de formação política e trabalhando a saúde preventiva com os moradores; as aulas de Comunicação com diversas oficinas de Comunicação; e o Grupo Captura com a professora Bernadete Braziliense que viabilizou a exposição “A Mulher e a Cidade”. A Editora Abadia Catadora trabalha, por meio de oficina criativa ministrada pela professora e jornalista Madalena Rodrigues, o despertar nos



participantes da vontade de escrever e de ler, a crença de que todos podem ser escritores e que também podem, por meio do desenvolvimento e de técnicas, contar suas histórias de vida com o olhar próprio dos moradores e até mesmo histórias de ficção. A editora pretende lançar um livro com os contos saídos dessa oficina — e, além de escrever, pode também publicar. O Grupo Microrrevoluções tem ajudado a editora com as impressões dos livros. A editora lançou um jovem escritor de 19 anos, da Estrutural, que já vendeu mais de cem exemplares. O Banco Comunitário tem mobilizado outra parcela da população. Primeiro a comunidade quer o empréstimo, mas aos poucos vão percebendo que é uma proposta a ser construída e que todos são donos do banco, e que podem começar a discutir a economia local, os salários, podem lutar para que a riqueza da Estrutural circule dentro da cidade, para que os grupos de economia solidária se fortaleçam e cresçam, para o desenvolvimento do comércio local com os pequenos comerciantes mais fortalecidos.

Todas essas propostas podem parecer diferenciadas — um museu é diferente de um banco, que é diferente de uma editora —, mas a essência é a mesma: a face da luta do povo, a face das estratégias de mobilização e de reconhecimento do povo, do poder do qual é detentor.

Hoje reconhecemos sem dúvida que o Ponto de Memória foi o começo de tudo. A partir dele, tivemos a força de conseguir um espaço, mesmo que alugado; a partir desse referencial, as ideias foram trocadas, as lutas foram travadas, os conflitos foram vividos e os projetos começaram a acontecer. Isso faz lembrar uma fala da professora Maria Luiza Angelim, que faz parte do Fórum de Educação de Jovens e Adultos e que contribuiu para a existência do Mece: “Acredite e marche que o mar vai se abrir, assim como se abriu para Moisés e seus seguidores no deserto”.



Visita de estudantes



Parceiros do Ponto de Memória da Estrutural

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), Universidade de Brasília, Universidade Católica, Círculo Operário do Cruzeiro, Instituto Agostin Castejon, Embaixada da Argentina, Grupo Microrrevoluções de funcionários do Itamaraty, Universidade de São Paulo (USP), Associação Ateliê de Ideias, Grupo Sonho de Liberdade da Estrutural, Fórum de Economia Solidária do DF e Entorno, Fórum de Educação de Jovens e Adultos.

Desafios

A continuidade das atividades é sem dúvida um grande desafio, a começar pela aquisição de um espaço físico próprio: continuidade do Ponto de Memória, do Banco Estrutural, da Editora Abadia Catadora; no entanto, há o desafio de vencer os obstáculos que são muitos — financeiros, de convivência, de relacionamento, de resolver a sobrevivência ao mesmo tempo que continuam os sonhos; vencer os conflitos que são imensos, conflitos dentro do Ponto de Memória e dentro



de cada projeto, conflitos na cidade, com pessoas que não acreditam que esses projetos vão dar certo e que tenham a ver com a vida dos moradores, com pessoas que são contra totalmente, que optaram por ser contra o povo, que não querem que os projetos construídos pelo povo deem certo, pois apostam que os únicos projetos que podem dar certo são os elaborados e executados pelos políticos. Porque os projetos que o povo constrói, e é dono, são libertadores, então a luta é muito grande para manter esses projetos. O desafio maior é fazer o povo acreditar que são projetos dele, que não tem ninguém por trás, não tem um empresário rico, não tem um político influente, não vão ter de pagar a fatura no final, a fatura do voto, da submissão, do ser usado para outros interesses.

Os desafios vão desde os conflitos familiares, de grupos, da comunidade, até superação política, econômica, andar com as próprias pernas ou, falando mais modernamente, ser autossustentável, não ficar refém dos partidos e movimentos institucionalizados ou dos parceiros governamentais.

Museu de Favela (MUF)

(Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, Rio de Janeiro/RJ)

O Museu de Favela (MUF) foi fundado em 2008 por moradores do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, na zona sul do Rio de Janeiro, com o propósito de transformar o morro em um monumento turístico de valorização da memória cultural coletiva. Tem como missão valorizar a diversidade da cultura local, expressa no samba, capoeira, dança de salão, forró, rap, grafite, artes plásticas, artesanato, arte popular e também por meio dos bares, pensões e construções que mantêm a identidade típica de favela.

A céu aberto, é um museu de território que reúne cerca de 20 mil moradores e

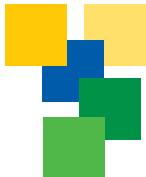
desenvolve diversas frentes de ação, tais como entrevistas para registro de histórias orais, pesquisas, oficinas, bazares. Realiza inventários de memórias e de manifestações culturais em várias linguagens, sempre com o intuito de compartilhar os conteúdos inventariados de modo instantâneo, com instalações de obras de arte, *performances* culturais ao vivo e ações comunitárias voltadas para a geração de trabalho e renda.

Outro foco de atuação é o registro da história de formação do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, do início do século passado até os dias atuais, com reflexões sobre sua relação com os bairros do entorno — Ipanema, Copacabana e Lagoa. Estuda o território do museu e seus dez subterritórios como pontos de referência para a comunidade, levantando, também, os troncos familiares que compõem a árvore genealógica da localidade, tais como as primeiras famílias de migrantes, conhecidas como os Carvalhos, os Pintos, os Sobreiras e os Schuengs.

Ponto dinâmico de congregação de interesses da comunidade, o MUF fortalece o espírito de coletividade e mostra em diversas ações a importância de suas memórias para a história das favelas e das cidades.

O jeito MUF de musealizar: exposições temporárias e seus acervos vivos

O Museu de Favela compreende os eventos que realiza como exposições temporárias. Compreende também que, para além de uma festa, uma celebração ou mesmo uma apresentação, estas são oportunidades para exercitar o potencial de musealização de seus acervos andantes, falantes e emocionantes! Pretende, assim,



por meio de ações integradoras e motivadoras, experimentar a musealização do seu território, partindo das manifestações vivas e criativas que o compõem. A ênfase está exatamente no processo de fomentar a troca e a relação entre os saberes e fazeres do morro, permitindo que as



gerações se conectam e que o diálogo, o conhecimento e o reconhecimento do território possam significar desenvolvimento local efetivo e duradouro pautado no fortalecimento das práticas culturais.

Os caminhos percorridos entre as vielas, os becos, as lajes e os campos revelam a riqueza

de nuances do território. Todos os modos de vida, as estratégias de sobrevivência, as possibilidades de integração com o ambiente de forma comunitária, sem barreiras entre o vivido e o observado, nos garantem elementos para a abordagem conceitual das exposições. Partimos da identificação das memórias, das lutas, das conquistas e dos desafios para dar corpo, forma e tema para as mostras. A Museografia dialoga com a interface provocativa entre o que é, o que pode vir a ser e o que nunca mais será numa clara referência temporal. Experimentamos a musealização dos saberes e fazeres, das práticas e das vivências, preservando a espontaneidade e a diversidade de sentimentos, movimentos e expressões. Conservamos a dinâmica do encontro e as possibilidades de conexão entre acervos que fazem

parte do morro e dos acervos que interagem com o morro, compondo, assim, uma experiência museológica pautada na relação entre os sujeitos.

O MUF escolheu como produto de difusão do projeto Pontos de Memória a “exposição de lançamento do livro Casas-Tela”. A seguir falaremos dessa experiência significativa para o museu e para os moradores do território.

Caminhos de vida no Museu de Favela

A devolutiva dos processos empreendidos pelo museu para a comunidade é uma das premissas do MUF. Devolver informação, promover diálogo e construção colaborativa fazem parte do repertório de responsabilidades do museu. Assim, após longa jornada de construção do livro Casas-Tela, os moradores puderam receber o livro em cerimônia à altura de suas expectativas. O registro detalhado do circuito museal, a partir das pinturas das



casas, foi conferido por moradores que admiravam suas histórias estampadas em páginas coloridas e estimulantes. A alegria não estava apenas nas páginas vibrantes, mas também nos olhos brilhantes de quem as observava. O texto saltava do papel e se transformava como mágica em palavras e lembranças compartilhadas. As mesmas lembranças que agora ajudam a costurar o relato da autora que registramos a seguir:

No dia 09 de dezembro de 2012, finalmente foi lançado o livro *Circuito Casas-Tela*, caminho de vida no Museu de Favela, produto de difusão patrocinado pelo Programa Ponto de Memória.

O local escolhido foi o Terraço Cultural do MUF que tem uma vista privilegiada para a Lagoa Rodrigo de Freitas, Cristo Redentor, Pedra da Gávea, Morro Dois Irmãos, Vidigal, praias do Leblon, Ipanema e Arpoador, de lá também podemos avistar a beleza da Mata Atlântica.

Nossa Laje aberta é cercada pela arquitetura das casas das comunidades de Cantagalo, Pavão e Pavãozinho e quando olhamos para baixo nos deparamos com os prédios luxuosos da elite dos bairros nobres da zona sul do Rio.

Enfim, um tremendo visual! Para todos os gostos e os mais variados interesses.

Como se não bastasse, foi criada uma exposição denominada ‘Arte sobre Escombros’, de encher os olhos da gente de tanta beleza! É, temos de reconhecer que os meninos estavam inspirados!” O grafiteiro e artista plástico Carlos Esquivel (ACME) idealizou a exposição denominada “Arte sobre Escombros”, formada por esculturas criadas a partir de escombros das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), transformando o lixo em arte e revertendo tudo em dinheiro!



Casas-Tela

Além de ter envolvido 22 artistas grafiteiros do cenário mundial na ação...

Isso é o que eu chamo de empreendedorismo artístico!

Esbanjando talento, o grafiteiro ACME se dedicou dias a fio, até altas horas da madrugada para dar conta de tanto trabalho e mostrar a “arte final” na tarde de autógrafos.

Todo esse processo foi filmado, por meio de uma articulação do MUF em parceria com o grupo de Psicologia da PUC-RIO, que tem sido grande aliado nas ações de memória.

O entrosamento perfeito de ACME com o cineasta Daniel Paes da PUC-RIO resultou no curta-metragem que recebeu o mesmo nome da exposição (*Arte sobre Escombros*), o qual foi exibido no CineMuf Caixa D’água na oportunidade.

O evento reuniu aproximadamente 250 convidados e foi, para o Museu de Favela, um termômetro para a repetição de outros no mesmo top!

Outro fator que contribuiu para o sucesso do encontro foram os saberes e fazeres de nossas mestras de ofício, todas moradoras das três comunidades: Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Elas foram responsáveis pelas delícias culinárias oferecidas para os convidados: Regina (Teteca), pratos de bobó de camarão; Lourdes, degustações de baião de dois; Neuza, degustações de caldo de aipim com linguiça; Helena, degustações de caldo de mocotó e copos de doce de abóbora com coco; Eunice, degustações de feijoada e de canjica branca; Ângela fez tapiocas; e Selma fez “sacolés” de todos os sabores.

À noite, os autores Acme e Rita começaram a autografar aproximadamente 86 livros — todos queriam receber esse carinho e a recíproca foi verdadeira.

A valorização do saber local, geração de renda, memórias culinárias, individuais e coletivas, importância do empreendedorismo popular formal, preocupações ambientais com o território museal, visitas a nossa galeria a céu aberto, ICOM, Semana Nacional de Museus, ufa!

Desafios! Conquistas! Mobilização! Conscientização! Registros! Preservação! Revitalização! Restauração! Investimentos financeiro, social, cultural, econômico! Sustentabilidade!

Estamos na busca incessante para a concretização de todos os nossos planos, são tantas obrigações sociais! Contudo, o que volta de concreto é o reconhecimento do morador e daqueles que se identificam com nossas propostas.

No mais, estamos aqui na Base, no morro, parando nos becos, mediando o tempo inteiro com o morador, um entra e sai de gente que a comunidade chega a pensar que estamos “nadando”! Quando na verdade estamos “remando” contra a maré, ondas gigantes de expectativas de morador, teses e mais teses de mestrado, doutorado, tudo “ado”!

Assim, importa saber que esse movimento permitiu ao Museu de Favela se reinventar, a cada novo desafio e a cada nova exposição

nos refazemos. A festa, a manifestação, a reivindicação, a celebração e a criação fazem parte do processo, algo para além de uma tentativa de difusão, como sugerido pelo termo “produto de difusão”, presente na metodologia de trabalho proposta pelo Ibram. Temos a consciência de que extrapolamos nossos limites e alçamos voos mais altos que permitem ao MUF a construção de conhecimentos e de experimentações a favor de uma Museologia efetivamente social. A exposição temporária e os demais processos empreendidos pelo museu fomentam o despertar de almas e sonhos. O Museu de Favela celebra a vida e sua força, preserva a memória que dá sentido à vida e que faz dela o retrato daquilo que queremos ser.

Museu de Periferia (MUPE)

(Sítio Cercado, Curitiba/PR)

O Museu de Periferia (MUPE) foi inspirado nas experiências do Museu da Maré e no Museu de Favela do Rio de Janeiro. A iniciativa surgiu com intuito de fortalecer a cultura da periferia, valorizando artistas e manifestações culturais da região e reconhecendo e divulgando o patrimônio cultural local.

O MUPE desenvolve um projeto de pesquisa da memória viva do bairro, por meio do registro dos relatos de familiares dos grandes proprietários de terra do antigo Sítio Cercado, dos moradores protagonistas das primeiras invasões, loteamentos e vilas do bairro, de pessoas envolvidas nos conflitos pela posse da terra e dos estudantes do bairro. As memórias e histórias de luta perpassam desde a atuação dos desbravadores e proprietários rurais do início do século XX à formação das 13 vilas que compõem atualmente o Sítio Cercado e os modos de vida e questões viven-



ciadas pela população cotidianamente, como o grande adensamento habitacional, o trânsito intenso e a violência urbana.

A iniciativa também desenvolve ações junto às escolas da região, como, por exemplo, atividades lúdicas com o intuito de registrar e divulgar as características do bairro presentes no imaginário dos estudantes.

O Sítio Cercado fica na zona sul de Curitiba e concentra cerca de 150 mil habitantes.

Museu de Periferia: Memórias e Sonhos do Sítio Cercado

A exposição do Museu de Periferia foi o ponto alto do trabalho de uma equipe dedicada, motivada e com um ideal: mostrar a memória de lutas e conquistas da população que veio habitar a região sul de Curitiba, no Paraná, mais especificamente num território chamado Sítio Cercado.

Como nenhum dos 12 membros do Conselho Gestor do MUPE tinha qualificação em Ciências Sociais, Museologia e muito menos em Expografia, a esperança de fazer um bom trabalho se fixava na vinda de consultores e museólogos do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

A oficina de Expografia, ministrada pelo consultor Marcelo Vieira, cenógrafo e cofundador do Museu da Maré, e pela consultora Lavínia Santos foi dividida em dois encontros. O primeiro ocorreu no início de novembro de 2011, onde foi construída a maquete da exposição; o outro encontro aconteceu um mês depois, onde foram montados os painéis da exposição “Memórias e Sonhos do Sítio Cercado”.

Outras oficinas de qualificação também contribuíram para a formação da equipe. O coordena-

dor Marcelo Rocha comenta a importância do conteúdo de uma das oficinas da seguinte forma:

Nas minhas anotações, feitas durante a oficina de Inventário Participativo, estavam algumas questões que nortearam a construção conceitual de como seria a exposição: qual seria o recorte temático? Qual o recorte temporal? Como se daria a perspectiva política da exposição? Que materiais fariam a composição do acervo? Como seria a forma de expor esse acervo?

O desenvolvimento do bairro a partir da luta por moradia foi o tema que o Conselho Gestor escolheu para a construção da exposição. E o local encontrado para abrigá-la foi a primeira associação do Xapinhall: a Associação Nossa Senhora da Luta, localizada na região central do Sítio Cercado.

O auditório da associação tinha condições estruturais perfeitas para receber a exposição, possuía área compatível, com cerca de 80 metros quadrados, e necessitava apenas de reformas mínimas nas paredes, mas o problema maior era o pátio de terra, o qual foi pavimentado com saibro e concreto.

Foram dois meses de obras civis, hidráulicas e elétricas, onde cada um exerceu diversas funções e atividades. O coordenador financeiro Pedro Divino, gerente de loja, atuou como pedreiro. Marcelo Rocha, técnico em Informática, atuou como servente e eletricitista. Palmira de Oliveira, técnica de Enfermagem, realizou pintura e limpeza. Paulo Ferreira, soldador, fez serviços de marcenaria e montagens. Os membros da associação Horácio Antonio Santos, Antônio Piniheiro de Jesus Filho e Ademir Godoi também colaboraram na construção e reforma do imóvel.

Os conselheiros José Aparecido Paiva e Palmira de Oliveira trabalharam intensamente no processo de pesquisa e descobriram personagens que puderam relatar com bastante clareza a origem do bairro. Um deles é o Padre Bertrant, que es-



creveu uma carta sobre a expansão da igreja nas comunidades da região e, em paralelo, o padre descreve sobre a família Cruz, seus descendentes, as invasões e loteamentos da região. Outra personagem fundamental foi a Dona Maria de Deus (Dona Deuzita); com 81 anos. Ela concedeu uma entrevista em sua própria residência — uma verdadeira casa-museu, mostrou fotografias e objetos que remontam a história dos antigos proprietários da Fazenda Cercado. Paiva e Palmira ainda entrevistaram o Sr. Jorge Gonçalves, filho do capataz de Isaac Ferreira da Cruz.

Portanto, o ponto de partida ocorreu com os fragmentos das histórias contadas pelos descendentes do Sr. Laurindo Ferreira da Cruz — o primeiro grande proprietário da região, pai de Isaac Ferreira da Cruz e avô de dona Deuzita.

Os conselheiros Adenival Alves Gomes, Geraldo Batista de Souza e Manoel Pereira da Cruz conseguiram, em suas comunidades, relatos e fotos com a realização de diversos encontros comunitários. O tema usado para atrair a participação foi “O Xapinhall é uma história e você faz parte dela”. Nessa ação foram conseguidas fotos da década de 1970, dos primeiros conjuntos habitacionais do bairro, e da década de 1980, da principal invasão, a ocupação Xapinhall.

Na entrada do museu há um “banner” com informações do Programa Pontos de Memória e da exposição “Memórias e Sonhos do Sítio Cercado”, dividida em três momentos: Os Pioneiros — painel verde e painel cinza; A Luta — painéis vermelhos; A Atualidade — painel azul.

No primeiro painel estão as imagens do acervo familiar de Dona Deuzita: do seu casamento com Santinor, de seus pais (Isaac e Magdalenina Claudino) e dos avós paternos (Laurindo e Maria Pereira); da sua infância e de seus irmãos (Isaíde e Eurides); do cotidiano na fazenda, os

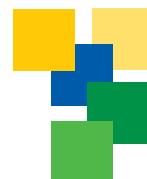
pomares, a criação e o cultivo da terra. Ainda nesse painel está um mapa da Fazenda Cercado, datado de 1932, com a divisão da fazenda e as partes correspondentes dos herdeiros Isaac, Cesinando e Julia.

Outro painel, na cor cinza, representa o longo período de surgimento das primeiras vilas, entre as décadas de 1950 e 1990, e que antecede a fase de invasões. Relatos e fotos de moradores antigos foram obtidos como resultado dos encontros de memória, organizados nos quatro núcleos de pesquisa do Museu de Periferia. Com essa ação, além da pesquisa, os participantes puderam transmitir sua história de vida para as novas gerações, conforme entrevista da conselheira Arlinda:

Veja bem se seu pai tem uma casa hoje, pergunte o que é que ele sofreu pra chegar a esse ponto, eu sempre faço isso com as crianças da catequese e as crianças das escolas. Pra eles parar, pisar no chão, e ver, tudo é com dificuldade que se consegue as coisas.



Exposição “Memória e Sonhos do Sítio Cercado”.



Em 1988 ocorreu a invasão do Xapinhal, aparentemente uma invasão como qualquer outra: barracas de lona preta, cordas demarcadoras dos terrenos e muita gente com esperança. Em poucos dias, a invasão tomou proporções imensas, eclodia a grande ocupação do Xapinhal, chegando a ter mais de três mil famílias, organizadas em oito grupos.

Os dois painéis em cor vermelha narram os movimentos por moradia, os quais uniram associações dos bairros Xaxim, Pinheirinho, Alto Boqueirão e moradores das vilas do Sítio Cercado. As imagens e objetos expostos retratam as pessoas no acampamento, em suas barracas construídas com lona e pedaços de madeira. Após o início da regularização

pela companhia de habitação, os terrenos foram medidos, as quadras e ruas foram abertas. Nessa época, a prefeitura fez a doação de madeira; assim, foram construídas muitas casas do tipo “meia-água” — casa com telhado de uma caída —; fotos mostram os mutirões para construção, reconstrução e deslocamento das casas nos terrenos.

As imagens retratam, além da ocupação do Xapinhal, também as moradias 23 de Agosto, de 1991, e a realocação do Sambaqui, esta última já no ano de 2004, e que teve grande mobilização social, frente ao descaso do poder público.

O depoimento de Daniel, no primeiro Café da Memória, permite uma percepção do drama das famílias:



Abertura da exposição Memórias e Sonhos do Sítio Cercado

A casa não tava nem terminada, tive que pegar, a luz foi 'gato', foi no miau mesmo. A água não tinha, pois a Sanepar ia demorar mais um mês, um mês e pouco para instalar, eu peguei água emprestada pra mim poder morar.

O terceiro momento está sintetizado no painel azul, que revela a atualidade do Sítio Cercado. A incursão fotográfica feita por José Paiva e Frederico pelas ruas e avenidas do bairro reuniram um grande acervo de imagens: do comércio local, das praças, creches, escolas, igrejas e outros aparelhos sociais. Muito desse desenvolvimento acelerado foi consequência das ocupações, o que forçou o poder público a implantar um grande loteamento chamado Bairro Novo, fato que tornou o Sítio Cercado um lugar de diversidade e oportunidades. Temos a certeza de que o Museu de Periferia contribuiu para o Programa Pontos de Memória, mas também se beneficiou dele, pois a memória social já existia, o que faltava eram o estímulo e certa dose de empreendedorismo social para contá-la. Esse desejo de memória estava adormecido em nossos corações, latente em nossas mentes e em nossos arquivos domésticos. O programa foi fundamental para a realização desse projeto.

O maior desafio do MUPE é o de manter o museu com atividades permanentes e ter uma equipe para receber os visitantes. Existe o desejo de estabelecer parcerias para desenvolver projetos com outras entidades, principalmente na área da educação.

Com tantas deficiências, ainda assim podemos nos orgulhar de ter um museu para cuidar, transmitir nossos valores, nossas histórias e nossas memórias. E, acima de tudo — em rima —, garantir cidadania à população da periferia.



Etapa

5



Etapa 5

Teias da Memória

As Teias da Memória são os encontros em âmbito nacional dos Pontos de Memória e iniciativas de memória e Museologia Social. É um espaço de intercâmbio, reflexão, debate e construção coletiva de proposição e agendas estratégicas para o fortalecimento dos projetos de Museologia Social.

A Teia pode ser considerada uma extensão presencial das experiências, trocas e metodologias que ocorrem em rede e é, sobretudo, um espaço de fortalecimento do vínculo de trabalho e amizade entre os atores que atuam com a memória como ferramenta de luta, resistência e transformação social. A partir da quarta edi-

ção da Teia, a programação e a organização do encontro foram discutidas e protagonizadas por representantes de redes e Pontos de Memória, por meio de uma comissão.

Edições: a primeira foi realizada em Salvador/BA, em dezembro de 2009; a segunda foi promovida junto ao Encontro Nacional dos Pontos de Cultura “Teia da Cultura — Tambores Digitais, em março de 2010, em Fortaleza/CE; a terceira, no Museu da Maré, no Rio Janeiro, em dezembro de 2010; e a quarta integrou o VI Fórum Nacional de Museus, em novembro de 2014, em Belém/PA.

Teias da Memória

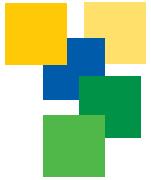


Teias da Memória



Etapa

6



Etapa 6



Avaliação de uma Metodologia em Museologia Social Sistematização: Silvana Bastos

O Ibram realizou, de 10 a 12 de novembro de 2013, em Brasília, um encontro de avaliação participativa sobre a metodologia trabalhada pelo Programa Pontos de Memória junto às doze iniciativas pioneiras, por meio dos seus representantes: Sâmia Maria da Silva (Ponto de Memória de Terra Firme); Viviane Rodrigues (Museu Cultura Periférica); Adriano Almeida (Ponto de Memória do Grande Bom Jardim); Wilton Francisco da Silva (Museu Mangue do Coque); Roberto dos Santos (Ponto de Memória do Beiru); João Bispo Jr. e Livaldo Degaspéri (Ponto de Memória da Grande São Pedro); Maria Abadia Teixeira e Deuzani Noletto (Ponto de Memória da Estrutural); Leila Regina da Silva (Museu do Taquaril); Frederico Alves Pinheiro (Museu de Periferia - MUPE); Eduíno de Mattos (Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro); Sidney Silva (Museu de Favela - MUF); Kleber Silva Jr (Museu Social da Brasilândia).

A avaliação foi mediada pela consultora Silvana Bastos e contou com a participação

da equipe da Coordenação de Museologia Social e Educação do Departamento de Processos Museais (Comuse/Depmus), com a presença de servidores de diversas áreas do Ibram e ainda com um pesquisador do Instituto de Economia e Pesquisa Aplicada (IPEA), Frederico Augusto Barbosa da Silva. O objetivo foi analisar a trajetória das experiências, realizar autoavaliação e levantar elementos-chave para orientar a política de continuidade e expansão do Programa.

Quanto às expectativas sobre os resultados a serem alcançados nesse Encontro, os participantes destacaram, entre outros aspectos: refletir e avaliar a experiência de implantação dos Pontos de Memória, ouvindo todos os envolvidos (Ibram; agentes comunitários); buscar o fortalecimento dos Pontos, mantendo-os independentes; garantir a continuidade do Programa Pontos de Memória, num novo ciclo de ações.



1- TRAJETÓRIA DOS 12 PONTOS DE MEMÓRIA

A primeira etapa de trabalho foi acerca da trajetória dos Pontos pioneiros. Apenas os representantes dos 12 Pontos foram divididos em três grupos, cada qual com 4 integrantes. No grupo, cada um elaborou uma linha do tempo sobre o seu Ponto de Memória de origem e

depois compartilhou o resultado com os demais integrantes, realizando uma análise conjunta das principais conquistas e dificuldades encontradas, bem como das principais lições aprendidas. Em um segundo momento, um relator escolhido pelo grupo apresentou uma síntese do trabalho de todos para os demais grupos, em forma de “carrossel”.

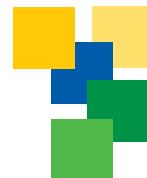
Ponto de Memória da Estrutural (Brasília/DF)

1960	1994	1998	2002	2003
Inauguração de Brasília — Lixão.	Ocupação Estrutural (catadores, em luta por moradia, reuniram-se com o pessoal de Ceilândia).	Eleição de Cristóvão Buarque — grande operação para desocupação da Estrutural. Resultou em mortes (Operação Tornado).	Ocupação desordenada da Estrutural. Preocupação em cuidar da memória.	Deuzani começa a coordenar a alfabetização solidária na Estrutural. Vários grupos COC trabalhavam a questão de guardar a história.

2005	2009	2010
MECE – Movimento Educação e Cultura da Estrutural. Nasceu para convidar as pessoas a frequentarem a escola e dar continuidade à alfabetização. Criam a “escola aberta, escola livre”. Momento de mobilização comunitária (visita de casa em casa) para garantir participação nas audiências sobre educação. Integra o Fórum EJA. DF contabiliza 70 mil analfabetos	É lançado o Projeto Pontos de Memória. Audiência pública na Câmara Legislativa. Teia, aproximação com os outros Pontos de Memória. Café com Memória, construção do Conselho Gestor com 30 pessoas. Participação em vários encontros: Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador.	IV Fórum de Museus: passa a conhecer outras iniciativas e a professora de Museologia da UnB Silmara Kuster, que se tornou parceira. Parceria com a UnB. Oficinas de formação. Café com Memória, Conselhos, viagens.

2011	2012	2013
Inauguração da sede do Ponto de Memória e movimentos de cultura. 1ª exposição. Realização de Museu Cortejo na Estrutural. Teatro de bonecos com história da Estrutural: mais de 500 visitas na Estrutural. Criação da editora popular. Levantamento de 16 histórias orais; extensão com universidade. Participação no edital do Prêmio Pontos de Memória, com a conquista da construção da biblioteca comunitária. Aquisição de equipamentos para registro das experiências (câmera, computador e filmadora.)	2ª Exposição com o seminário “Mulher e a Cidade”.	Relatório final, lançamento do vídeo, visita de Hugues de Varine e participação no V Fórum de Museus em Petrópolis





Como conquistas, o Ponto de Memória da Estrutural destacou a aproximação com a comunidade por meio do Edital Prêmio Pontos de Memória, do qual participaram em 2011 e 2012, que possibilitou a aquisição de equipamentos para o registro da memória local. Apontaram a dificuldade da comu-

nidade em reconhecer o “valor da memória” local e também a manutenção de parcerias, como barreiras que devem ser superadas. Como lição aprendida, citou-se o conhecimento da história do Distrito Federal e o compartilhamento das experiências com outras comunidades.

Museu Social da Brasilândia (São Paulo/SP)

1946	2009	2010
O bairro tem esse nome em homenagem ao Sr. Brasília Simões. Com a construção das grandes avenidas em São Paulo, prefeitos expulsaram as pessoas e derrubaram suas moradias — esse processo levou à ocupação de Brasilândia.	Primeiros contatos com o projeto Pontos de Memória, formação de um grupo de 20 lideranças comunitárias, aproximadamente. Participação na Primeira Teia em Salvador.	Realização das primeiras oficinas. Participação na Segunda Teia em Fortaleza.

2011	2013
1ª Exposição: “Brasilândia: Suas Vilas e Jardins”. Exposição na Escola Estadual João Solimeo. 2ª exposição na EE Luiza Salete.	Conselho Participativo Municipal (objetivo de levar a questão da cultura e da memória) / Projeto Pontos de Memória. Grande ameaça pelo processo de despejo em virtude das obras do Rodoanel e Metrô. A história se repete e as gerações que nasceram em Brasilândia não sabem disso. Grandes empreiteiras, interesses de especulação imobiliária.

Os representantes do Ponto de Memória da Brasilândia apontaram a articulação de um grupo representativo para trabalhar no Ponto de Memória e a realização de duas exposições como suas maiores conquistas. Dentre as dificuldades, a falta de um espaço físico de referência e lidar com as divergên-

cias de ideias no Comitê Gestor, que culminou em sua dissolução. Como lições aprendidas destacaram a experiência adquirida em administrar conflitos para chegar a um consenso com a comunidade e também a reativação do Ponto de Memória.

Museu de Periferia (MUPE) – Curitiba/PR

2009	2010
Inicia-se o Museu de Periferia, no Sítio Cercado, bairro localizado na região sul, com população de 120 mil habitantes. Otávio Camargo foi um dos idealizadores do projeto. Professor Mário Chagas visitou o bairro. Essa visita colaborou para incentivar a criação do MUPE	Alguns moradores organizaram uma exposição itinerante. A festa 23 de Agosto marca a ocupação. Uma moradia que dessa data marca o dia da ocupação da área. Visita de consultores do Ibram à Vila Vitória. Foi realizada uma exposição itinerante e uma roda de memória com os moradores, com a cobertura da TV Educativa, do Canal 09 e do <i>Jornal Gazeta do Povo</i> .

2011	2012	2013
<p>Na vila Ostermack acontece o Café da Memória. Moradores participam de um bate-papo resgatando a memória viva da vila. Debatem dificuldades dos moradores: falta de água e luz, escola, ônibus e infraestrutura. Muitos se emocionam relembando o passado. Os moradores não tinham água, luz, telefone. Contam com a chegada do ônibus.</p> <p>A exposição do MUPE recebe a visita do curador Marcelo Pinto, do Museu da Maré, indicado pelo Ibram. São os primeiros passos para a exposição virar realidade. Já com o local definido, na associação localizada no Bairro Xapinhal.</p>	<p>Vários eventos acontecem: semana cultural, teatro, capoeira, roda de viola, festa do pastel e exposição.</p>	<p>Visitas guiadas (ao museu) com apoio de estudantes de história da UFPR – projeto de oficina fotográfica na Escola.</p> <p>Programa de rádio Café com Cidadania – a ideia é promover cidadania aos moradores da região.</p> <p>Participação de membros no Conselho da Cultura do Município, com participação de um dos membros do MUPE.</p> <p>Aproximação da Fundação Cultural de Curitiba, que começa a reconhecer o MUPE. Ainda há uma distância do governo do Estado.</p>

Os representantes do MUPE destacaram como conquistas o resgate da luta, a motivação dos moradores gerada pelo projeto e a concepção coletiva de um “Museu ser vivo” como espaço de referência para as pessoas se dirigirem e aprenderem. No que se refere às barreiras, destacaram o papel negativo da grande imprensa por divulgar só aspectos negativos do bairro e também a dificuldade de

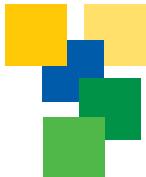
manter o espaço aberto ao público. Acerca das lições aprendidas, apontaram que seria importante a contratação de pessoal para atuar exclusivamente no Ponto de Memória e o estabelecimento de parcerias público-privadas como solução para a manutenção do Ponto de Memória, além de não depender do Ibram. Destacaram ainda que no começo do projeto foi difícil, mas as pessoas estavam motivadas.

Ponto de Memória do Beiru (Salvador/BA)

1980	2009	2012	2013	2014
Início.	Esperança com a parceria do Ibram.	Cinema, computadores, cadeiras, mesa, bebedouro. Resgate da história do Beiru. Lançamento do livro.	Necessário adquirir recursos para manter os projetos nas comunidades.	Necessário adquirir recursos para manter os projetos nas comunidades.

Os representantes do Ponto de Memória do Beiru destacaram como conquistas a criação do Blog do Ponto (orgulhodemorarnobeiru.net); o apoio e o reconhecimento do trabalho por parte da comunidade; a realização da Marcha do Beiru no Dia da Consciência Negra. Apontaram como dificuldades: certa descontinuidade nos processos propostos pela

equipe do Ibram; a falta de um maior número de reuniões que envolvessem os 12 Pontos e uma maior comunicação em rede. Das lições aprendidas, pontuaram que a expansão e o fortalecimento dos Pontos de Memória Premiados não devem acontecer sem a integração com os Pontos Pioneiros.



Ponto de Memória Museu do Taquaril (Belo Horizonte/MG)

2003	2004	2005-2008	2009
Campanha nossas montanhas, nossos lugares. Constituição do grupo e controle social do bairro.	Vídeo com história da comunidade (tragédia em decorrência de chuvas; 60 casas desabadas, duas famílias mortas e 273 famílias desabrigadas). Campanha Taquaril: lugar lindo de viver (camisetas).	Atividades nas praças, escolas, valorização da comunidade; divulgação do vídeo, nova edição de cartões postais.	Contato Ibram. Primeira Teia da Memória.

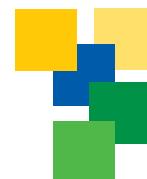
2010	2011	2012	2013
Ponto de Memória Taquaril Museu — Lugar Lindo de Viver (Belo Horizonte/MG)	Atividades de apresentação do Ponto de Memória / comunidade. Teia de Memória Maré. Edital Consultores 1º Encontro; plano de trabalho; início das atividades de inventário participativo. Ações do consultor (intercâmbios/trabalhos). Assembleia comunitária.	Constituição da sede Ponto de Memória. Intercâmbios, concursos (fotos, música). Acolhida de exposição. Pesquisas, desenvolver exposições; oficinas junto à comunidade; aquisição de equipamentos (máquina fotográfica, vídeo etc.); gravações iniciais com moradores. V Fórum Nacional de Museus.	Exposição — abertura de sede / espaço de visitação. Ampliação de parcerias. Oficinas. Eventos em praças. Comissão da Teia.

Os representantes do Ponto de Memória do Taquaril destacaram como conquistas advindas com o projeto, a relação estabelecida com a comunidade (apropriação e reconhecimento); a construção do Ponto pautada num processo democrático (com a criação e funcionamento de um conselho gestor); a realização da primeira exposição na região;

a ampliação de parcerias; e o orgulho da “gente” do Taquaril. Como barreiras e dificuldades: os conflitos internos; certa ausência do Ibram ao longo do processo e a necessidade de pessoas “liberadas” para trabalhar no Ponto. Quanto às lições aprendidas, apontaram aprender a lidar com a morosidade nos encaminhamentos burocráticos.

Ponto de Memória Grande Bom Jardim (Fortaleza/CE)

1979	2004	2009	2010
Missões.	(nov.) — Criação da REDE DLIS do GBJ.	(out./nov.) — 1ª visita Ibram. 1ª Teia da Memória em Salvador.	(fev. a jul.) — Teia da Cultura, Memória Fortaleza/CE. (jun.) — Tentativa de realização da capacitação em Museu, Memória e Cidadania (Patrícia / Inês). (jul.) — FNM Brasília. IV Fórum Nacional de Museus.



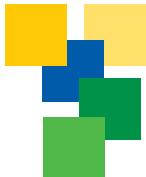
2011	2012	2013
<p>Reuniões participativas para elaboração do plano de ação de inventário e produtos difusores (diligências). Edital seleção consultores contratação. Recursos Prêmio Pontos de Memória (2012)</p>	<p>(jan.) — Deflagração execução. Plano de ação; aquisição de insumos. Composição instrumentais. (fev.) — Seleção dos moradores, pesquisadores processo formativo (metodologias: qualidade história; fotografia básica, cartografia comunitária). (mar.) — Ações museais. Capacitação museu, memória e cidadania com Mario Chagas e RCMC. Início pesquisa de campo inventário.</p>	<p>(fev.) — Memória social temática e comissão da REDE DLIS. (maio) — Contribuição na realização 1º EERC MC – SEM – CE Aprovação do projeto. Recursos: Prêmio Pontos de Memória; Acordos políticos com chefe do Poder Executivo municipal. Acordo público para a cartilha SECULTFOR.</p>

As conquistas destacadas pelos representantes do Ponto de Memória do Grande Bom Jardim foram a concepção da memória como instrumento político para firmar a identidade territorial; a realização do inventário participativo pelos próprios moradores; a memória social constituída como mística ao movimento social; o resgate de agentes comunitários antigos que estavam afastados; a apropriação temática por parte da REDE DLIS; a constituição de um lugar privilegiado à voz do morador; o interesse da rede em elaborar o plano museológico comunitário; e a inclusão da memória como

objeto para captação de recursos. Como barreiras e dificuldades, apontaram a ausência de pessoas da comunidade liberadas para os trabalhos; a pouca relação do Ponto com as escolas locais; a pouca transferência de tecnologias sociais por parte do Ibram; conflitos de interesses internos durante o processo de construção do Ponto de Memória; a fragilidade de entendimento institucional com o Ibram; e a não efetivação de um plano de intercâmbio entre os pontos. Quanto às lições aprendidas: não esperar somente pela política de fomento do Ibram.

 Museu de Favela — MUF (Rio de Janeiro/RJ)

2007	2008	2009	2010
<p>CCOMP – discussão comunitária sobre implantação do museu. Formação de grupo de trabalho — missão pró-museu</p>	<p>Institucionalização do Museu de Favela. Posse da diretoria (2008-2011). Primeira visita experimental.</p>	<p>Lançamento nacional MUF. Experimentações no território. Busca para sede provisória. Parceria MUF-ABM; modernização de museus. Inscrição no Cadastro Nacional de Museus. Inclusão na Rede Ibram (eventos).</p>	<p>Aprovado edital Ibram. Implantação do circuito Casas-Tela. Inauguração do circuito. Parceria Mitra Episcopal — sede provisória MUF.</p>





2011	2012	2013
1ª assembleia de prestação de contas — posse da nova Diretoria (2011-2013). Edital dinamização de museus — Departamento de Almas e de Sonhos (SEC-RJ). Modernização de museus — SEC. Reforma Base. Fórum comunitário e edital de consultores Ibram (Rita).	Editais sociais. Dinamização de museus. Intercâmbios culturais. Implantação de Agenda Cultural. Implantação do CIVIS MUF. Reuniões participativas com a comunidade. Aumento de demanda externa Parceria e voluntariado. Livro Casas-Tela.	Plano de desenvolvimento institucional do MUF. 2ª assembleia geral (prestação de contas). Posse da nova Diretoria (2013- -2017). ICOM 2013. MINOM CAMOC. Rede colaborativa do MUF.

O MUF destacou como conquistas o jeito peculiar de musealizar junto à comunidade; o trabalho comunitário (capacitação do coletivo); a clareza na missão, linha metodológica e conceitos-chave do museu. Quanto às dificuldades e barreiras encontradas, apontou certas

ausências do Ibram e de outros órgãos públicos, além da não continuidade de algumas ações propostas como, por exemplo, a realização de algumas oficinas de qualificação para os Pontos Pioneiros.

Ponto de Memória da Grande São Pedro (Vitória/ES)

2009	2010	2011
1ª Reunião com o Ibram em S. Pedro. Teia em Salvador.	05/10 — Apresentação do Conselho Gestor. 11/10 — 1ª Exposição do Ponto. 12/10 — Teia no Rio de Janeiro.	02/11 — Regimento e Estatuto. 10/11 — Reunião dos consultores e visita técnica do Ibram. 11/11 — Roda de conversa feminina. 12/11 — Visita técnica Ibram..
2012	2013	
04/12 — Formação dos agentes. 05/12 — Reunião dos consultores no Beiru – Salvador. 10/12 — Exposição no Museu do Pescador. 10/12 — Visita técnica do Ibram e passeio histórico.	07/13 — Visita Ibram. 09/13 — Apresentação do produto final com o Ibram. Projeto Valorização da Grande S. Pedro. 11/13 — Reunião em Brasília – preparação para Teia. 12/13 — Avaliação dos Pontos.	

Conquistas: Independência, empoderamento da comunidade e de sua memória; constituição de um acervo representativo; aquisição de material e a parceria com o Ibram. Acerca das barreiras, destacaram a falta de um espaço físico e a dificuldade de articulação das ações, por

não haver ninguém disponível para trabalhar exclusivamente nas atividades do Ponto. Como lições aprendidas, concluíram que o dinheiro é necessário, mas dá “dor de cabeça” e que o importante é seguir adiante perante as dificuldades.

 Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre/RS)

2006	2009	2010
Museu comunitário Lomba do Pinheiro. Trabalho com a comunidade.	Início. Formação do Conselho Gestor. Envolvimento das comunidades no inventário, com ações de pesquisa local.	Início. Formação do Conselho Gestor. Envolvimento das comunidades no inventário, com ações de pesquisa local.

2011/2012	2012/2013	2014
Participação do PM na 3ª Teia no Rio de Janeiro. Primavera de museus. Exposição de projetos e histórias locais. Ações educativas da memória social de diferentes grupos com temáticas variadas.	Exposições de roda de memória. Saberes populares, museu de rua e educação para o patrimônio. Visitas técnicas.	Futuro dos Pontos de Memória Estrutura e espaço físico

Os representantes do Ponto de Memória Lomba do Pinheiro destacaram como conquistas a reunião das 33 comunidades locais; a realização de exposições e oficinas; o reconhecimento da comunidade; e a constituição de uma identidade local. Como barreiras e dificuldades, apontaram a falta de espaço físico, os empre-

endimentos imobiliários que afetam o bairro e a gestão ainda pouco colaborativa do Museu da Lomba. Quanto às lições aprendidas: “o que queremos, temos que buscar...”; a parceria informal com o Museu Lomba do Pinheiro acabou fragilizando o Ponto de Memória.

 Ponto de Memória de Terra Firme (Belém/PA)

1085	2009	2010
O Museu Goeldi leva educação em ciência à comunidade.	1ª Teia da Memória “Mulheres da Amazônia” — Salvador/BA.	25 a 27 de maio — foram convidadas várias lideranças comunitárias. Formação do Conselho. 26 a 28 de março — II Teia de Memória “Teia Brasil Tambores digitais”. Obs.: em todos os encontros, redes e Teias o Ponto se fez presente (Rio, Salvador, DF, Fortaleza e outros). Maio — os gestores decidiram realizar o Seminário de criação do Conselho Gestor do PMTF. 17 de julho — IV Fórum Nacional de Museus em Brasília. 30 e 31 de julho e 1º de Agosto — 27ª Reunião Brasileira de Antropologia.





2011	2012	2013
16 a 18 de março — I encontro de gestores e professores com o objetivo de estabelecer parcerias. 16 a 20 de maio — I Gincana e memória do bairro Terra Firme.	Oficina de vídeo. Jornal “O Tucunduba”. 28 de abril — Cortejo cultural. 13 de junho — IV Encontro de Economia Comunitária, após a oficina de inventário participativo.	6 e 7 de dezembro — mapeamento das manifestações artísticas culturais do bairro Terra Firme.

O Ponto de Memória de Terra Firme destacou como conquistas, por meio do projeto, a valorização do bairro, da comunidade e da juventude; os trabalhos realizados; o engajamento da comunidade em sua luta social; e a formação de parcerias. A falta de espaço físico para reu-

niões e o desenvolvimento de atividades, bem como a falta de remuneração pelo trabalho realizado foram apontados como barreiras e dificuldades encontradas. Como lições aprendidas, ser independentes e ter autonomia.

Museu Mangue do Coque (Recife/PE)

2009	2010	2011	2012	2013
Início do projeto Ponto de Memória. 2ª Teia — Fortaleza. Oficina do Ibram: Museu, Memória e Cidadania. Criação do Conselho Gestor com 50 pessoas.	Oficina do Ibram. 3ª Teia no Museu da Maré. Sumiram os voluntários. Ausência do Ibram. Acaba o Conselho. Plano de ação.	Formação do Conselho com sete pessoas. Oficina com Museu da Abolição.	Formação do Conselho com sete pessoas. Oficina com Museu da Abolição. Pesquisa na comunidade. Visita do Adriano do Ponto de Memória do GBJ.	5/12 — Exposição

Os representantes do Ponto de Memória Museu Mangue do Coque apontaram como conquistas a legitimidade e o reconhecimento do museu por parte da comunidade; a conquista do CNPJ; o nascimento – concretização – profissionalização – oficinas do Ponto; e a musealização do Coque. Quanto às barreiras e dificuldades, as mudanças na equipe do Ibram

e do MinC, a burocracia, o primeiro módulo do Conselho Gestor que não funcionou e a disputa interna pelo poder. No que se refere às lições aprendidas, acreditam que é necessário ter uma postura mais proativa diante do Ibram, o qual deveria estar mais presente, e que a composição do Conselho Gestor seja mais enxuta.

 Museu Cultura Periférica (Maceió/AL)

2003	2008	2009
CEPA — Centro de Apoio da Universidade Quilombo.	Ideia de um Mirante Cultural. Atividades paralelas: vila dos Pescadores, quintal, núcleo zona sul. Estado quer retirar os pescadores de uma área turística para hotelaria. Falta de um espaço para se encontrar. Nos ensaios a polícia fazia “batida” nos participantes.	Ideia de um Mirante Cultural. Atividades paralelas: vila dos Pescadores, quintal, núcleo zona sul. Estado quer retirar os pescadores de uma área turística para hotelaria. Falta de um espaço para se encontrar. Nos ensaios a polícia fazia “batida” nos participantes.

2010	2011	2012	2013
2ª Teia. Vários acontecimentos. Resgate das ações e esforço para reunir todo o registro. Lutas por água, calçamento, transporte. Pessoal da Cultura sempre lutando para conquistas na comunidade. Entrevistas com moradores zona sul: Vila E.; Vila D.P.	Exposição de fotos; semana cultural para divulgar o museu na comunidade.	Chá de Memória; formação dos membros do Conselho. Estamos localizados na internet.	Chá de Memória; formação dos membros do Conselho. Estamos localizados na internet.

Contar a história da comunidade; fortalecer o sentimento de pertencimento, luta e resistência no território; valorizar as identidades e os talentos dos seus membros foram as conquistas destacadas pelo Ponto de Memória do Museu Cultura Periférica. As dificuldades e barreiras encontradas foram a ausência de um espaço físico; o trabalho voluntário (dificuldade de participação integral); o acúmulo de trabalho para as pessoas diretamente envolvidas; e a falta de apoio da prefeitura e do Estado. Quanto às lições aprendidas, não começar o trabalho sem estrutura material e emocional. É preciso contar a história!

Os participantes foram divididos em dois semicírculos: o interno reservado aos peixes (com voz e ouvido) e o externo reservado ao aquário (dois ouvidos para treinar a escuta ativa).

No círculo interno também foi reservada uma cadeira para intervenção pontual de representantes do aquário. A discussão foi realizada em duas rodadas:

1ª Rodada: peixes (representantes dos Pontos de Memória) e aquário (Ibram e observadores).

2ª Rodada: peixes (Ibram) e aquário (representantes dos Pontos de Memória e observadores).

2- METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DOS 12 PONTOS DE MEMÓRIA

Metodologia Aquário

A avaliação se desenvolveu por meio de questões orientadoras, com as respostas sintetizadas em tarjetas e a organização das ideias em painel.

Questão 01, formulada para os representantes dos 12 Pontos: De que forma trabalhar com a memória, por meio do projeto “Pontos de Memória”, contribuiu para o alcance das conquistas apresentadas nas Linhas do Tempo da iniciativa?



Fortalecimento como grupo em torno de uma linguagem, comum: Museologia Social

Tarjetas individuais que subsidiaram a síntese:

- Organicidade;
- Contatos com outros;
- Relação de companheirismo;
- Participações nas redes colaborativas (acesso ampliou relações);
- Linguagem da Museologia Social, em geral;
- Fortalecimento organizacional da rede — praxis;
- As ações educativas eram baseadas em projetos individuais; após a formação e construção do projeto, a comunidade envolveu-se no inventário participativo.

Visibilidade institucional que cria credibilidade para os Pontos de Memória

Tarjetas individuais que subsidiaram a síntese:

- Respaldo institucional do Ibram nos fomentos do MUF-RJ;
- O apoio do Ibram tornou-se um “cartão de visita” na busca por novos parceiros;
- Visibilidades nacional e internacional;
- Ibram no processo “oficializou” a importância do tema “memória”;
- Deu projeção à discussão sobre a “história local”.

Valorização, afirmação e fortalecimento das identidades das comunidades dentro do território

Tarjetas individuais que subsidiaram a síntese:

- Mais argumento de valorização para a comunidade;
- Aproximou os grupos/comunidade;
- Resgate e valorização da memória/valores;
- Ferramenta de mobilização e articulação comunitária;

- Fortaleceu a dignidade do cidadão, respeito e resgate social.

- Promoveu a ação comunitária;
- Impulsionou o resgate da identidade local;
- Afirmações, identidades territorial e social;
- Despertou a Mística — ressignificação dos sentidos;
- Serviu de Instrumento de mobilização.

Potencialização e sistematização das ações de forma mais orientada

Tarjetas individuais que subsidiaram a síntese:

- Efetivar as ações;
- Ajudou a colocar a ideia em ação, de forma mais orientada;
- Sistematização das ações;
- Oficinas ajudaram a juntar as pessoas da comunidade;
- Informação no quesito memória;
- Material (infraestrutura para materializar ideais);
- Equipamentos para armazenar acervos.

Instrumento de transformação

Tarjetas individuais que subsidiaram a síntese:

- Ajudar no combate à violência e ao uso de drogas;
- Instrumento para acessar e trabalhar com jovens;
- Contribuir na educação, ajudando a fazer a história da comunidade ser inserida na grade de ensino.

Questão 02, formulada para os representantes dos 12 Pontos: Quais dificuldades foram encontradas para implementar a metodologia proposta pelo Ibram?

(Para essa questão, as tarjetas foram organizadas em blocos temáticos, mas não foi possível elaborar uma síntese em conjunto. Os temas abaixo foram propostos pela relatoria, apenas para efeito de melhor organização.)

Tema: Relação Ibram — Pontos de Memória

- Os processos foram realizados com brechas/vácuos durante a execução (exemplo: algumas oficinas do Ibram);
- Falta de técnicos da área de Museologia nos Pontos;
- Termos técnicos utilizados pelo Ibram dificultaram o entendimento da metodologia;
- Pouco intercâmbio entre os 12 Pontos;
- Pouca comunicação com o Ibram — falta de experiência;
- Pouca proximidade do Ibram com os Pontos;
- Falta de técnicos do Ibram na orientação, avaliação e suporte nas ações dos Pontos de Memória;
- Falta de conhecimento técnico museológico nos Pontos.
- No começo, dificuldade de entender o objetivo e metodologia do projeto. Falta de estrutura e recurso financeiro;
- Distância do Ibram com a Região Sul do país. Proposta: sucursal sul.

Tema: Infraestrutura

- Falta estrutura em dinheiro para os Pontos;
- A estrutura física falha no local.

Tema: Responsabilidade em ser piloto associada às dificuldades internas do Ibram

- Timidez ligada à responsabilidade de ser piloto — não tinha metodologia pronta, foi sendo construída ao longo do processo;
- Burocracia emperra processos;
- Não ter instrumento de repasse;
- Mudanças/rotatividade na equipe do Ibram;
- Divergências de entendimento do Programa dentro do Ibram;
- Composição de banco de dados sobre Pontos precisa ser aperfeiçoada.

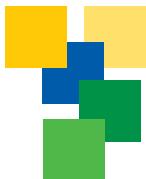
Tema: Consultores e pessoal local para os Pontos

- Falta de pessoal com dedicação exclusiva para os Pontos;
- Muita exigência de qualificação para o consultor local.

Tema: Outros

- Ausência de mecanismo que articule o conhecimento teórico e o saber local;
- Redes ainda em frágil articulação.
- Dificuldade em participar dos editais do Ibram;
- Necessária maior integração do Ibram com governos estaduais e Prefeituras municipais;
- Convite à participação de apenas uma pessoa por Ponto, nos encontros.
- Deve prever a contratação de uma pessoa do local para atuar com o consultor do Ibram.

Questão 01, formulada para a equipe técnica do Ibram: Como os 12 Pontos de Memória ajudaram o Ibram a cumprir sua missão de trabalhar com Museologia Social?





Tema: Memória como elemento aglutinador

- Memória como aglutinadora de diversas causas das comunidades;
- Diversidade: Pontos de Memória são atravessados por diversas causas sociais e agentes comunitários em torno de um mesmo objetivo;
- Empoderamento das comunidades por meio da Museologia Social;

Tema: Centralidade dos Pontos no debate institucional sobre Museologia Social

- Participaram continuamente da concepção das diretrizes do programa, a partir de demandas comunitárias nesse processo;
- Promoção de um diálogo e de uma aprendizagem conjunta;
- Centralidade dos Pontos para a execução da missão do Ibram na área de Museologia Social;
- Para abrir e ampliar o debate institucional sobre a importância da Museologia Social (Teia);
- Exigiu a reflexão interna sobre o tema;
- Convergência entre o pensar e o executar as ações do setor museal;
- A trajetória dos Pontos vai ao encontro das questões voltadas para a missão do Ibram;
- Exercitaram uma metodologia pensada internamente, evidenciando seus limites (a prática);
- Agiram de acordo com o que se espera dos movimentos sociais — cobrança por políticas públicas e sem paternalismo.

Tema: Concretização de uma proposta metodológica — desafios de serem projetos piloto

- Materialização / concretização de uma proposta metodológica;
- Aproximou a teoria (elaborada dentro do âmbito da construção de um plano governamental) à prática, evidenciando as dificuldades/desafios dessa construção;

- Amadurecimento e sistematização de uma metodologia de musealização de base comunitária;
- Implementação da metodologia inédita construída em parceria;
- Aceitaram o papel de serem pilotos na implementação dessa metodologia;
- Legitimou as ações de memória social desenvolvidas pelos Pontos de Memória;
- Concretização de resultados a partir do uso das ferramentas da Museologia Social;
- Apontaram a necessidade da construção de uma política de Estado que garanta o direito à memória. Evidenciaram que o campo objeto do projeto (programa) era (é) muito maior e mais complexo do que o imaginado;
- Elaboração de instâncias de gestão colaborativa/participativa.

Questão 02, formulada para a equipe técnica do Ibram: Quais as barreiras/dificuldades que o Ibram teve para implementar a metodologia proposta aos 12 Pontos de Memória?

Tema: Recursos humanos e financeiros

- Rotatividade no quadro de servidores + ausência de memória sistematizada das ações do programa + informações/memória guardadas e organizadas embora não sistematizadas;
- Descontinuidade na gestão;
- Ainda não é política de Estado, só de governo, sofrendo muitas mudanças de direção;

Tema: Equipe

- Dificuldade de consenso na definição de conceitos operativos;
- Falta de continuidade nos processos e de conhecimento dos marcos teóricos e metodológicos;

Tema: Dificuldades na operacionalização e processos internos do Ibram

- Demora na transferência de recursos;
- Burocratização do Estado e hierarquização excessiva do Ibram;
- Conciliar as distintas lógicas (burocracia x movimentos sociais);
- Desgaste junto aos Pontos relacionadas à consultoria;
- Dificuldade de articulação das áreas do Ibram;
- A intrincada estrutura jurídica que rege a administração pública;
- O fato de essa ser uma experiência inédita no âmbito da instituição.

Tema: Comunicação e articulação

- As dificuldades de comunicação entre Pontos e Ibram e vice-versa;
- Falta de articulação com outros projetos, programas ou movimentos sociais (locais, regionais e nacional);
- Falta de incentivo para que busquem outros espaços de reconhecimento das tecnologias sociais desenvolvidas pelos Pontos de Memória;
- Desarticulação política no campo museal.

Tema: Política / iniciativa inovadora de governo

- As políticas públicas de cultura no Brasil foram só recentemente iniciadas;
- Política inaugural.

Tema: Desafios e ideias

- Trabalhar em uma perspectiva exponencial como política pública, inclusive para minimizar as dificuldades de comunicação entre Pontos e Ibram e vice-versa;
- Oficinas para elaboração de projetos para o edital Pontos de Memória;
- Cobrar a implementação dos termos do Projeto Conexões Ibram.

3- LEVANTAMENTO DE PROPOSTAS E RECOMENDAÇÕES PARA O PROGRAMA PONTOS DE MEMÓRIA

Metodologia: Café Mundial

A discussão sobre as propostas para o futuro do programa ocorreu em um ambiente descontraído, em cinco mesas “do café”. Cada mesa focalizou a discussão de uma dimensão do programa. Os participantes trocavam de mesa a cada rodada, permanecendo apenas o “anfitrião”, responsável por receber o novo grupo e explicar as propostas já levantadas pelo grupo anterior.

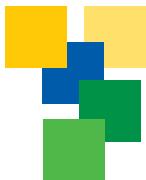
Tempo das rodadas:

- 1a) 40 minutos;
- 2a) 20 minutos;
- 3a) 20 minutos;
- 4a) 15 minutos; e
- 5a) 15 minutos.

O Café Mundial encerrou-se na parte da manhã. À tarde, o resultado final das mesas foi apresentado e discutido em plenária.

Dimensão: Sustentabilidade dos Pontos de Memória

- Mapear e buscar articulações com projetos e programas de outros órgãos como Secretaria de Economia Solidária e Secretaria de Economia Criativa.



– Completar o ciclo de oficinas nos 12 Pontos, priorizando seu papel de multiplicadores da metodologia.

– Buscar o compromisso dos museus do Ibram com o Programa Pontos de Memória a partir de indicação de servidores para atuarem como pontos focais do programa e capacitados para aplicarem oficinas e atuarem como articuladores regionais das iniciativas de Museologia Social. Observação: essa proposta não é consenso, com questionamentos sobre a escola formativa dos museus tradicionais, nem sempre alinhados com os princípios da Museologia Social (merece maior tempo para aprofundar a questão).

– Participação de um representante dos Pontos de Memória nas reuniões de elaboração do edital e no acompanhamento dos processos.

– Formação de equipes mistas (DDFEM — Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus / DPMUS — Departamento de Processos Museais) para acompanhamento dos editais dos Pontos de Memória, do início ao fim, com o compromisso de levar ao Ibram as sugestões dos representantes dos Pontos de Memória.

– Efetivar trocas e arranjos, promover intercâmbios presenciais e pensar as condições afetivas e efetivas de existência e permanência da ação, inclusive pensar sustentabilidade para além da financeira (essa reflexão merece destaque nos momentos de intercâmbio).

– Formalizar a parceria institucional entre o Ibram e os cursos de Museologia do Brasil, valorizando a Museologia Social.

– Realizar oficinas de capacitação e acompanhamento sobre a institucionalização (ou não) dos Pontos de Memória.

– Prever consultoria para articular e consolidar (efetivar) parcerias público-privadas (exs.: universidades, museus privados, Banco do Brasil, Petrobras, BNDES). Obs.: esse tema também requer maior aprofundamento para definir melhor o papel dessa consultoria.

– Contratação de consultoria para realização de oficinas de capacitação em captação de recursos.

– Acompanhar os 12 Pontos no acionamento das Secretarias (Secretarias de Cultura) por Estado, para a regulamentação dos termos firmados no âmbito do Conexões Ibram.

– Mobilizar os 12 Pontos para captação de recursos (emendas parlamentares) junto às Câmaras Legislativas.

– Realizar oficinas de capacitação para elaboração de projetos para participação no edital dos Pontos de Memória.

– Ter o conceito “Ponto de Memória” como princípio e marco/quesito de enquadramento aos editais de fomento.

Dimensão: O papel dos 12 Pontos de Memória (suas experiências) na expansão do Programa Pontos de Memória

– Compromisso na expansão do Programa, buscando o fortalecimento das ações das comunidades.

– Contribuir no mapeamento e identificação de experiências comunitárias em memória social e processos sociais de memória e Museologia Social.

– Replicador e difusor de metodologias e tecnologias sociais em processos formativos.

– Capilarizador de potencialidades em memória social e Museologia Comunitária nas redes sociais.

– Articulador regional/estadual de experiências premiadas.

– Apoiar os consultores na formação das redes de memória.

– Divulgar nacionalmente, com o apoio do Ibram, o resultado dos trabalhos dos 12 Pontos (a experiência dos 12 Pontos para dar visibilidade à Museologia Social).



- Elaborar uma publicação (cartilha), com apoio do Ibram, sobre a experiência de cada ponto.

- Resgatar e divulgar a Carta de Princípios dos Pontos de Memória.

- Realizar intercâmbio de saberes, aproveitando práticas, talentos dos pontos, para orientar novas experiências.

- Contribuir para a organização de um banco de dados, por meio de levantamento e diagnóstico de saberes e fazeres para cooperação entre Pontos.

- Contribuir ativamente para a consolidação do Programa como política pública.

- Apoiar os consultores temáticos e regionais na conformação das redes e sistemas.

Dimensão: Redes, articulações e parcerias

- Envolver de forma propositiva os consultores contratados pelo Programa Pontos de Memória junto aos 12 Pontos, para construção de planos gestores das experiências, como mecanismos metodológicos (planos museológicos participativos).

- Replicar a lógica (de mecanismo) do Projeto Conexões Ibram no contexto do Programa Pontos de Memória, com os Pontos articulados em parceria, com recursos materiais, financeiros e logísticos (ex.: junto a governos estaduais e municipais).

- Consolidar parcerias locais e pautar projetos de leis municipais a partir do auxílio inicial do Ibram (auxílio no contato e interlocução inicial).

- Fazer articulação local, municipal, estadual de Pontos de Memória e iniciativas de Museologia Social rumo às redes, como estratégia de fortalecimento, com o poder de pautar o poder público (criar demandas), troca de experiências

e cooperação (criação de espaços autônomos).

- Rede: realizar intercâmbio entre os 12 Pontos.

- Desenvolvimento local sustentável (tentar buscar outras parcerias sem substituir o papel do Estado — não ao Estado mínimo!).

- Utilizar as redes para potencializarem a formação colaborativa (fortalecer agentes comunitários locais).

Dimensão: Institucionalização dos Pontos de Memória

- O Programa Pontos de Memória obrigatoriamente deve se institucionalizar, virar política de Estado.

- Os Pontos de Memória devem ter autonomia e apoio para analisar e decidir sobre sua formalização (CNPJ) ou não.

- Executar ação conjunta, junto à Secretaria de Economia Criativa (SEC/MinC), prevista no Plano de Políticas, Diretrizes e Ações de 2011/2014 do Ibram/MinC.

- Ter apoio técnico e incentivo à formação de redes para apoiar a institucionalização (formalização) dos Pontos.

- Pensar alternativas à institucionalização, como a parceria com uma instituição já existente na região.

- Refletir sobre o desafio de se institucionalizar sem perder a força do movimento, da mobilização social, do debate público (recomendação: conhecer outros movimentos sociais que passaram pela experiência de se institucionalizar: Exs.: MST, Movimento Indígena).

- Ter a formalização como instrumento de sustentabilidade (estatuto, regimento...).

- Avaliar prós e contras da institucionalização (de acordo com cada realidade).

- A institucionalização é importante para dar visibilidade e reconhecimento institucional aos Pontos; é um instrumento para captação de recursos; favorece a formação de parcerias; aumenta responsabilidade dos conselheiros.

Tema: Espaço Aberto — temas transversais ou não contemplados nas outras mesas

- Criar critérios de pontuação/desempate nos editais do Ibram que privilegiem os 12 Pontos de Memória Pioneiros e as iniciativas de memória que tenham existência longa e contínua.

- Consolidar a formação em rede (oficinas) como estratégia de empoderamento dos agentes de memória locais.

- Execução de um plano de atividades 2014 para cada Ponto de Memória, com o apoio do Ibram.

- Melhorar a comunicação entre os Pontos e o Ibram (pensar em algum sistema).

- Priorizar a implementação da gestão compartilhada/participativa do Programa Pontos de Memória.

- Conhecer melhor a ferramenta de Planejamento Estratégico e adotá-la, se for adequada à realidade dos Pontos, como um instrumento para o fortalecimento e maior estabilidade dos pontos.

- Que o Ibram proponha ou recomende políticas públicas estaduais para Pontos de Memória.

- Incorporar transversalmente as questões relacionadas à sustentabilidade ambiental nas ações desenvolvidas pelos Pontos.

Encerramento do Encontro

O encerramento do encontro contou com as presenças da então diretora do Departamento de Processos Museais (Depmus), Luciana Palmeira, e do presidente do Ibram, Angelo Oswald.

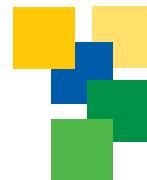
Após as falas da coordenadora do Programa Pontos de Memória, Cinthia Oliveira e da diretora Luciana Palmeira, uma representante dos Pontos de Memória apresentou uma síntese das propostas; a seguir, ocorreu um diálogo entre o presidente do Ibram e os representantes dos Pontos de Memória sobre os desafios e potencialidades da fase de expansão do programa.

Avaliação do encontro

A avaliação foi realizada por meio de fichas preenchidas pelos participantes e sistematizadas abaixo e também por meio de uma dinâmica em que cada participante escreveu uma palavra que simbolizasse um “fruto colhido no encontro” — esse fruto foi fixado em uma grande árvore colada na parede.

Frutos Colhidos:

Ânimo, diálogo e troca, viva o coletivo. Conhecimento, resistência, entendimentos, continua a expectativa, a espera... O que vai acontecer com os Pontos de Memória? Fortalecimento, reconhecimento, partilha, alta estima e confiança, esperança, realização.



Posfácio



Manuelina Maria Duarte Cândido

Diretora do Departamento de Processos Museais (Dpmus)

Este livro consolida uma memória de um programa fundamental para o Instituto Brasileiro de Museus, a partir do registro e da avaliação realizados pelo olhar não institucional dos 12 Pontos de Memória Pioneiros.

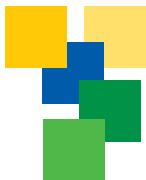
O texto que está a sua frente foi, portanto, construído por muitas mãos, como todo o Programa Pontos de Memória, que ao fim e ao cabo identifica e dissemina metodologias da Museologia aplicadas a realidades muito diversas, mas que têm em comum os desafios sociais, o vigor de suas memórias e identidades, os anseios de se serem representados no contexto maior da memória brasileira. Comunidades que, em um movimento de duplo sentido, inspiraram e foram inspiradas pelas instituições museológicas brasileiras e pelo Instituto Brasileiro de Museus a consolidar essas memórias como esteio para ações visando a sua valorização, empoderamento e desenvolvimento.

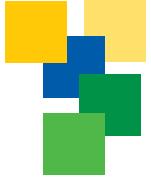
Integrado com a Política Nacional de Museus e o Plano Nacional Setorial de Museus e amparado por muitos anos pela existência de um Projeto de

Cooperação com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), conhecido como PRODOC Pontos de Memória, o programa é hoje instado a trilhar novos caminhos.

Nesse momento o Ibram trabalha especialmente pelo fortalecimento das redes de iniciativas e Pontos de Memória e Museologia Social, compreendendo que essa articulação é fator fundamental para as trocas entre as diferentes experiências e autonomia das iniciativas.

Fora do Brasil, o interesse pela experiência da nossa Museologia Social de maneira mais ampla e pelos Pontos de Memória em específico é notável. Era fundamental preparar o fechamento do ciclo que se encerrará com a finalização do PRODOC, com a realização desta publicação há tanto tempo desejada e planejada, bem como fazê-lo com essas características: um livro com versões em espanhol e em inglês, com tiragem impressa, mas também preparado para divulgação em meio digital, que queremos fazer chegar aos mais diferentes





contextos e contribuir para ampliar o debate sobre o papel social e o potencial de inovação da Museologia, as formas de fazer museus e de trabalhar as memórias.

Um livro dedicado a experiências diversas no campo da Museologia Social não podia deixar de ser multivocal. Na América Latina e no Brasil, inúmeros atores contribuíram para semear lá atrás o que podemos ver florescer agora em nossos museus e Pontos de Memória. Para citar apenas duas das muitas inspirações, não posso deixar de falar da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972 e do pensamento de Waldisa Rússio, impulsionando os museólogos a serem trabalhadores sociais.

Agradeço a todos que contribuíram com seus textos e reflexões, que trazem a público alguns aspectos especialmente do início do programa Pontos de Memória, e que indicam um mote para que outras avaliações e registros do programa, bem como das diferentes realidades e experiências dos Pontos de Memória sejam elaborados. Há muitos sujeitos envolvidos tanto nas comunidades como

no Instituto Brasileiro de Museus com essa trajetória, e muitos dos atores já estão em outros percursos mas deixaram suas importantes contribuições. Desejo agradecer a todos eles em nome de um sujeito em especial, o museólogo Mario Chagas, que como um militante e mestre da poesia que também é, soube encantar e inspirar diferentes grupos sociais a descortinarem o poder da memória e a ferramenta museu como instrumento de transformação.

Em nome do Departamento de Processos Museais do Ibram, convido os leitores que conheceram um pouco mais dessas múltiplas possibilidades de construção de memórias e identidades a amplifiquem-nas em suas práticas, a partir da ideia de “ecologia dos saberes” e de um permanente diálogo com diferentes atores. São experiências baseadas nessas premissas e no caráter transformador dos museus que tanto têm contribuído para apresentar o Brasil ao mundo como celeiro de uma Museologia singular, conectada com o presente e necessária para o futuro.



Créditos das Imagens

Ponto de Memória da Grande São Pedro (p. 18-19)

Créditos: Acervo do Ponto de Memória da Grande São Pedro.
Autorização de uso concedida por João Bispo Júnior.

Ponto de Memória Museu do Taquaril (p. 20-22)

Créditos de Imagens: Acervo do Ponto de Memória Museu do Taquaril
Autorização de uso concedida por Leila Regina da Silva.

Museu Social da Brasilândia (p. 24-27)

Créditos das imagens: Acervo do Museu Social da Brasilândia.
Autorização de uso concedida por Leandro Batista e Kleber Silva Júnior.

Museu Cultura Periférica (31-33)

Créditos das Imagens: Acervo do Museu Cultura Periférica.
Autorização de uso concedida por Viviane Conceição Rodrigues.

Ponto de Memória do Beiru (p. 34-35)

Créditos das imagens: Acervo do Ponto de Memória do Beiru.
Autorização de uso concedida por Roberto Freitas.

Museu Mangue do Coque (p.35-36)

Créditos das imagens: Acervo do Ponto de Memória Museu Mangue do Coque.
Autorização de uso concedida por Vanessa Francisca da Silva.

Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro (42-43)

Foto 1: Márcia Vargas; Foto2: Ibram; Foto 3: Ibram; Foto 4: Acervo do Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro.

Autorização de uso cedida por Cláudia Feijó, Teresinha Beatriz Medeiros e Márcia Vargas.

Ponto de Memória da Terra Firme (44-48)

Créditos das imagens: Acervo do Ponto de Memória de Terra Firme.
Autorização de uso cedida por Francisca Rosa dos Santos e Mário Alberto Quadros.

Ponto de Memória do Grande Bom Jardim (p.49-58)

Foto 1: Acervo do Ponto de Memória do GBJ; Foto 2: Acervo do Ponto de Memória do GBJ; Foto 3: Geovah Meireles; Foto 4: Lavinia Santos; Foto 5: Acervo do Ponto de Memória do GBJ; Foto 6: Acervo do Ponto de Memória do GBJ; Foto 7: Acervo do Ponto de Memória do GBJ; Foto 8: Igor Graziano; Foto 9: Igor Graziano.

Autorização de uso cedida por Neiliane Bezerra, Regina Severino, Ícaro Martins, Miguel Neto, Adriano Almeida, Raimundo Moreno, Maria Lima e Marleide da Silva.

Ponto de Memória da Estrutural (p.64-67)

Créditos das imagens: Acervo do Ponto de Memória da Estrutural.

Autorização de uso concedida por Caroline Soares, Deuzani Noletto, Coracy Coelho e Maria de Abadia Jesus.

Museu de Favela - MUF (69-70)

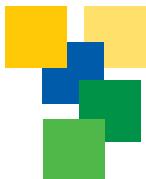
Créditos das imagens: Acervo do MUF.
Autorização de uso concedida por Sidney Silva.

Museu de Periferia (73-74)

Créditos das imagens: Acervo do Museu de Periferia.
Autorização de uso concedida por Palmira de Oliveira.

Teias da Memória (p. 77)

Créditos das imagens: Acervo Ibram





Ministério da
Cultura

